

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA
COMUNICAÇÃO
MESTRADO

DIEGO DE CARVALHO

JORNALISMO DE MULTIDÃO:
A RESISTÊNCIA DA REDE INDYMEDIA

SÃO LEOPOLDO

2011

DIEGO DE CARVALHO

**JORNALISMO DE MULTIDÃO:
A RESISTÊNCIA DA REDE INDYMEDIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Orientadora: Prof. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco

São Leopoldo

2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C331j Carvalho, Diego de.
 Jornalismo de multidão : a resistência da rede Indymedia /
 Diego de Carvalho. – 2011.
 146 f. ; 29 cm.

 Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos
 Sinos, 2011.
 Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Beatriz Alcaraz Marocco.

 1. Comunicação Social. 2. Jornalismo Eletrônico. 3.
 Indymedia. 4. Cibercultura. I. Título. II. Marocco, Beatriz
 Alcaraz.

CDU 070.19

Bibliotecária Responsável: Deisi Hauenstein CRB-10/1479

ATA DA SESSÃO DE ARGUIÇÃO PÚBLICA Nº 016/2011

Aos dezoito dias do mês de abril de dois mil e onze, realizou-se na Sala de Palestras do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, a sessão de *Arguição Pública da Dissertação* “**JORNALISMO DE MULTIDÃO: A RESISTÊNCIA DA REDE INDYMEDIA**” apresentada pelo aluno **Diego de Carvalho**, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, nível Mestrado, à Comissão Examinadora constituída pelos professores doutores *Giuseppe Mario Cocco* (UFRJ), *Christa Berger* (UNISINOS) e *Beatriz Alcaraz Marocco* (Orientadora). Desenvolvidos os trabalhos nos termos da Norma Interna nº 01/03 e registrados os resultados nas Planilhas de Avaliação, a Comissão atribuiu ao aluno, o grau*10,0*....

Comissão Examinadora:

Giuseppe Mario Cocco
Christa Berger
Beatriz Alcaraz Marocco (Orientadora)

[...] cada corpo é uma multidão. Cruzando-se na multidão, cruzando multidão com multidão, os corpos se misturam, se tornam mestiços, se hibridizam, se transformam [...]. As metafísicas da individualidade (e/ou da pessoa) constituem uma mistificação assustadora da multidão dos corpos. Não há possibilidade de um corpo estar só. [...]. Quando se define o homem como indivíduo, quando o consideramos como fonte autônoma de direitos e propriedades, o tornamos só. Mas o próprio não existe, a não ser em relação com o outro. [...]. Do ponto de vista do corpo, pelo contrário, não há outra coisa a não ser relação e processo. O corpo é trabalho vivo, portanto, expressão e cooperação, portanto construção material do mundo e da história.

Antonio Negri

RESUMO

Esta dissertação busca relacionar o conceito de multidão de Antonio Negri e Michael Hardt e o *indymedia center* – rede global de coletivos de mídia independente – para a criação de conceito, o de jornalismo de multidão. O conceito proposto se refere à resistência principalmente às mídias hegemônicas. O *indymedia* é feito pela multidão, os grupos de resistência dos pobres e os movimentos por outra globalização, e ele faz multidão, por tentar criar território a-centrado. Pensado assim, o *indymedia* é mapa aberto a inúmeras singularidades, o que nos remete ao nosso problema: quais são os elementos do mapa da resistência permitido pelo *indymedia*? A dissertação faz duplo movimento: pesquisa teórica de autores da crítica, como Antonio Negri, Michael Hardt, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Giuseppe Cocco; e pesquisa de documentos da rede *indymedia*. As relações entre esses dois movimentos permitem com que o jornalismo de multidão seja continuidade dessas teorias no campo das mídias.

Palavras-chave: Multidão. Devir. Indymedia. Cibercultura. Jornalismo.

ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to link Antonio Negri and Michael Hardt's concept of crowd to *indymedia center* - a global network of independent media - to create a new concept: the concept of "crowd journalism". The suggested concept refers especially to the resistance to the hegemonic media. Indymedia is made by the crowd, by resistance groups of the poor and by movements for a different globalization and it makes crowd, by trying to create a non-centered territory. Thus, Indymedia is an open map of countless uniquenesses, what directs us to our problem: what elements of the resistance map are enabled by Indymedia? The dissertation passes by two topics - theoretical research in authors of the criticism, like Antonio Negri, Michael Hardt, Gilles Deleuze, Félix Guattari and Giuseppe Cocco; and research of documents of Indymedia network. The links between these topics allow "crowd journalism" to be the continuity of these theories in media fields.

Keywords: Crowd. What is to come. Indymedia. Cyberculture. Journalism.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	8
2 RELAÇÕES ENTRE CONCEITOS DE NEGRI E HARDT E O INDYMEDIA CENTER	18
2.1 MULTIDÃO, MASSA, POVO E CLASSE.....	18
2.2 IMPÉRIO E SOCIEDADE DE CONTROLE.....	21
2.3 RESISTÊNCIAS	23
2.3.1 Genealogia das resistências.....	27
3 RELAÇÕES ENTRE CONCEITOS DE DELEUZE E GUATTARI E O INDYMEDIA CENTER	33
3.1 DEVIR-POBRE DO JORNALISMO.....	39
3.1.1 Pobreza como potência.....	40
3.1.2 Exclusão dos pobres pelo jornalismo	43
4 TEORIAS DA CIBERCULTURA	47
4.1 MÍDIAS E RESISTÊNCIAS	47
4.2 MÍDIAS COLABORATIVAS	50
4.3 PODER DA COMUNICAÇÃO E PODER DA INFORMAÇÃO.....	54
4.4 JORNALISMO PARTICIPATIVO.....	56
5 SOBRE A PESQUISA DO INDYMEDIA	60
6 ANÁLISE DO CMI-BRASIL	64
6.1 INTRODUÇÃO AO FUNCIONAMENTO DO CMI-BRASIL	64
6.2 REDE INTERNA DE COLABORAÇÃO	67
6.3 REDE INTERNA DE COLABORAÇÃO DO COLETIVO EDITORIAL	69
6.4 COLETIVO EDITORIAL COMO REDE ABERTA	81
6.5 NOVAS RELAÇÕES ENTRE AS SINGULARIDADES.....	85
7 FUNCIONAMENTO DA REDE INDYMEDIA: COLETIVOS EUROPEUS E A COBERTURA DA COP15	89
7.1 FUNCIONAMENTO DA REDE INDYMEDIA	91
7.1.1 Indymedia DK.....	91
7.1.2 Indymedia UK e Indymedia London	93
7.1.2.1 Indymedia UK	94
7.1.2.2 Indymedia London.....	96
7.2 COBERTURA DA COP15	98
7.2.1 Primeiros relatos da COP15	101
7.2.2 Entremeio: narrativa inaugural.....	104

7.2.3 Acontecimentos principais	109
7.2.4 Pós-COP15	121
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	125
REFERÊNCIAS	127

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nosso objeto de estudo se constitui na exploração do *indymedia center*¹ – rede global de coletivos de mídia independente –, em seu parentesco com as teorias da crítica contemporânea de Antonio Negri, Michael Hardt, Gilles Deleuze, Félix Guattari e Giuseppe Cocco. Temos como objetivo geral a criação de conceito, o de jornalismo de multidão, sendo que, para isso, nos propomos a fazer agenciamento, conexão, relação entre o *indymedia* e essas teorias, além de observação de documentos e discursos para análise da organização da rede.

Qualificamos o jornalismo de multidão como sendo de resistência, pois o conceito de multidão é conceito de resistência. A multidão de Negri e Hardt se refere às linhas de fuga da contemporaneidade frente à ordem global hegemônica, o Império, que anunciam uma nova realidade. Parte dessas linhas de fuga concerne aos sujeitos sociais que produzem o *indymedia*, os pobres e os movimentos por outra globalização. Tentamos com o conceito de jornalismo de multidão mapear resistências da multidão, principalmente no campo das mídias. Por isso perguntamos, um dos problemas mais importantes da pesquisa: Quais são os elementos do mapa² da resistência contemporânea formado pelo *indymedia*?

Também percebemos inúmeras relações entre o conceito de multidão e o *indymedia*: a rede é inclusiva, tenta não excluir singularidades da multidão, o que é visto em sua organização aberta para muitos e na produção de notícias aberta para todos. A multidão por ser inclusiva nega os sujeitos políticos legitimados pela tradição, como a classe e o povo e, principalmente, coloca os pobres em posição privilegiada. Vemos a exclusão dos pobres no jornalismo. Assim o *indymedia* resiste ao jornalismo e a ordem mundial que trata os pobres como vidas que não merecem ser vividas. A pobreza como resistência terá parte de um capítulo dedicada a ela.

¹ Ao longo do texto, usaremos a sigla CMI-Brasil para o coletivo brasileiro e a designação *indymedia DK* (Dinamarca), *UK* (Reino Unido), *London*, etc para os outros centros. Já a rede como um todo será indicada apenas como *indymedia*. É reconhecido que Capitalismo Mundial Integrado (CMI) é conceito de Guattari (1987, 2005, 2007), autor aqui trabalhado.

² Neste caso o “mapa” diz respeito ao território composto pelo *indymedia* e as resistências. Chamamos de mapa por ser composto por inúmeras linhas, as singularidades, que também fazem parte de outros mapas. No capítulo três usaremos outro conceito de mapa, criado por Deleuze e Guattari, para pensar o *indymedia*. O mapa dos autores é composto também de linhas, estas molar e molecular, que fazem parte de um agenciamento. Ou seja, a noção será tratada de duas formas distintas.

Podemos definir o *indymedia* da mesma forma que Negri e Hardt definem seu conceito: rede de singularidades³ que agem em comum mediante colaboração e comunicação. A rede é forma com potencial que impede centralizações e a colaboração é alternativa a relações de poder. Como veremos no próximo capítulo, a rede é a forma das resistências contemporâneas. Outra aproximação é o confronto citado com o poder global. Ou seja, a insurgência não se limita às fronteiras nacionais. O *indymedia* é rede global, como também é singularidade midiática dos movimentos por outra globalização.

Outra relação possível se dá, pois o *indymedia* é território de produção (não apenas noticiosa) e neste território tenta criar projeto (político), no qual as singularidades se mantenham como tal, ou seja, tipo de democracia imanente. Negri e Hardt veem na produção da multidão a possibilidade de criação de projeto constituinte de democracia global absoluta. O comum é o princípio da produção, sua natureza e resultado final. Não há contradição entre singularidade e comum; as singularidades não perdem suas especificidades mesmo agindo em comum. Também a produção envolve a todos, não se limita a relação salarial. Assim, para os autores, as redes produtivas permitem composição política que deveria impedir a soberania, não depender de entidades transcendentais.

Segundo Hardt e Negri (2005, p. 386), em uma das poucas passagens dedicadas ao *indymedia* em *Multidão*, a rede indica o desejo por “democracia global.” E é Pablo Ortellado, teórico-ativista brasileiro, quem aponta o *indymedia* como projeto realizado do movimento por outra globalização. Este “[...] é muitas vezes acusado de não apresentar alternativas concretas ao que contesta. [o *indymedia* faz parte das] alternativas concretas que criamos dentro e contra o capitalismo, como os veículos de comunicação independente, os centros sociais e as cooperativas.” (ORTELLADO; RYOKI, 2004, p. 11).

Escolhemos esses cinco autores, pois todos eles expõem formas de resistência possíveis aos poderes hegemônicos. Negri e Hardt conceituam o poder contemporâneo que concerne à ordem mundial atual, o Império (HARDT; NEGRI, 2005, 2006a), e se aliam a Deleuze para conceituar sua forma social, a sociedade de controle (DELEUZE, 1992a;

³ A expressão singularidade será usada para nos referirmos tanto aos coletivos do *indymedia*, quanto aos sujeitos e grupos que agenciam com eles; Negri define da seguinte forma o conceito: “Na verdade, o conceito de singularidade, assim como o utilizamos na definição de multidão, é um conceito pós-estruturalista. Ou seja, é o conceito de um sujeito que participa de um todo sem ser seu produto, de uma determinação que participa de uma classe sem ser uma função sua, de um trabalhador que produz um produto não abstrato (no qual, portanto, seu trabalho é alienado), mas concretamente expressivo de sua potência. Portanto, quando denominamos a multidão ‘conjunto de singularidades’, falamos em singularidades diferentes, nunca identificadas no conjunto e tampouco nunca consubstanciadas como indivíduos separados. A singularidade é feita do conjunto e faz o conjunto. [...]. O que de fato mantém de pé a singularidade, mesmo quando ela se apresenta sem substância, é sua capacidade constituinte, sua potência.” (NEGRI, 2003, p. 158-159).

HARDT, 2000; HARDT; NEGRI, 2005, 2006a). Como foi dito, a multidão é o projeto de Negri e Hardt que se insurge frente ao poder imperial.

Guattari criou conceito para pensar a ordem mundial global, o de Capitalismo Mundial Integrado (CMI) que não usaremos. No entanto, para ele o CMI era sustentado pela produção de subjetividade feita principalmente pelas mídias. Essa produção é de nosso interesse como também suas linhas de fuga: a re-apropriação das mídias, a pós-mídia. Mas de Guattari o mais importante é o conceito de devir que ele criou conjuntamente com Deleuze.

Cocco (2009), em *MundoBraz*, trata do modelo moderno de crescimento econômico, gerador da brasilianização do mundo. Sua resistência é a experimentação de devir-Brasil do mundo e devir-mundo do Brasil⁴ que se refere à pobreza como potência. Quanto ao conceito de devir de Deleuze e Guattari, ele se choca às oposições binárias e seus estados endurecidos conceitualmente, em que um dos termos é o dominante. Estes conceitos (multidão, devir, potência da pobreza) permitem perceber o funcionamento do processo que afeta o jornalismo de multidão do *indymedia center*.

Devemos falar um pouco sobre como foi feita a pesquisa das teorias acionadas na dissertação. Não demos maior consistência a conceitos de Foucault, entretanto não pudemos deixar de citá-lo, pois os autores que estamos trabalhando têm ligações estreitas com ele. O trabalho de Foucault é exposto em *Império e Multidão*, Foucault trabalhou com Deleuze⁵, e este lhe fez homenagem em livro (DELEUZE, 2005) sobre sua obra. A sociedade de controle foi inicialmente conceituada por Deleuze e apropriada posteriormente por Hardt⁶ (2000), ela seria intensificação da sociedade disciplinar trabalhada por Foucault (1977).

Também os conceitos de biopolítica e biopoder – respectivamente, produção de mundo pela multidão, sua potência, e captura da vida pelo Império – são apropriações de conceituação de Foucault. Estes conceitos são importantes, tanto em *Império*, quanto em *Multidão*, os principais livros de Negri e Hardt usados como referência na pesquisa. Por essas relações, fomos levados a estudo de algumas obras de Foucault, mas não fomos fundo o suficiente para trazê-lo como referência direta.

⁴ O conceito de devir de Cocco é apropriação do conceito de Deleuze e Guattari.

⁵ Foucault e Deleuze participaram do G.I.P. (Grupo de informação sobre as Prisões) no início dos anos setenta. Um dos objetivos era possibilitar que presos pudessem desenvolver suas próprias teorias, os tornando independentes da mediação do intelectual.

⁶ Este texto de Hardt ganha consistência em *Império*, no qual é exposta a sociedade de controle e sua relação com o Império.

A relação entre Hardt e Negri, Deleuze e Guattari é ainda mais estreita: em passagem de *Império*, os autores dizem que a principal obra conjunta de Deleuze e Guattari, *Mil Platôs*, serviu como modelo para o livro (HARDT; NEGRI, 2006a). Não encontramos em *Multidão* nenhuma citação do tipo; porém, *Império* e *Multidão* são as duas primeiras partes de trilogia (a terceira foi lançada no exterior há pouco tempo), portanto não diferem em estilo e os temas de ambos são complementares; assim possivelmente o mesmo pode acontecer com *Multidão*.

Há muitas publicações com edições brasileiras que reúnem esses autores: entrevistas de Negri com Deleuze (DELEUZE, 1992b) e Guattari (2003), e livro de Hardt sobre a obra de Deleuze (1996). De Giuseppe Cocco, poderíamos dizer que *MundoBraz* agencia conceitos de Negri e Hardt, Deleuze e Guattari e de Foucault. Cocco também é importante para a pesquisa, pois parte de sua obra se refere a problemáticas brasileiras, assim concernindo a realidade que estamos inseridos. A relação mais importante, para nós, entre todos esses autores é sua conceituação da potência das resistências, como já foi dito. Quanto a esta dissertação, ela é agenciamento com a obra de todos esses autores.

A pesquisa dos trabalhos de Deleuze e Guattari foi a mais volumosa. Os livros que estão presentes na dissertação são: quatro volumes de *Mil Platôs* (1999, 2004, 2005a; 2005b), escritos conjuntamente pelos dois; *Diálogos* de Deleuze com Parnet (1998) que faz apanhado acessível de conceitos trabalhados por Deleuze, principalmente com Guattari; *Cartografias do Desejo* (2005), que reúne textos, entrevistas e palestras de Guattari, editados posteriormente por Suely Rolnik; e *As Três Ecologias* de Guattari (2007).

Praticamente todos estes livros possibilitam mesma aproximação peculiar. *Mil Platôs*, segundo os próprios autores (DELEUZE; GUATTARI, 2004), não é formado por capítulos, não tem início e fim delimitados, as entradas e saídas são múltiplas, não apresenta a estrutura clássica do livro, ele é composto de platôs⁷. Esses platôs se referem a blocos de conceitos, em excesso, conceitos que se conectam.

Cartografias do Desejo é chamado por Kastrup (2009, p.11) de livro-rizoma⁸. Segundo Kilpp: cada texto do livro é “[...] como um ‘em si’, como um, como uma unidade ético-estética que se solidariza uns com os outros fragmentos de texto e, no entanto, tem a sua unidade, a sua unicidade.” (KILPP, 2005). Já o livro *Diálogos* é dividido em tópicos (poderíamos dizer platôs?) que podem ser lidos isoladamente.

⁷ “Chamamos ‘platô’ toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004: p. 33).

⁸ O rizoma “é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 22).

Em *Mil Platôs, Diálogos e Cartografias do Desejo* percebemos conceituação corrente que diz respeito às três linhas que compõem mapas referentes a sujeitos, grupos, a qualquer coisa: molar, molecular e de fuga. São partes destas linhas alguns dos conceitos que trabalhamos: devir e os estados definidos, modelos dominantes, divididos binariamente.

Podemos adiantar que um dos elementos presentes na rede *indymedia* é devir especial, um devir-pobre do jornalismo, experimentação de intensidades de pobreza, conceito criado nesta pesquisa. Para esta criação, fizemos levantamento das obras dos autores já comentados e de outros, nas quais a pobreza é ressignificada. A intenção dos autores é de superar a caracterização da pobreza como algo negativo e de romper com o dualismo pobreza-riqueza dominante. Assim pobreza deixa de ser a miséria para se tornar potência que se insurge a valores dominantes, como os capitalistas.

Quanto a *Império*, Hardt e Negri recomendam formas diferentes de leitura: do começo para o fim, do fim para o começo, em partes, saltando, seguindo correlações (HARDT; NEGRI, 2006a), como em um rizoma. Já que o estilo deste é similar ao de *Multidão* consideramos que o mesmo é possível nos dois. É inegável que *Multidão* é o livro mais importante para a pesquisa, porém, pela correlação dos dois livros, fomos levados a estudo de *Império*. Escolhemos alguns conceitos que consideramos os mais importantes, mas principalmente aqueles que pudessem ser relacionados ao *indymedia* e com os outros autores do eixo teórico.

Não pretendemos usar os conceitos como dados prontos, mas experimentá-los, como se de ferramentas se tratassem, aliás, por não serem endurecidos, eles permitem isso. A multidão de Hardt e Negri é reunião de singularidades que agem em comum, mas cada singularidade se mantém como tal. Consideramos os coletivos do *indymedia* singularidades, com suas especificidades, com seus tipos próprios de luta, características que os diferem entre si e de outras resistências, mesmo que compartilhem também entre si e com outras resistências certos elementos.

Algumas perguntas referentes ao eixo teórico acompanham a pesquisa: como usar as teorias em favor da pesquisa de forma que elas não sejam apenas reproduzidas, re-apresentadas? Como escapar da imitação? Tentamos seguir a sugestão de Deleuze e Parnet (1998, p. 15): “Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como.”

O jornalismo de multidão resiste principalmente às mídias dominantes, mas essa resistência vai além, atinge lógicas sociais, políticas, econômicas, culturais, subjetivas. Damos

ênfase a um dos termos – jornalismo –, pois o jornalismo em seu viés hegemônico⁹ é legitimador do Império, sendo um dos dispositivos da ordem mundial que devem ser combatidos. Ao conectarmos jornalismo e multidão, mostramos que são possíveis rupturas internas em centros de poder – no caso o jornalismo –, a única ruptura possível, pois não há mais fora do poder.

É impossível isolar a nós mesmos, nossas relações e nossa comunicação fora da instrumentalidade do capital e dos meios de comunicação de massa. Já estamos lá dentro, contaminados. Se vier a manifestar-se alguma forma de redenção ética, terá de ser construída dentro do sistema. (HARDT; NEGRI, 2005, p. 330).

O que nos motiva a trabalhar com tal tema, a resistência, principalmente midiática, nossa justificativa, é a necessidade de recuperação de certas produções minoritárias emergentes pelo campo da comunicação, pois neste, o rotineiro é a análise crítica da mídia hegemônica, não das linhas de fuga produzidas pela multidão. Afirmamos isso a partir da experiência do mestrado, no qual a maior parte dos artigos e livros trabalhados nas disciplinas era de crítica frente à grande mídia.

Nossa experiência na pesquisa, porém, também permite que re-façamos a afirmação; pois nos estudos das novas tecnologias de comunicação e informação há certo espaço para a produção da multidão. Como esta se re-apropria destas tecnologias se tornando protagonista, o campo de estudos é afetado, possibilitando enfoque nas produções minoritárias. Exemplos de estudos brasileiros no campo da comunicação sobre a produção da multidão seriam os trabalhos de Henrique Antoun e Fábio Malini. Também Castells (2003), autor renomado, se dedica às apropriações da multidão das tecnologias de comunicação.

Hardt e Negri (2006b, p. 94) dizem que fazem filosofia em Multidão “[...] num sentido bastante amplo, [na busca de] produzir conceitos adequados para a situação contemporânea e investigar os valores emergentes do nosso mundo.” Consideramos que a criação de conceito é a forma mais eficaz para possibilitar a percepção do *indymedia* como linha de força emergente. O conceito de jornalismo de multidão diz respeito à conexão entre o *indymedia* e as teorias da crítica e surge de todo o processo de pesquisa que abrange: o trajeto do mestrando como pesquisador, as teorias propostas, as resistências contemporâneas, o *indymedia* – não sendo nenhum destes elemento central.

⁹ Ao longo da dissertação usamos as designações jornalismo hegemônico e dominante para nos referirmos ao jornalismo das grandes corporações (representante do Império) que é afrontado pelo jornalismo de multidão. Os autores trabalhados na dissertação se referem a esse jornalismo de inúmeras formas: mídias de massa (MALINI, 2007), grandes grupos midiáticos (COCCO, 2009), mídia corporativa (ORTELLADO; RYOKI,

O *indymedia* não é caso isolado e se conecta a outras singularidades, assim poderíamos ter escolhido outras resistências midiáticas que se apropriam de instrumentos do jornalismo. Aliás, agora que estamos no fim da pesquisa, sabemos que poderíamos ter ampliado nosso objeto empírico, indo além da pesquisa apenas do *indymedia*. Poderíamos ter reunido toda uma gama de sites de resistências contemporâneas globais que trabalham com textos que se assemelham a notícias para compor o conceito.

A diferença do *indymedia* é que ele junta inúmeras resistências nos mais de 130 sites espalhados pelo globo. Também consideramos seu processo especial, ambíguo, o que nos motivou a pesquisá-lo. Ele se re-apropria deste território hegemônico, criando outro território que é alguma coisa “entre” esse tipo de jornalismo e as resistências contemporâneas.

Consideramos as mídias dominantes molares¹⁰ por serem bem formadas, organizadas, as que são legitimadas, as mais conhecidas. Também consideramos que as mídias feitas pela multidão experimentam devir-midiático, como as colaborativas que são resistências às mídias hegemônicas. No caso do *indymedia*, ele faz o mesmo e mais, agencia com outros grupos de contra-poder, como o movimento por outra globalização e, no Brasil, os movimentos dos pobres.

Esse devir está sendo experimentado, tanto por essas mídias, quanto pelo *indymedia*, ou seja, ambos não têm forma definida. Por isso, talvez seja apressado chamar o tipo de produção que estamos mapeando de jornalismo – o tipo de mídia mais molar. No entanto o jornalismo de multidão é agenciamento entre multidão e jornalismo, um jornalismo-multidão, que não precisa se parecer, imitar, ou fazer como seu termo dominante (não o que domina o devir, é claro, mas o termo que diz respeito a essa máquina socialmente dominante). O jornalismo experimenta devires, se diferencia ao se conectar com a multidão.

Por ser ambíguo, o *indymedia* toma formas definidas ou dominantes como em certas matérias: o uso do lead e valores como exatidão e verdade são sugeridos na escrita dos textos; e estes tratam de atualidades. A notícia¹¹ é o produto principal do jornalismo; podemos dizer

2004), apenas mídia (HARDT; NEGRI 2006a), jornalismo convencional e tradicional (TARGINO, 2008; BOWMAN; WILLIS, 2005), meios conservadores (BOWMAN; WILLIS, 2005).

¹⁰ Molar e molecular, conceitos de Deleuze e Guattari, são elementos de um agenciamento. Molar se refere ao estabelecido, aos modelos dominantes, como homem-mulher, branco-negro; molecular diz respeito aos devires que atravessam os estados definidos.

¹¹ Lage (1985, p. 16) fala sobre a estrutura da notícia. “Do ponto de vista da estrutura, a notícia se define, no jornalismo moderno, como o relato de uma série de fatos a partir do fato mais importante ou interessante; e de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante.” “O *lead* é o relato do fato principal de uma série, o que é mais importante ou mais interessante. [...] O *lead*, na síntese acadêmica de Laswell, informa quem fez o que, a quem, quando, onde, como, por que e para quê. A documentação consiste em proposições adicionais sobre cada um desses termos.” (LAGE, 1985, p. 27). Mesmo que alguns coletivos da rede *indymedia* usem um bloco inicial nos textos como resumo (um suposto *lead*), encontramos dados importantes

que os textos presentes nos sites da rede se assemelham a notícias. Aliás, Antoun (2001, p. 142), autor que terá um capítulo, quase que integralmente, dedicado a seu trabalho nesta dissertação, diz que o *indymedia* transforma “em notícia as narrações apaixonadas do acontecimento”. No caso, ele se refere à relação estreita entre fato e repórter na rede de centros de mídia independente, pois quem narra os fatos é quem está na rua praticando ação direta. Mas o mais importante é a premissa contida nesse trecho que trata da produção textual do *indymedia* como noticiosa¹².

Consideramos que ao experimentar o devir-jornalístico, mesmo que seja processo de diferenciação, o *indymedia* acaba por absorver certas características do jornalismo. Como esse estilo de texto é molar, legitimado, ele é mais acessível do que, digamos, as teorias que aqui trabalhamos, e assim é usado como potência. Portanto vemos uma reterritorialização em códigos jornalísticos e uma desterritorialização do jornalismo, pois a rede de coletivos tenta exatamente se insurgir frente a ele.

A ambigüidade também é vista, pois o *indymedia* tenta reunir a multidão em espaço comum, de todos para todos, e, no entanto, para impedir que essa multidão se torne massa irracional com movimentos caóticos, ele é levado a se centralizar, não podendo impedir certas tomadas de poder. Esse é o seu processo de resistência: experimentação de projeto constituinte, auto-organizado, mediante desejo de criação de outras relações entre singularidades.

Descrevemos a rede de coletivos até agora em termos abstratos, por isso é importante fazermos uma breve apresentação. A rede global de centros de mídia independente se formou conjuntamente aos manifestos contra a Organização Mundial do Comércio, em Seattle, 1999.

Várias centenas de ativistas de mídia, muitos dos quais trabalharam por anos para desenvolver uma mídia ativa e independente através de suas próprias organizações, se reuniram no final de novembro de 1999, em Seattle, para criar um Centro de Meios de Comunicação Independente e cobrir os protestos contra a Organização Mundial do Comércio. O CMI Seattle possibilitou a cobertura da OMC através de

em toda a parte – como meio e fim – de muitos textos. Muitas vezes, nestas partes, havia informações relevantes e links que não eram adições ao tema exposto no resumo. Também Lage diz que: “O uso da terceira pessoa é obrigatório, a tal ponto que, modernamente, o jornal, emissora ou agência, quando envolvido no acontecimento que está expondo, chama a si próprio pelo nome.” (LAGE, 1985, p. 23). Um dos elementos que move os relatos dos centros de mídia independentes é a proximidade com o fato: boa parte dos textos é feito pelos próprios ativistas. Na cobertura da COP15 encontramos muitos chamados para ação, comunicados de grupos de resistência, escritos na primeira pessoa do plural.

¹² Entre os autores aqui trabalhados que teorizam o jornalismo participativo, o qual terá dedicada uma parte do capítulo sobre cibercultura, a notícia é considerada como produto desse tipo de jornalismo feito por não profissionais. Mesmo considerando que essas notícias podem diferir do modelo dominante.

uma publicação impressa, chamada "The Blind Spot", e pelo primeiro site do CMI. O site recebeu cerca de 1,5 milhões de visitas durante os protestos contra a OMC.¹³

Essa experiência de mídia trouxe um dos símbolos da rede, a publicação aberta que possibilita a qualquer um postar arquivos de imagens, áudio e de textos diretamente no site. Depois disso, seguindo os movimentos por outra globalização, foi criado um centro em Boston e outro em Washinton. A partir daí começaram a surgir inumeros coletivos ao redor do globo, acompanhando os movimentos por outra globalização. Estes criaram ciclo de lutas que é exposto com detalhes em *Multidão*; diríamos que a conceituação de Negri e Hardt é, em parte, atualização teórica destas formas de resistências.

A partir do próximo capítulo até as análises de centros locais, o brasileiro, o de Londres, o do Reino Unido e o de Copenhagen, trataremos do *indymedia* como um todo, como rede global. Cada coletivo é autônomo, mas todos seguem um padrão que os aproxima, e mais, todos fazem resistência, se conjugam com resistências. Algumas características que eles compartilham: 1. A reunião de “produtores e produtoras independentes de mídia” (<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilOqueEh>) 2. Os sites referentes a cada localidade que trazem notícias sobre grupos de resistência. 3. Os documentos que concernem à rede global e que são compartilhados pelos coletivos. 4. A organização mediante listas horizontais de discussão. 5. A independência frente a formas de governo e corporações. 6. O voluntariado – os participantes são não-profissionais. 7. A manutenção que é possibilitada por doações e pelo uso de softwares livres. 8. Também podemos definir a rede global de centros de mídia independente como Negri e Hardt definem a *multidão*: singularidades (os coletivos autônomos) que compartilham entre si território em comum.

Não há número preciso de quantos centros estão ativos hoje, mas gira em torno de mais de cento e trinta espalhados em mais de cinquenta países, em todos os continentes. Um ano após os manifestos de Seattle, em movimentação da mesma ordem no Brasil, surge o CMI brasileiro. Há colaboradores em quase todas as grandes cidades do país: coletivos autônomos formados por pelo menos cinco pessoas, que, além de produzirem projetos locais, participam da gestão do site.

¹³ Tradução de: “Varios cientos de activistas de medios de comunicación, muchos de los cuales han trabajado durante años para desarrollar un medios de comunicación activos e independientes mediante sus propias organizaciones, se unieron a finales de noviembre de 1999 en Seattle para crear un Centro de Medios de Comunicación Independiente y cubrir las protestas contra la Organización Mundial del Comercio. El IMC de Seattle proporcionó la cobertura de la OMC por medio de una publicación impresa llamada ‘El Punto Ciego’ y el primer sitio web de IMC. El sitio web recibió casi 1.5 millones de visitas durante las protestas de OMC.” (<http://docs.indymedia.org/view/Global/FrequentlyAskedQuestionEs>).

Organizamos da seguinte forma a dissertação. O segundo capítulo trata de relações entre o *indymedia* e a obra de Hardt e Negri. O terceiro capítulo faz relações entre os centros de mídia e conceitos de Deleuze, Guattari e Cocco. Nestas duas partes damos atenção especial às teorias desses autores, centrando em certos conceitos e os utilizamos para pensar o *indymedia* considerado como rede global. No capítulo quatro, reunimos teorias da cibercultura, principalmente as de Antoun e Malini. Neste mostramos que o *indymedia* faz parte de movimento da multidão atualizado na web colaborativa, a web 2.0. Os capítulos seguintes tratam de coletivos específicos do *indymedia*. O capítulo seis é dedicado ao funcionamento do centro de mídia brasileiro. Já o capítulo sete abrange os centros de Londres, Reino Unido e o de Copenhague. O Enfoque desta parte é a cobertura das mobilizações pela justiça climática na conferência das Nações Unidas pelo clima, a COP15.

Para finalizar estas considerações iniciais: não temos o desejo de produzir teoria idealizada sobre o *indymedia*, o relacionando com conceitos tão importantes como estes de Negri, Hardt, Deleuze, Guattari e Cocco. De antemão, podemos dizer que a rede tem suas centralizações, hierarquias, suas molaridades, que a democracia experimentada é parcial, relativa, que seu foco de ação se restringe a campo limitado. No entanto esses conceitos possibilitam compreender o projeto da rede como singularidade portadora de potência de resistência. Exatamente o que nos interessa: a potência das resistências.

2 RELAÇÕES ENTRE CONCEITOS DE NEGRI E HARDT E O INDYMEDIA CENTER

2.1 MULTIDÃO, MASSA, POVO E CLASSE

Um dos objetivos de Hardt e Negri em *Multidão* (2005) e *Império* (2006a) é resignificar conceitos, assim, “biopolítica e biopoder, o comum, comunicação [...] democracia [...] Império [...] governo [...] migração, [...] modernidade/pós-modernidade [...]” (HARDT; NEGRI, 2006b, p. 95), conceitos importantes para nossa pesquisa, ganham novos contornos. Essa resignificação envolve movimento crítico em relação às teorias dominantes.

Exemplo dessa crítica singular é a feita à dialética Hegeliana, que segundo os autores seria jogo entre agentes antagônicos que culminaria em resolução. Outro exemplo seria a crítica às teorias pós-moderna e pós-colonialista que são postas em mesmo plano, sendo o motor destas a crítica à dialética, às dicotomias modernas. Segundo os autores (HARDT; NEGRI, 2006a) a crise da modernidade e de suas oposições binárias não é boa em si mesma, como louvam esses dois últimos modelos teóricos. E claro, o conceito mais problemático dessa resignificação é o de multidão. Le Bon (2008), Canetti (1995), Tarde (1992), Martín-Barbero (1995) trabalharam com o conceito, no entanto, a multidão de Hardt e Negri concerne a Espinosa.

O conceito de Hardt e Negri se diferencia da massa homogênea, do povo unificado e da classe operária excludente. Paolo Virno, autor solidário a Negri e Hardt, em *Gramática da Multidão* (2003), dá atenção às diferenças de natureza entre povo e multidão, ao conflito histórico entre os dois conceitos e conclui que hoje a multidão se apresenta como importante ator político. Segundo o autor, o conceito de povo e o de multidão “[...] jogaram um papel de enorme importância na definição das categorias sócio-políticas da modernidade” (VIRNO, 2003, p. 4). Porém, povo é conceito mais familiar, pois se sobrepôs ao de multidão, após o século XVII.

Virno (2003, p. 4) se questiona se hoje o conflito entre os dois conceitos não retorna, e propõe “mostrar que a categoria de multidão [...] ajuda-nos a explicar certo número de comportamentos sociais contemporâneos.” Segundo Virno (2003), a gênese do conflito está no pensamento de Espinosa e Hobbes.

Para Espinosa, a multidão representa uma pluralidade que persiste como tal na cena pública, na ação coletiva, na atenção dos assuntos comuns, sem convergir no Uno, sem evaporar-se em um movimento centrípeto. Para Espinosa, a multidão (multidão) é a arquitrave das liberdades civis (Espinosa, 1677). (VIRNO, 2003, p. 4).

Para Hobbes, o povo é uno, representa uma vontade única. O povo está associado diretamente ao Estado, “se for Estado, é povo” (VIRNO, 2003, p. 5), mas se faltar o Estado, não pode haver povo. Negri e Hardt, herdeiros de Espinosa, dizem o mesmo: o povo reduz as diferenças sociais a uma identidade, “[...] por isto, segundo a tradição dominante da filosofia política, é que o povo pode governar como poder soberano, e a multidão, não.” (HARDT; NEGRI, 2006a, p. 139).

O conceito de multidão também é proposta de Negri e Hardt de democracia global, que difere da democracia centrada em corpo unitário, como povo, partido ou nação. Para os autores, na época atual a multidão teria capacidade de se autogovernar, pois “[...] em contraste às massas e à plebe, podemos vê-la como algo organizado [...] é um ator ativo de auto-organização.” (NEGRI, 2003, p. 166). A auto-organização da multidão, seja em projetos como o *indymedia* ou em manifestos como a COP15, será vista ao longo da dissertação.

Segundo a tradição qualquer projeto de governo que não se refira a corpo unitário, transcendente, significa anarquia. Le Bon (2008) em *Psicologia das Multidões* reafirma isso. Para ele a multidão é irracional, anárquica. Sua irracionalidade se vincula ao que chama de irracionalidade da mulher, da criança e do primitivo. A multidão de Le Bon se opõe ao indivíduo, este soberano e racional. *Psicologia das Multidões* exemplifica o tipo de teoria moderna que os autores que aqui trabalhamos tentam erradicar. O livro de Le Bon reforça dicotomias, e faz apologia ao termo dominante o homem adulto, ocidental, branco e racional.

Também a Multidão de Negri e Hardt se diferencia de outro agente político legitimado pela tradição, a classe operária que em movimento dialético, segundo o marxismo, suprimiria a dominante. Esta classe, como ator político, dizia respeito ao modelo moderno, e não era inclusiva, pois desconsiderava singularidades como os desempregados e marginalizados.

A multidão é conceito de classe. “A multidão confere ao conceito de proletariado sua definição mais ampla: todos aqueles que trabalham e produzem sob o domínio do capital”. (HARDT; NEGRI, 2005, p. 148). Como no pós-moderno todos são agentes biopolíticos, produtores, todos são explorados. A classe operária não tem importância hoje maior que as outras classes como na tradição marxista, aliás, como nenhuma delas se sobrepõe as outras, experimentam um devir comum do trabalho, que impõe novas formas de exploração e permite

a formação da multidão que não nega singularidades. O trabalho é comum, mas as singularidades se mantêm como tal, o paradoxo do conceito.

Hardt e Negri (2005, p. 435) fazem algumas definições da multidão como projeto, proposta política. A multidão deve transformar a resistência “[...] numa forma de poder constituinte, criando as relações e as instituições sociais de uma nova sociedade.” No entanto o fazer multidão, tanto corresponde ao futuro da revolução, quanto ao devir-revolucionário presente em inúmeros agentes políticos na atualidade. O projeto de Negri e Hardt não é programa político, se conecta com estas linhas de força. “Não propomos o conceito como uma diretiva política – ‘Formem a multidão!’ –, e sim como uma maneira de dar um nome ao que já está acontecendo e de entender a atual tendência social e política.” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 285).

A multidão do ponto de vista ontológico concerne à natureza biopolítica da multidão. “A produção biopolítica é uma questão de ontologia na medida em que está constantemente criando um novo ser social, uma nova natureza humana.” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 436). Do ponto de vista sociológico “[...] o poder constituinte da multidão manifesta-se nas redes cooperativas e comunicativas do trabalho social.” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 436). “Essa produção comum da multidão implica uma forma de poder constituinte, na medida em que as próprias redes de produção cooperativa designam uma lógica institucional da sociedade.” (HARDT; NEGRI, 2005, 437).

Assim vemos que na produção desaparece a distinção entre o político e o econômico, pois o trabalho (economia), suas redes, possibilita o poder constituinte (política). Do ponto de vista político, “a definição da democracia da multidão e de seu poder constituinte também exige um ponto de vista político capaz de reunir em determinado tempo e espaço o poder comum da multidão e sua capacidade decisória.” (HARDT; NEGRI, 2005, 438-9).

Negri e Hardt dão ênfase em alguns sujeitos sociais, agentes biopolíticos, que servem como base para sua definição do projeto de democracia global, sujeitos que anunciam alternativas ao Império: primeiro, referentes à definição mais ampla de multidão como classe, todos os governados e explorados. Segundo, os grupos organizados de resistência que têm como modelo os movimentos por outra globalização. Por fim, os pobres (como os migrantes, os moradores de guetos, os não assalariados) que, segundo os autores, são a multidão.

2.2 IMPÉRIO E SOCIEDADE DE CONTROLE

Império e Multidão são organizados em torno da construção dos conceitos de mesmo nome, os quais, nos dois livros, se interpenetram. O conceito de Império diz respeito ao poder global em rede, mantido pelos Estados-nação dominantes, administrações supranacionais (OMC, FMI, Banco Mundial, União Européia), organizações não-governamentais e corporações. O Império “[...] apaga as fronteiras, nacionais, étnicas, culturais, ideológicas, privadas [...] é inclusivo [...] o planeta inteiro é seu domínio.” (PELBART, 2000, p. 30).

Hardt (2009), em texto sobre a COP15, exemplifica a rede do Império, a partir de seus elementos presentes nas negociações da conferência, ou melhor, divide em três camadas a rede imperial: a primeira formada pelos Estados-nação, esta também dividida em duas linhas: a primeira linha concerne ao representante dos Estados desenvolvidos, os Estados Unidos, e ao representante dos em desenvolvimento, a China, além dos países Europeus. Na segunda linha estaria o G77, composto pelas nações subordinadas. Estas não apenas se submetem ao mando imperial, como também o reforçam. A segunda camada é formada pelas corporações que têm poder de tomada de decisão sobre a gestão do comum. E a terceira camada se refere às ONGS e meios de comunicação que ou apóiam ou combatem as corporações e Estados-nação. As instituições supranacionais, no caso, são representadas pelas Nações Unidas.

Cocco (2009) fala um pouco sobre o funcionamento da rede do Império, na qual o Estado-nação e o mercado neoliberal são inseparáveis. Isso é visto no suporte dado pelos Estados para que corporações não “quebrassem” na crise que afetou o mundo em 2008, e que ainda reverbera em muitos países.

O ‘capital-cassino’ que a crise financeira nos mostra não é nem uma aberração fictícia nem um capital sem Estado. [...] o Estado, suas funções de ‘emprestador’ de última instância nos aparece nitidamente como a outra face do mercado e o capitalismo financeiro como o modo de ser do capital contemporâneo (COCCO, 2009, p. 268).

O Império é a superação da hegemonia moderna do Estado-nação: o imperialismo dos países europeus e seu colonialismo, o dualismo da guerra fria e o imperialismo estadunidense que ainda faz parte do senso comum. Quanto aos Estados Unidos e sua consideração corrente como regime imperialista, segundo Negri e Hardt, às vezes, ele se torna central como Estado forte, visto no caso do Estado de exceção que se legitimou com os atentados do 11/9. Entretanto “o parêntese bush filho está fechado e a eleição de Barack Obama [...] já se coloca

em uma nova perspectiva.” (COCCO, 2009, p. 44). O poder é realmente eficaz como rede, sendo bloqueado pelo domínio que se quer global de apenas um Estado-nação.

Para Negri e Hardt e também para Deleuze, as resistências da multidão são primeiras em relação ao poder; “para Deleuze [...] a sociedade é um conjunto de linhas de fuga e ‘os poderes vêm depois. ’.” (COCCO, 2009, p. 126). O espanto de Deleuze, segundo Cocco, seria do tipo: a sociedade foge para todos os lados em linhas de fuga, mas o poder, assim mesmo, consegue dominar essas linhas.

Por tomarem a forma de rede, as resistências fizeram com que o poder tomasse também a mesma forma, pois “só é possível combater uma rede com outra rede” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 90). Exemplo paradigmático de redefinição do poder a partir das lutas da multidão é exposto por Cocco, Negri e Hardt, além de outros autores relacionados a eles como Lazzarato (2006). Segundo estes, as lutas de 1968 foram contra as disciplinas, a opressão do trabalho. O poder teve que se adaptar a essas demandas, também como forma de reprimi-las. A passagem do fordismo para o pós-fordismo, da modernidade para o pós-moderno, é oriunda das lutas de 68.

Não há dualismo entre Império e Multidão: a multidão é criadora, positiva, ela resiste, deseja outra realidade, seu movimento e produção dão forma ao mundo, sua biopolítica. O Império é máquina negativa, vampira, apropriadora, que tenta barrar os movimentos da multidão, tenta a moldar, capturar a vida, o desejo, mediante o Biopoder.

Denomina-se ‘biopoder’ identificando, no caso, as grandes estruturas e funções do poder; fala-se em contexto biopolítico ou em ‘biopolítica’ quando, pelo contrário, se alude a espaços nos quais se desenvolvem relações, lutas e produções de poder. [...] fala-se em biopolítica ou de contexto biopolítico pensando no complexo das resistências e nas ocasiões e nas medidas de choque entre dispositivos sociais de poder (NEGRI, 2003, p. 107-108).

Também, de certa forma, o regime atual foi desejado pela multidão, construído por ela, como fuga da violência da modernidade, suas guerras mundiais, o colonialismo, o dualismo da guerra fria, e também sua dialética que impunha o corte binário dos sujeitos e a dominação de um dos termos, o homem branco, racional, europeu. Mas no mesmo momento em que há esse desejo de fuga da modernidade que é positivo, os governados e explorados se mantêm como tal, e é isso o que sustenta o Império: o consentimento, o desejo de repressão. Assim a relação de soberania é relação entre dominantes e dominados.

Essa passagem da modernidade para a pós-modernidade, do domínio do Estado-nação ao Império, apresenta forma de poder diferencial. Se na modernidade o poder se efetuava em

dispositivos bem definidos, como a fábrica, a prisão, a escola, o manicômio, o hospital, o quartel, tendo como modelo o panóptico (FOUCAULT, 1977); na pós-modernidade, essas instituições entram em crise e o poder se dissemina por todo o tecido social, ou seja, elimina a exterioridade.

Na sociedade de controle “[...] a empresa substitui a fábrica, a formação permanente tende a substituir a escola, e o controle contínuo substitui o exame [...]” (DELEUZE, 1992a, p. 221). Nela o controle se dá nas mentes, não só nos corpos:

[...] mecanismos de comando se tornam cada vez mais ‘democráticos’, cada vez mais imanentes ao campo social [...] O poder agora é exercido mediante máquinas que organizam diretamente o cérebro [...] e os corpos [...] no objetivo de um estado de alienação independente do sentido da vida e do desejo de criatividade (HARDT; NEGRI, 2006a, p. 42).

Também as formas de luta mudam: a principal é contra a produção pelo Império, como fábrica de pobreza, de brasilianização global, na qual a dicotomia norte-sul é desfeita, fazendo com que o norte e o sul se disseminem por todos os países. Entretanto o sul globalizado abre linhas de fuga, possibilita resistências, o que Cocco chamou de devir-Brasil do mundo¹⁴. O rompimento das fronteiras do Estado-nação moderno, a globalização do mercado e do poder, o controle contínuo, permitem resistências com demandas globais, a multidão. “A questão não é a de saber se é pior. Porque fazemos também apelo a produções de subjectividade capazes de resistir a essa nova dominação, e muito diferentes daquelas que se exerciam outrora contra as disciplinas.” (DELEUZE, 1996).

2.3 RESISTÊNCIAS

Em *Império* são citadas resistências que ocorreram nos últimos anos do século vinte como “[...] a intifada contra a autoridade estatal de Israel [...] o levante em Chiapas.” (HARDT; NEGRI, 2006a, p. 73). Entretanto a caracterização em *Multidão* é mais importante para a pesquisa. Neste, Negri e Hardt trazem dados empíricos de inúmeras formas de resistências contemporâneas, parte de suas inspirações para produzir o livro, entre elas: o

¹⁴ O conceito de devir-Brasil do mundo que será agenciado mais adiante foi criado por Giuseppe Cocco e exposto em *MundoBraz* (2009). Quanto ao de brasilianização do mundo, este mais corrente, também foi trabalhado pelo autor no mesmo livro.

hacktivismo, o movimentos do software livre, a EZLN, os *Tute Bianche* e o *indymedia* (exposto em algumas páginas).

As resistências mais importantes citadas em *Multidão são* aquelas que se apresentaram para o mundo a partir dos manifestos no encontro da Organização Mundial do Comércio (OMC), em Seattle, 1999, que, segundo Negri e Hardt, foram os primeiros grandes protestos

[...] contra o sistema global como um todo [...]. Depois de Seattle, as reuniões de cúpula das grandes instituições internacionais ou globais – o Banco Mundial, o FMI, o G-8 e assim por diante – enfrentariam constantemente protestos dramáticos (HARDT; NEGRI, 2005, p. 362).

São relacionados a esses movimentos as primeiras edições do Fórum Social Mundial e os protestos contra a guerra do Iraque em 2003. Todos estes, no discurso midiático, erroneamente foram chamados de movimentos antiglobalização, no entanto clamavam por outra globalização¹⁵, o projeto de democracia global da multidão. As resistências de *Multidão* diferem das resistências de *Império*, pois o primeiro apresenta uma multidão global, em comunicação, com a forma de rede. Já *Império*, ele não foi afetado por esses movimentos.

Antes de fazermos relações entre as resistências contemporâneas e o *indymedia*, seriam importantes alguns parágrafos sobre o primeiro ciclo de manifestos globais, que simbolicamente começa em Seattle, no qual surge a rede *indymedia*. Franco Berardi (2009), teórico de mídia ligado a Negri e a Guattari, possibilita resumo da história desses movimentos:

No fim do século capitalista, em Seattle, centenas de milhares de pessoas se reuniram e marcharam com o objetivo de parar o encontro da OMC e protestar contra os efeitos da exploração global. Foi o início da Era das Manifestações Éticas. De Seattle à Genova, de Praga à Bolonha, multidões de trabalhadores precários e cognitivos marcharam juntos. Eles eram a consciência ética do mundo, e, é claro, a agressão policial, instigada pela classe criminosa, tentou os esmagar. Alguns morreram, assassinados, pois falavam a verdade. [...] Os manifestantes éticos foram derrotados após a marcha mundial contra a guerra em 15 de fevereiro de 2003. Cem milhões de pessoas marcharam contra a guerra no Iraque naquele dia. Bush disse que não precisava de conselhos, e ele começou a guerra.¹⁶ (BERARDI, 2009).

¹⁵ Também os migrantes em seu movimento anunciam, são o germe, de uma possível outra globalização.

¹⁶ Tradução de: “At the very end of the capitalist century, in the extreme West of the West, the city of Seattle, hundreds of thousands people gathered and marched to stop the WTO summit and protest against the effects of global exploitation. It was the beginning of the Age of Ethical Demonstrations. From Seattle to Genova, from Prague to Bologna, to Cancun, crowds of precarious and cognitive workers marched together. They were the Ethical Consciousness of the world, and of course they were met by the aggression of the police, under the instigation of the criminal class. Some were killed and many were arrested because they were telling the truth. The ethical demonstrators were defeated after the world-wide march against the war on February 15th, 2003. One hundred million people marched against the war in Iraq on that day. President Bush answered that he did not need the people's advice, and he started the war.”

O 11 de 9 e o início da guerra marcaram o movimento. A guerra foi como que um “balde de água fria”, e o 11 de 9 impôs um estado de exceção que impediu as movimentações dos ativistas pelo mundo atrás de manifestações nos encontros dos líderes do Império. Talvez por isso haja recuperação maior do primeiro ciclo de lutas no campo acadêmico.

Andreotti (2009) propõem cartografia dos movimentos por outra globalização, que começa nas ações de Seattle até Gênova (os dias de ação global), passa pelo Fórum Social Mundial e culmina na produção da revista *Global Brasil*. Esta cartografia propõe o mapeamento de linhas molar e molecular de movimentos de multidão. Os dias de ação global, coordenados pela Ação Global dos Povos (AGP), foram marcados por práticas que Andreotti chama de moleculares de resistência, como a ação direta.

Havia duas linhas presentes na AGP, uma contra as políticas neoliberais, ou seja, contra o mercado desregulado e globalizado, outra contra o capitalismo. “É a primeira vertente, antiliberal, que podemos classificar como disposta a negociações, reformas direitas, etc., já a segunda, anticapitalista, tende a uma postura de confronto que foge às tentativas institucionalizadoras e institucionalizantes.” (ANDREOTTI, 2009, p. 64).

Andreotti diz que houve cisão no movimento, entre aqueles reformistas (que geraram o FSM) e os que praticavam ação direta. Conflito de mesma ordem aparece como possibilidade no caso dos manifestos na COP15¹⁷. Sobre a ação direta, esta prática que Andreotti define como molecular, outra dissertação, do campo da comunicação, nos ajuda a compreendê-la.

‘Ação direta’ [...] é um termo usado no universo ativista para referir-se a manifestações que tenham efeitos concretos e imediatos sobre alguma estrutura (como na maioria dos protestos de rua; por exemplo, fazer um cordão humano para impedir que representantes da OMC cheguem ao local de sua reunião tem um efeito concreto e imediato) (ASSIS, 2006, p. 93).

A ação direta, desde Seattle, mostra a face da multidão, suas demandas, desejos, sua forma de encarar o mundo. As ações muitas vezes são apenas simbólicas, criam espaço diferencial, se chocam com o estabelecido. Parte dos grupos usa de violência, outra parte mais pacífica faz protestos mais carnalizados: em Seattle, “houve festas pelas ruas, vitrines de lojas de grandes marcas (Nike, McDonald’s) foram quebradas e a ala anarquista dos ativistas

¹⁷ “Houve, assim, claramente potencial para o conflito em Copenhague entre ambientalistas exigindo uma política de limites (argumentando, em essência, ‘este mundo é ainda possível, talvez’) e os ativistas alterglobalização defendendo possibilidades ilimitadas (cantando ‘outro mundo é possível’). Mas tal conflito de fato não aconteceu.” (HARDT, 2009). Tradução de: “There was thus clearly potential for conflict in Copenhagen between environmental activists urging a politics of limits (arguing, in essence, ‘this world is still possible, maybe’) and those alter-globalization activists advocating unlimited possibilities (chanting ‘another world is possible’). But such a conflict did not, in fact, take place.”

manifestou-se em embates violentos contra a polícia.” (ASSIS, 2006, p. 34). Em Seattle a coordenação das lutas foi da DAN (Direct Action Network), que praticava a ação direta não violenta e desobediência civil, a qual interessou a Antoun por ser rede de guerra:

Os participantes são convidados a se organizarem, a partir de sua própria escolha, em pequenos (5 a 20 pessoas) ‘grupos de afinidades’ — ‘equipes auto-suficientes, pequenas e autônomas, de pessoas que partilham certos princípios, objetivos, interesses, planos ou outras similaridades que as tornem capazes de trabalhar junto bem’. Cada grupo decide por si quais ações seus membros vão responsabilizar-se, abrangendo do teatro de rua ao risco de ser preso. Onde os grupos operam em proximidade uns para com os outros, eles são além disso organizados em ‘células’ — mas podem também existir ‘grupos flutuantes’ que se movem de acordo com o lugar onde são necessários. Diferentes pessoas em cada grupo assumem diferentes funções (por exemplo, ligação com a polícia), mas todo o esforço é feito para acentuar o fato de que nenhum grupo tem um líder único. Tudo isto é coordenado em um encontro de um conselho de porta-vozes para onde cada grupo envia um representante e as decisões são alcançadas através da consulta democrática e do consenso (em um outro tipo de abordagem que transforma o modo de organização em completamente ‘sem líder’) (ANTOUN, 2002, p. 12).

Os Fóruns Sociais, para Andreotti, foram o segundo passo do movimento em direção à sua molarização. Os fóruns, formados por parte do movimento identificado com ONGs, sindicatos e partidos de esquerda, centralizou, coordenou, molarizou, as demandas dos movimentos dos dias de ação global. O último passo da cartografia de Andreotti é a Revista Global Brasil¹⁸, que se instala nos territórios dos fóruns, e busca projeto constituinte da multidão em que governo e multidão cooperem na busca de políticas libertárias.

Consideramos que os dias de ação global possibilitaram campo de possíveis que continua a ser atualizado. Segundo Lazzarato (2006, p. 12-13), é preciso “utilizar dessas novas possibilidades de vida [criadas pelo povo de Seattle] novas relações com a economia e com a política-mundo, uma maneira diferente de viver o tempo, o corpo, o trabalho, a comunicação, outras formas de estar junto e de entrar em conflito etc.”. As formas de

¹⁸ A revista Global Brasil busca fazer apanhado das lutas da multidão, tanto globais, quanto da América Latina e do Brasil. Em suas doze edições (a última é de 2010) estiveram presentes teóricos firmados ligados às resistências, entre eles: Giuseppe Cocco, Suely Rolnik, Ivana Bentes, Cezar Altamira, Fábio Malini. Também colaboram com a revista Antonio Negri, Michael Hardt e Paolo Virno. São correntes na Global conceitos criados por Negri e Hardt, como: multidão e Império, biopoder e biopolítica, produção do comum, projeto de democracia, entre outros. Os temas da Global centram-se na luta da multidão por democracia, fim das desigualdades, direitos. O grande tema seria pensar nas possibilidades de abertura dos governos, fazendo com que eles expressem a multidão e não a represente. A expressão da multidão a coloca em espaço ativo, fazendo com que o Estado, como governo de poucos sobre muitos, se abra em rede a inúmeras singularidades, descentrando o poder. Por compactuar com o projeto de Negri e Hardt, a revista também discute a possibilidade de governança que produza alternativa à dependência ao mercado global mundial. A Global percebe na emergência de governos de esquerda na América do Sul mudança que poderia abrir campo de possíveis para a radicalização democrática; mas lúcida não se alia a partidos, ao Estado, máquina representativa, muito menos a corporações e sua falsa representatividade. Na última edição, inúmeros artigos e manifestos de movimentos de

associação vistas nas práticas de ação direta, ou mesmo os discursos, o lema de Seattle e dos fóruns “um novo mundo é possível” (HARDT, 2009), a multiplicidade de singularidades agindo em comum, são presentes ainda hoje, como veremos no capítulo sobre a cobertura da COP15.

Quando à mídia, ao longo do ciclo de lutas, ela e os representantes do poder perguntavam, “mas o que essa multidão quer?”, “o que fazem grupos tão diferentes em tal encontro”, o que eles não entenderam foi o caráter molecular das resistências, o seu devir minoritário. Seguindo o pensamento de Andreotti, buscamos na análise do *indymedia*, perceber a molarização do movimento, a reterritorialização no campo das mídias, a constituição de projeto, como também a expressão molecular da multidão, principalmente nos manifestos em Copenhagen.

2.3.1 Genealogia das resistências

Nesta seção tentaremos dar alguns contornos ao conceito de jornalismo de multidão mediante exposição de Negri e Hardt em *Multidão*. Nas próximas páginas, relacionaremos o *indymedia* às resistências contemporâneas, mas sempre não desconsiderando suas especificidades.

No livro, os autores traçam genealogia das resistências, da era moderna até a atual, que parte de três princípios orientadores, são eles: o primeiro “[...] refere-se à oportunidade histórica, vale dizer, à forma de resistência mais eficaz no combate a uma forma específica de poder.” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 103). O segundo concerne à correspondência entre a forma da organização e às atuais formas de produção econômica e social: “[...] em cada era [...] verifica-se que o modelo de resistência mais eficaz tem a mesma forma que os modelos dominantes de produção econômica e social” (HARDT; NEGRI, p. 103). Terceiro: a democracia e a liberdade funcionam como os princípios orientadores das formas organizacionais de resistência.

Para os autores, essa genealogia permite “[...] identificar a forma mais adequada de organização para a resistência e as lutas de libertação” na atualidade (HARDT; NEGRI, p. 103). Hoje os três princípios coincidem: “A estrutura disseminada em rede constitui o modelo

resistência discutem as condições de vida nas favelas e seu enfrentamento com certas políticas públicas (a maioria) que veem os "favelados" como vidas que não merecem ser vividas, como resquícios pré-modernos.

de uma organização absolutamente democrática que corresponde às formas dominantes de produção econômica e social e também vem a ser a mais poderosa arma contra a estrutura vigente.” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 127).

Os exemplos mais claros de resistência em rede contemporânea, em *Multidão*, seriam os manifestos de Seattle e os posteriores inspirados neles, os manifestos contra a guerra do Iraque em 2003 e as primeiras edições do Fórum Social Mundial. Usaremos esses princípios para mapearmos o *indymedia* na tentativa de possibilitar a percepção do que ele compartilha com outras singularidades de resistência e quais são suas especificidades.

A partir dos três princípios pode ser elaborado esboço inicial do jornalismo de multidão do *indymedia*. Primeiro: para nós, a Internet é meio eficaz para o combate contra-hegemônico na atualidade no campo, não apenas, das mídias. Segundo Castells (2003), a internet é um dos instrumentos mais importantes para qualquer tipo de resistência. As mídias de resistência como as táticas¹⁹ são dependentes da web.

Segundo Hardt e Negri (2005, p. 120), as resistências não só “[...] utilizam tecnologias como a internet como ferramentas de organização, como também começam a adotar tais tecnologias como modelo para suas próprias estruturas organizacionais.” Além disso, os autores reforçam a afirmação ao fazerem relação entre a internet e a multidão para definição de seu conceito:

Mais uma vez, uma rede distributiva como a Internet constitui uma boa imagem de base ou modelo para a multidão, pois, em primeiro lugar, os vários pontos nodais se mantêm diferentes mas estão todos conectados na rede, e além disso as fronteiras externas da rede são de tal forma abertas que novos pontos nodais e novas relações podem estar sendo constantemente acrescentados (HARDT; NEGRI, 2005, p. 14).

Quanto ao *indymedia* o seu tipo de organização que pretende a produção de mídia que se contraponha a mídia hegemônica não aconteceria em outro meio, pois o projeto que é de grande porte depende de mídias baratas, de todos, ou seja, da multidão. As relações entre singularidades se dão através de listas de discussão horizontais territorializadas na internet; os documentos (que em parte são teorias contramidiáticas) que explicam o funcionamento da rede são situados no ambiente virtual; os sites são seus mecanismos mais visíveis.

¹⁹ “Mídias Táticas são o que acontece quando mídias baratas tipo 'faça você mesmo', tornadas possíveis pela revolução na eletrônica de consumo e formas expandidas de distribuição (do cabo de acesso público à internet), são utilizadas por grupos e indivíduos que se sentem oprimidos ou excluídos da cultura geral.” (GARCIA; LOVINK, 2003). O conceito de mídia tática é corrente no mundo acadêmico e em teorias de resistência; não há precisão no conceito, ele reúne inúmeras manifestações como o hacktivism, culture jamming e artivismo (MAZETTI, 2008). O *indymedia* é considerado um tipo de mídia tática.

Esse movimento de mídias de poucos para mídias da multidão, de todos, é tendência em nossa época, e é estudado por Henrique Antoun e Fábio Malini, como veremos em capítulo dedicado as teorias da cibercultura. A apropriação de instrumentos pela multidão, a força-cérebro como matéria de produção, possibilita que a produção seja generalizada, não dependa da mediação do capitalista. A internet amplifica isso.

Não faz parte de nossos objetivos fazer o mapa das re-apropriações das mídias por outros movimentos de resistência além do *indymedia*. Porém na análise da cobertura da COP15 e do funcionamento do CMI-Brasil, entramos em contato com sites de grupos de resistência do Brasil ou das resistências pela justiça climática. Assim não seria apressado dizer que as resistências contemporâneas, sejam brasileiras ou européias, são midiaticizadas diretamente, ou seja, têm o *indymedia* como meio importante, mas fazem também sua mídia.

Quanto ao segundo princípio, referente à correspondência entre a forma de organização e a da produção atual, redes de colaboração e comunicação definem o trabalho pós-fordista. No modelo moderno, fordista, a produção hegemônica era de bens materiais, situada na fábrica e feita pelo operário. Hoje, na pós-modernidade, no modelo pós-fordista, o setor de serviços começa a tomar o lugar da fábrica. O emprego é precário, flexível, sem garantias e estabilidade. A produção hegemônica é de bens imateriais: cooperação, comunicação, imagens, conhecimentos, informação, idéias, afetos, relações, ou mesmo os objetos carregam excedentes imateriais.

Ainda são produzidas coisas, a fábrica continua sendo local que reúne boa parte da mão de obra. Entretanto uma das hipóteses propostas por Negri e Hardt é a de que o trabalho imaterial estaria lançando tendência; há um devir comum do trabalho. A fábrica, a agricultura o setor de serviços compartilham um fazer comum que depende das redes de cooperação e comunicação. E a produção é sempre excedente, não se limita ao tempo de trabalho, se confunde com o tempo da vida, e por fim o que é produzido é a própria vida.

A produção é baseada no comum, é feita mediante redes de cooperação e comunicação que por sua natureza são comuns, e gera mais comum:

Não só a produção de idéias, imagens e conhecimentos é conduzida em comum – ninguém realmente pensa sozinho, todo pensamento é produzido em colaboração com o pensamento passado e presente de outros – como cada nova idéia e imagem convida a novas colaborações e as inaugura (HARDT; NEGRI, 2005, p. 195).

O comum é o que permite às singularidades, grupos e sujeitos heterogêneos, com suas especificidades, agirem conjuntamente. “[...] Não poderíamos interagir e nos comunicar em

nossas vidas cotidianas se não fossem comuns as linguagens, as formas do discurso, os gestos, os métodos de resolução de conflitos, as formas de amar e a vasta maioria das práticas de vida.” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 245).

O *indymedia* é sustentado por redes de colaboração e comunicação e não há relações empregatícias, centradas no lucro. As redes, como tentamos perceber, são abertas a inúmeras singularidades, criam espaço de partilha, comum entre as singularidades. Assim o *indymedia* é da multidão, de todos, para todos. Segundo Hardt e Negri (2005, p. 386), em citação sobre o *indymedia*: “[...] igualdade de acesso e expressão ativa [...] são fundamentais para qualquer projeto de democratização da comunicação e da informação.”

O acesso para todos é o acesso ao bem comum da multidão, a expressão ativa é o espaço comum, criado pela e para a multidão. A multidão é “[...] uma rede aberta de singularidades que se mantém unida com base no que compartilham e produzem em comum.” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 175). E, no entanto, o comum é expropriado pelo capitalista, o que é negado pelo *indymedia*, uma de suas formas de resistência. Essa expropriação torna de poucos o que deveria ser de todos; no caso os bens imateriais são possíveis à multidão apenas via relações financeiras.

A forma da produção, a rede, é a forma hegemônica atual: a multidão é rede acentrada de singularidades, a internet é rede mundial, o Império é rede não centrada no Estado-nação. “Hoje vemos redes por toda a parte [...] é que a rede tornou-se uma forma comum a definir nossas formas de entender o mundo e agir nele.” (HARDT, NEGRI, 2005, p. 191). A forma em rede é usada no *indymedia* para produção de seu projeto, que tem características da democracia conceituada por Negri e Hardt; isso nos leva ao terceiro princípio: como vimos, a democracia e a liberdade funcionam como os princípios orientadores das formas organizacionais de resistência.

Consideramos que o *indymedia* produz tipo de auto-organização da multidão, projeto, proposta política, faz multidão, e o desejo de democracia move a rede de coletivos. A democracia, como já foi dito, concerne ao projeto de Negri e Hardt. Este difere do modelo transcendental de democracia que se refere ao poder de sujeito soberano exterior à multidão, mesmo que seja o povo, o partido ou a nação. Este modelo opera o corte entre governados e governantes, quem tem o poder e quem aceita o poder.

No projeto de Hardt e Negri (2005, p. 422) de democracia imanente “[...] em vez de uma autoridade externa impondo a ordem de cima à sociedade, os vários elementos presentes na sociedade são capazes de organizar eles mesmos a sociedade de maneira colaborativa.” A democracia imanente das singularidades que atuam em comum e não são esmaecidas em seu

potencial é praticada em níveis menores, por uma gama de agentes na atualidade. O caso dos movimentos por outra globalização serve como modelo para inúmeros grupos. Nestes, singularidades se conectam: grupos de defesa dos direitos humanos, estudantes, anarquistas, ONGS, movimentos rurais, sindicalistas, organizações de esquerda. Essa ação em comum não depende de poder exterior, central, transcendente que os unifique; aliás, esse tipo de poder é impedido, subtraído; poderíamos assim falar em um rizoma de singularidades.

É preciso fazer o múltiplo, não acrescentando sempre uma dimensão superior, mas, ao contrário, da maneira simples, com força de sobriedade, no nível das dimensões de que se dispõe, sempre n-1 (é somente assim que o uno faz parte do múltiplo, estando sempre subtraído dele). Subtrair o único da multiplicidade a ser constituída; escrever a n-1. Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma. Um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 14-15).

Pablo Ortellado, teórico e ativista brasileiro, explica que a prática de democracia em território local anuncia um tipo de mundo desejado e que está em construção: “[...] o processo de mobilização política já é o processo de construção da nova sociedade, já é a criação de uma nova sociabilidade e de uma nova forma de organização, baseada na participação, na igualdade e no respeito às diferenças.” (ORTELLADO; RYOKI, 2004, p. 11).

Para Hardt e Negri (2005), experiências de democracia mesmo em níveis menores são muito importantes. Para eles, as resistências atuais são mais um fim do que um meio. Elas lutam contra o inimigo, mas em seu foco interno trabalham para que novas subjetividades, sociabilidades, formas de vida sejam criadas no ambiente da organização. Como é dito nos princípios de união da rede *indymedia*:

Todos os CMI's reconhecem a importância dos processos para a mudança social e estão comprometidos com o desenvolvimento de relações não-hierárquicas e anti-autoritárias, desde o nível pessoal até o das dinâmicas de grupo. Assim, devem se organizar coletivamente e estar comprometidos com o princípio da decisão por consenso e com o desenvolvimento de um processo democrático direto e participativo que seja transparente aos seus membros (<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilPrincipiosDeUniaoGlobal>).

Segundo Hardt e Negri (2005, p. 386), o *indymedia* e “[...] os numerosos projetos independentes de mídia que a ela se assemelham [...] constituem importantes experiências que mais uma vez demonstram o poderoso desejo de democracia global.”

Recapitulando os três princípios relacionados ao *indymedia*: sua forma é a de rede composta de singularidades diferenciadas, que agem em comum e não perdem suas especificidades, ou seja, correspondência entre a forma de organização e a da produção. A

rede é baseada na internet – instrumento atual eficaz de contrapoder para a multidão. E o que orienta essa forma organizacional é o desejo de atualização da democracia. O *indymedia* faz parte das resistências contemporâneas em que os três princípios coincidem, ou seja, forma adequada de luta na atualidade.

Agora que já expomos parte do arsenal teórico o relacionando ao *indymedia*, um bloco de perguntas é possível. Estas perguntas guiarão as análises posteriores na tentativa de que sejam percebidos os processos pelos quais a rede passa, o que a caracteriza como jornalismo de multidão. Já havíamos adiantado um problema de pesquisa nas considerações iniciais na página 10: quais são os elementos do mapa da resistência contemporânea formado pelo *indymedia*? Agora podemos refinar um pouco mais esse problema: quais singularidades participam da rede? Como as singularidades internas – coletivos, sujeitos – se relacionam com outras singularidades, como as resistências dos pobres brasileiras e os grupos de resistência pelo clima? Mediante quais relações de cooperação e colaboração? A resistência do *indymedia* afeta quais centros de poder? Respondendo a essas perguntas teremos um mapa, mesmo que limitado, da resistência contemporânea.

3 RELAÇÕES ENTRE CONCEITOS DE DELEUZE E GUATTARI E O INDYMEDIA CENTER

Neste capítulo faremos experimentação de conceitos de Deleuze, Guattari e Cocco. Entretanto mesmo que Negri e Hardt passem para segundo plano, eles ainda servirão como referência – isso reafirma nosso desejo de não produzir um eixo teórico estático.

Nesta parte faremos duplo movimento: primeiro comporemos o mapa²⁰ do *indymedia*, depois proporemos a criação de conceito de devir, que se refere principalmente ao CMI-Brasil. Queremos assim expandir o conceito de jornalismo de multidão, ao qualificá-lo como potência da pobreza no campo do jornalismo e ver como a positividade da multidão enfrenta obstáculos para produzir projeto constituinte.

O objeto de estudo da analítica de Deleuze e Guattari é o mapa. Este é composto por linhas molar, molecular e de fuga. Fazem parte da linha molar os modelos dominantes, estados definidos, divididos binariamente: classes (dominante e sujeitada), sexos (homem e mulher), raças (brancos e outros), idades (adulto e criança), etc. Entretanto “até mesmo as margens de desvio serão medidas segundo o grau da escolha binária: você não é nem branco nem negro, então é árabe?” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 31).

Os devires fazem parte da linha molecular. Devir é processo de diferenciação, agenciamento, aliança, evolução a-paralela entre elementos heterogêneos. O devir não concerne aos estados definidos:

Em suma, entre as formas substanciais e os sujeitos determinados, entre os dois, não há somente todo um exercício de transportes locais demoníacos, mas um jogo natural de hecceidades, graus, intensidades, acontecimentos, acidentes, que compõem individualizações, inteiramente diferentes daquelas dos sujeitos bem formados que as recebem (DELEUZE; GUATTARI, 2005a, p. 38).

Se as minorias em nível molar pedem seu reconhecimento, em nível molecular possibilitam um devir-menor da sociedade. “[...] é preciso não confundir ‘minoritário’ enquanto devir ou processo, e ‘minorias’ como conjunto ou estado” (DELEUZE; GUATTARI, 2005a, p. 88). As minorias “[...] representam não só pólos de resistência, mas potencialidades de processos de transformação que, numa etapa ou outra, são suscetíveis de serem retomados

por setores inteiros das massas.” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 88). Um devir-mulher não se parece com a mulher como estado, mas é experimentação de intensidades de feminilidades, mesmo pela mulher. Assim são possíveis negritudes, feminilidades, homossexualidades, tipos de infâncias para todo o social.

Devir é ruptura principalmente com o modelo dominante do homem branco, adulto, europeu, racional. A experimentação do devir não se dá no nível do imaginário, dos sonhos, mas diz respeito a territórios singulares que criamos (no sentido que dá Guattari), nos quais ultrapassamos os estados duros e seus dualismos da linha molar.

A terceira linha seria a de fuga. As linhas molar e molecular derivam dela. As minorias em geral (moleculares), como as mulheres, os homossexuais, as massas²¹, estariam ora sendo reterritorializadas nas estruturas endurecidas (molares), buscando reconhecimento, sendo recuperadas (no caso das massas, se estabilizando como classe), ora seguiriam linhas de fuga, como nas revoluções de 68. “A linha de fuga é uma desterritorialização [...] fazer alguma coisa fugir, fazer um sistema vazar como se fura um cano [...]” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 49).

Os movimentos de desterritorialização e reterritorialização acontecem ao mesmo tempo: é feita ruptura, se traça linha de fuga, mas se reterritorializa em algo, o que importa é em que. A linha de fuga que criou o *indymedia* foi o confronto em Seattle que agitou a multidão, levando-a a se reterritorializar em uma organização, que mesmo sendo relacionada a esses movimentos é autônoma – hoje principalmente os inúmeros coletivos. Como também houve desejo concreto de escapar, desterritorializar, fugir do jornalismo tradicional, em ação de mídia tática, pós-midiática²² que foi seguida de reterritorialização, a outra mídia possível.

No entanto como as linhas acontecem no mesmo plano, não há dualismo entre molar e molecular: “[...] toda sociedade, mas também todo indivíduo, são pois atravessados pelas duas segmentaridades ao mesmo tempo: uma molar e outra molecular” (DELEUZE; GUATTARI, 1999, p. 82). “[...] em qualquer coisa, há linhas de articulação ou segmentaridade, estratos, territorialidades” (molares) “[...] mas também linhas de fuga, movimentos de

²⁰ Como já foi dito, estamos usando a designação de mapa de duas formas na pesquisa: primeiro, referente ao *indymedia* e as resistências, o mapa é o território formado por ambos, o local onde as singularidades atuam. Já nesta parte, o conceito de mapa se refere às linhas de força – molar e molecular – de um agenciamento.

²¹ Deleuze e Guattari resignificam o conceito de massa. Esta, no caso, não diz respeito apenas a agentes sociais, mas a massas monetárias, massas burguesas, etc. A massa escorre entre as classes, tem seus próprios movimentos, objetivos e formas de luta. A importância de Maio de 68 foi seu acontecimento de massa (DELEUZE; GUATTARI, 1999).

²² O conceito de pós-mídia aparece em textos de Guattari e Rolnik (2005) e Guattari (2006, 2007). A pós-mídia é “[...] reapropriação da mídia por uma multidão de grupos-sujeito, capazes de geri-la numa via de ressingularização.” (GUATTARI, p. 46, 2007). O conceito será visto mais adiante.

desterritorialização e desestratificação.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 11). Todos os tipos de luta, de resistência são molares e moleculares. As linhas de fuga e a molecular não são necessariamente positivas. Uma linha de fuga pode levar à morte; há fascismos moleculares de bando. “O que nos diz que, sobre uma linha de fuga, não iremos reencontrar tudo aquilo de que fugimos?” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 51).

Consideramos que não há precisão para descrever essas linhas: “Nada mais complicado do que a linha ou as linhas” (DELEUZE; PARNET, p. 159, 1998). A linha de fuga, na obra dos autores, em alguns momentos se confunde com a molecular. “[...] são absolutamente necessárias expressões inexatas para designar algo exatamente.” (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 32).

Devemos trazer algumas considerações feitas em *Império*. Negri e Hardt dizem que elementos da linha molar são próprios à tradição moderna. Na crise dos valores modernos, na pós-modernidade, há processo de valoração da diferença, que não é necessariamente positivo. As mulheres, os negros, os homossexuais são cada vez mais incluídos, recuperados pelo capital; o Império se alimenta da diferenciação. “A universalização da cultura ocidental não reduz as diferenças, mas as integra (e hierarquiza) como internas, em vez de fazê-las de funcionar como contrapontos externos.” (COCCO, 2009, p. 146). Isso é visto nos inúmeros produtos criados pela indústria cultural para essas supostas minorias, consideradas como segmentos: revistas, filmes, programas de TV. Como é dito em *Multidão*: “No Império [...] toda a população global tende a tornar-se necessária ao poder soberano, não só como um conjunto de produtores, mas também como consumidores, usuários ou participantes do circuito interativo da rede.” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 420).

Para Deleuze e Guattari não há devir-homem, mas devires do homem, pois ele “[...] é majoritário por excelência, enquanto que os devires são minoritários” (DELEUZE; GUATTARI, 2005a, p. 87). Nesse processo do capital, de recuperação, as mulheres, raças, os homossexuais possibilitariam ainda devires minoritários? Quais negritudes, feminilidades, homossexualidades, diferentes destas recuperadas pelo capital, são ainda possíveis?

Também outros dualismos entram em crise na pós-modernidade. O dentro e o fora: na sociedade de controle não há mais exterioridade; estamos sempre trabalhando, estudando, e o controle contínuo se dá também nas mentes. O público e o privado: os espaços se privatizam. As polaridades norte-sul, que já vimos. Emprego e desemprego: o trabalho precário é algo entre os dois. Estes são exemplos de rupturas negativas com os dualismos modernos.

Devir não se refere apenas a sujeitos, mas também a animais e plantas (os devires orquídea da vespa e vespa da orquídea, tão famosos de Mil Platôs (2004)), organizações

sociais, línguas, à arte, etnias, ao mundo, a qualquer coisa que haja necessidade de produção de diferenciação. Segundo Cocco, na crise da modernidade há a possibilidade de devir que agencia elementos heterogêneos, como homem, animal, ferramenta, ambiente. Esse devir, proposto por Cocco, permite a linha de fuga da dominação do homem, sujeito, a partir do trabalho, em relação à natureza, objeto.²³

Também Cocco propõe mais dois devires: o devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil do mundo, que aconteceriam conjuntamente. Em *MundoBraz* ele expõe as teses da brasilianização do mundo, que seria a periferização, a favelização, o terceiro mundo cada vez mais presente no primeiro. Como este processo é global, concerne à ordem mundial, o Brasil seria o seu próprio futuro. Entretanto há linhas de fuga possíveis, o devir-Brasil do mundo e o devir-mundo do Brasil, nos quais o terceiro mundo aparece como potência.

No caso do CMI-Brasil proposta foi aceita que era tipo de luta contra o modelo dominante moderno, representado pelo homem. Foi proposto o uso de linguagem inclusiva (<https://docs.indymedia.org/view/Local/CmiBrasilLinguagemInclusiva>), a qual já era usada por outros coletivos da rede *indymedia*. O objetivo era “[...] desafiar regras gramaticais que instituem o uso do masculino para significar o genérico” (<https://docs.indymedia.org/view/Local/CmiBrasilLinguagemInclusiva>), e romper também com exclusões de raça. Isso surgiu dos coletivos da rede global e nacional dedicados às mulheres, o *imc-womyn* (<https://docs.indymedia.org/Global/ImcWomynPt>) e o *cmi-mulheres* (<http://docs.indymedia.org/view/Local/CmiBrasilCmiMulheres>). Este último coletivo é do CMI-Brasil interessado na discussão de gênero, sua lista foi desativada.

O *imc-womyn* reúne mulheres envolvidas na rede *indymedia* e luta contra valores sexistas, patriarcais, tanto sociais, quanto na própria rede. Deste coletivo surgiu o Projeto Servidor das Mulheres que tenta superar a dificuldade das mulheres em “[...] aprender sobre tecnologia, mais especificamente sobre a tecnologia de computadores e internet.”

²³ Na parte sobre a cobertura da COP15 pela rede *indymedia*, veremos a importância do comum natural na pós-modernidade, que é posto atrás do paradigma moderno de crescimento. Também neste capítulo (o terceiro) trataremos considerações de Cocco sobre esse paradigma como produtor de miséria. Após a recusa pelos Estados-nação dominantes na COP15 de proporem alternativa para as questões do clima, Evo Morales convocou conferência pelo clima. Segue abaixo algumas linhas que demonstram o posicionamento da conferência que se aproxima do ponto de vista de Cocco. “[reconhecemos] que o sistema capitalista e todas as formas de depredação, abuso, exploração e contaminação causaram grande destruição, degradação e perturbação à Mãe Terra, colocando em risco a vida como a conhecemos. [Estamos] convencidos de que em uma comunidade interdependente de vida não é possível reconhecer direitos só para os seres humanos, sem causar um desequilíbrio na Mãe Terra.” Tradução de: [reconhecemos] que el sistema capitalista y todas las formas de depredación, explotación, abuso y contaminación han causado gran destrucción, degradación y alteración a la Madre Tierra, colocando en riesgo la vida como hoy la conocemos [Estamos] Convencidos de que en una comunidad de vida interdependiente no es posible reconocer derechos solamente a los seres humanos, sin provocar un desequilibrio en la Madre Tierra (<http://cmpcc.org/derechos-madre-tierra/>).

(<http://docs.birosca.org/wiki/projeto>). Não desconsiderando o valor de tais tipos de projetos, fica a dúvida se esse engajamento não seria realmente potente no modelo moderno, o qual está em crise; fato que é comprovado pela inclusão crescente das mulheres no mercado de trabalho. Por isso perguntamos: quais são os objetos de luta, o que deve ser afrontado, quais devires devem ser criados?

Desenhando o mapa do *indymedia* vemos que ele tem suas molaridades, suas formas definidas, que reproduzem dualismos. Consideramos certos elementos como molares, por serem endurecidos, estáticos. Além disso, alguns destes elementos submetem a certa ordem sujeitos e grupos. Os sites são mecanismos com organização fixa, os documentos mostram posicionamentos. Os fluxos de comunicação são organizados através de listas de discussão com forma própria, e há todo um jogo de interação pré-moldado, mesmo que não seja formalizado. Os sujeitos e grupos que pretendem fazer parte da rede têm que aceitar regras pré-estabelecidas. O espaço com destaque para a publicação feita pelos coletivos editoriais (matérias principais) e o outro espaço reduzido para a publicação aberta (feita por qualquer um e que podem ser promovidas, ganhando mais visibilidade nos sites) produz dois tipos definidos de textos.

Os direcionamentos de publicação – a política editorial – impõem formas às notícias. Estas formas concernem em parte ao jornalismo hegemônico. Nos documentos da rede global é dito que são buscadas notícias exatas, verdadeiras, honestas (<http://docs.indymedia.org/view/Global/FrequentlyAskedQuestionEn>). No manual do coletivo editorial do CMI-Brasil, a forma do lead é sugerida²⁴: “É muito importante que os editoriais sejam sintéticos e objetivos. Em geral, as primeiras frases devem ser objetivas e responder às 6 questões: O quê? Quem? Onde? Quando? Como? Porquê?” (http://www.midiaindependente.org/pt/blue/static/editorial.shtml#Como_publicar_um_Editorial). Algo parecido é dito na seção “como escrever uma matéria principal” do *indymedia* London:

Você pode ser muito cuidadoso com o seu artigo, explicando o quê, onde e como com muito mais detalhes. Mas também, e fundamentalmente, aqui você tem a chance de entrar no porquê (s) das questões (s) que você está relatando em um sentido político ou teórico.²⁵

²⁴ Nesta citação e na próxima é feita referência ao termo editorial. No CMI este é o nome dado às matérias principais do site. No capítulo de análise do CMI-Brasil será explicado melhor o uso do termo.

²⁵ Tradução de: “You can be very thorough with your article, explaining the what, where and how with much more detail. But also, and crucially, in here you also have a chance to get into the why(s) of the issues(s) you are reporting on in a political or theoretical sense.” (<http://london.indymedia.org/pages/how-to-write-a-feature-for-imc-london>).

Também no *indymedia UK* é detalhada a estrutura ideal de matéria principal: título, foto, resumo, corpo do texto, links (<https://docs.indymedia.org/Local/UkFeaturesHowTo>). E mesmo os textos da publicação aberta devem ter estrutura o mais próximo possível destas matérias se quiserem ser promovidos.

Percebemos também a reprodução de dicotomias nos dois tipos de publicação que formatam as singularidades que participam da rede; dicotomias como: interno e externo, quem é membro e quem não é. Como os coletivos editoriais têm poder quase soberano em relação aos outros colaboradores, o corte seria entre dominantes e dominados. Esse corte é o mais importante no *indymedia*, e mesmo os colaboradores da rede sabem disso. Infelizmente não foi encontrada outra forma de manter projeto de grande porte.²⁶

A linha molar, porém, é impedida mediante experimentação de auto-organização multitudinária na rede. A linha molecular apresenta organização disforme, em devir. Consideramos como elementos da linha molecular os seus processos que impedem estados definidos, suas áreas de indiscernibilidade. Os integrantes do *indymedia* não são profissionais, mas também não são amadores, eles são outra coisa, algo entre produtores e usuários. O território criado está entre o jornalismo tradicional, a produção colaborativa da Internet – que em parte difere da internet recuperada por grandes corporações – e as resistências. Ou seja, é difícil defini-lo apenas como jornalismo, um estado estável.

Quanto às políticas editoriais, elas não podem ser comparadas a regras endurecidas como os manuais de redação. Também não há programas, como os de partidos ou outras organizações tradicionais. As exigências que direcionam os conteúdos das notícias são mínimas, ou melhor, centram-se na cobertura de temas ligado a multidão, o que é razoável. Em nossa análise dos coletivos, alguns dos textos publicados não tinham a forma de texto que pode ser associado ao jornalístico, eram ensaios, poesias, manifestos, além de chamados para ação e comunicados de grupos de resistência.

O movimento que desfaz as formas e impede a estabilidade faz parte do processo do *indymedia*: coletivos podem surgir, variar no número, ser desligados da rede; colaboradores participam com mais intensidade se quiserem, mas a rede se mantém. Aliás, a expansão da

²⁶ Sobre o corte entre sujeitos, o poder do coletivo sobre os outros colaboradores, Burger (2004, p. 18) conta a história de como começaram a ser escondidos os textos postados que fugiam da política editorial, ou seja, da permanência apenas do que se conforma com as regras da rede: “A decisão de fazer algo a respeito de textos que não condizem com a política editorial começou a ser discutida nas listas no fim de 2000, quando, simultaneamente, mensagens de cunho anti-semita começaram a aparecer simultaneamente na página do coletivo de Praga, em função da organização das manifestações contra a reunião da OMC na República Tcheca (S16), e na página central do IMC. Um incômodo geral atingiu os ativistas, preocupados com o uso de seu veículo de expressão e organização por grupos ou indivíduos de extrema direita, ou opiniões racistas e sexistas.”

rede como possibilidade de sujeitos e grupos tornarem-se mídia é muito mais importante que a publicação aberta. Os elementos da linha molar são afrontados constantemente pela linha molecular. Por tudo isso, esse tipo de jornalismo agencia com a multidão, pois a multidão é composta de tantos elementos heterogêneos, que é impossível a capturar em um estado; e mais, a multidão, como conceito de Negri e Hardt, o seu projeto, ainda não foi formada, está por vir.

Enfim, toda a indeterminação que impede estados fixos, impõe a pergunta, mas isso é jornalismo ou é ativismo? Em resposta a pergunta, se os colaboradores são ativistas ou jornalistas, nos documentos do *indymedia* é dito: “Algunos dirían "activistas", otros "periodistas", y otros dirían ambos.”. Ou seja, é criado espaço entre jornalismo e ativismo; por isso perguntamos que tipo de algo entre?

3.1 DEVIR-POBRE DO JORNALISMO

Propomos experimentar conceito que diz respeito ao processo de resistência do *indymedia*, um devir-pobre do jornalismo, agenciamento entre pobreza e o jornalismo do *indymedia*²⁷, mas a pobreza considerada como potência. Vemos na rede relação especial com a pobreza: 1. Aliança com os pobres como estado. 2. Experimentação de intensidades de pobreza: se mantém voluntariamente como organização de poucos recursos, pobre. 3. Resistência principalmente em relação ao jornalismo dominante, que nega e marginaliza os pobres.

Temos instrumentos suficientes para afirmar que o segundo item acontece de forma igual em toda a rede. A experimentação de intensidades de pobreza é uma das marcas do *indymedia*, como de boa parte das mídias da web 2.0. No entanto os outros itens, nos parece, acontecem de forma singular nos coletivos que analisamos. A relação com os pobres como estado é vista nos centros europeus, pois na COP15 países do sul e grupos de resistência formados pelos pobres globais estiveram presentes fazendo suas ações; e nos discursos do *indymedia* percebemos aliança com estes que são os mais afetados pelas mudanças climáticas. Mas o primeiro item se cristaliza, de forma mais acentuada no CMI-Brasil, pois ele é em boa parte dedicado aos pobres brasileiros, atualizados em movimentos de resistência.

Quanto ao terceiro item, o *indymedia* é feito por desejo de produção de sentido diferencial em relação à mídia dominante. Esta, como veremos, é espaço de exclusão dos pobres. Entretanto não temos instrumentos para saber como o jornalismo dominante de outros países cria esse espaço. Sabemos que é característica das mídias brasileiras, a partir da produção teórica que pesquisamos de certos autores do campo da comunicação no país. Assim preferimos referir o devir, em sua maior parte, ao coletivo brasileiro. Isso é importante, pois demonstra como cada coletivo é autônomo, ou seja, tem suas especificidades, é singularidade, sempre em conexão e relação com outras.

3.1.1 Pobreza como potência

A pobreza como potência é conceituada por Hardt e Negri, e Cocco. “Toda a multidão é produtiva e toda ela é pobre.” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 182). “As lutas dos pobres contra suas condições de pobreza não constituem apenas uma poderosa forma de protesto, mas também afirmações do poder biopolítico [...]” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 183). Também Negri (2003, p. 47) em outro momento diz que “[...] a pobreza, de fato, não é simplesmente miséria, mas é a possibilidade de muitíssimas coisas, que o desejo indica e o trabalho produz.” Segundo Cocco (2009, p. 159), os moradores da periferia “[...] são a matéria viva, a carne da multidão de que é feito o mundo globalizado.” Ou mesmo Deleuze deu atenção à pobreza como resistência:

É verdade que o capitalismo manteve como constante a extrema miséria de três quartos da humanidade, pobres demais para a dívida, numerosos demais para o confinamento: o controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas (DELEUZE, 1992a, p. 224).

Em Cocco a pobreza ganha dimensão especial. A proposta principal de *MundoBraz* é pensar as linhas de fuga possíveis a partir do empobrecimento generalizado na globalização. Este é atualizado na brasilianização global, que possibilita campo de possíveis aberto em direção ao devir. Ou seja, extração na pobreza de potência. Outra consideração presente no livro de Cocco, mas também na obra de Negri e Hardt, é que a pobreza é potência. No caso de

²⁷ Enfatizamos “jornalismo do *indymedia*”, pois nos referimos ao jornalismo de multidão, que por concernir a um devir-jornalístico, é diferente do jornalismo dominante, molar.

nações, as do sul, os países pobres, são as mais ricas em biodiversidade. Os movimentos de resistência dos pobres que vemos na América Latina são extremamente ricos em demandas, organização, desejos.

A favela tem suas positivities: nascem da busca de melhores condições e o processo que as gera é autoconstrução do ambiente urbano. Os movimentos globais de migração, feitos pelos pobres, dão forma ao mundo ao trazerem sua riqueza – sonhos, conhecimentos, linguagens, relações –, permitindo devir diferencial ao mundo, seu devir-Brasil, que se opõe a construção (ou melhor, destruição, como veremos na parte sobre a COP15) dele pelo Império.

Os pobres, os desempregados, os não-assalariados estão incluídos na produção biopolítica, na construção de mundo, na constituição de ser, da carne da multidão. A produção, assim, não concerne só ao trabalho assalariado; no paradigma de produção imaterial produção e reprodução se confundem: “trabalho e não-trabalho desenvolvem idêntica produtividade, baseada sobre o exercício de faculdades humanas genéricas: linguagem, memória, sociabilidade, inclinações éticas e estéticas, capacidade de abstração e de aprendizagem.” (VIRNO, 2003, p. 65). Ou como dizem Negri e Hardt: “Não existe uma diferença qualitativa separando os pobres das classes de trabalhadores empregados. Pelo contrário, verifica-se uma condição de existência e atividade criativa cada vez mais comum definindo toda a multidão.” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 182). Isso estamos vendo ao longo da dissertação, o paradigma imaterial possibilita que os instrumentos da produção, as redes de colaboração, que envolvem toda a vida, sejam re-apropriados pela multidão.

Além de serem incluídos na produção social, na constituição de ser, e por isso, os pobres aparecem como resistência. De forma um pouco mais visível, os pobres atualizados nos grupos de resistência. Vemos isso aqui no Brasil, nos movimentos dos sem-terra, sem-teto, indigenistas; nos movimentos de jovens, que são pobres, pois o trabalho que lhes é oferecido é precário; nos coletivos de mídias pobres. Nas favelas, vemos as lutas por direitos, a busca de regularização, direito de posse.

A resistência dos pobres é global: “Da mesma maneira que os dos negros e ‘latinos’ de Los Angeles, dos ‘piqueteiros’ argentinos e dos ‘favelados’ brasileiros, os motins franceses mostram a tatuagem hedionda que foi gravada ao longo das linhas cromáticas da discriminação racial e étnica.” (COCCO, 2009, p. 160). Os movimentos de migração resistem ao fechamento das fronteiras nacionais. Como percebemos a partir da análise da COP15, os países do sul, os pobres do globo, os mais afetados pelas mudanças climáticas, tentam se impor frente aos países dominantes.

Ou seja, a pobreza como matéria prima da resistência, que assim é riqueza, torna o dualismo riqueza e pobreza que enquadra sujeitos e grupos, faz parte do senso comum, do discurso da mídia e dos economistas, primeiro ingênuo, pois desconhece a potência da multidão de pobres, e segundo, nocivo, pois cria espaço de exclusão. Assim a biopolítica dos pobres é recuperada pelo biopoder.

Cocco critica o modelo de riqueza dominante que é paradoxal, pois o crescimento econômico impõe, a gama enorme da população global, a miséria. Para ele, a pobreza como horizonte negro, que atinge todo o ocidente é resultado do “[...] esgotamento dos modelos de crescimento industrial como mecanismo fundamental de desenvolvimento (e integração social e/ou de ‘progresso’) [...]” (COCCO, 2009, p. 61). Esse esgotamento, veremos no capítulo sobre as lutas pela justiça climática, pois é simbolizado no aquecimento global.

Mesmo assim, é esse o modelo mundial dominante, que é aplicado no Brasil. O modelo de crescimento econômico tem o trabalho como gerador de cidadania, de autonomia, no entanto, o trabalho que é criado é o informal, a precarização do emprego. Mesmo quando se fala em aumento da taxa de empregos, em boa parte se refere a essa linha entre emprego e desemprego, caso do Brasil e da Argentina. O Brasil aparece como paradigma (o conceito de brasilianização), pois ele tem “tradição” na negação dos estatutos do trabalho, e é o país dos contrastes, em que favela e asfalto convivem sem harmonia.

Cocco (2009) faz apologia, de forma alguma sectária ou ingênua, às políticas de inclusão no Brasil que expõem que a cidadania já significa algo que deve ser valorizado. No país, o *Bolsa Família* dá renda aos cidadãos, sem que eles passem pelo crivo da carteira assinada. Segundo o autor, a distribuição de renda gerou redução da desigualdade muito mais visível que a gerada pelo crescimento econômico.

Políticas como as do *Bolsa Família*, e outras parecidas da Europa e da América do Norte, a “renda de existência” (COCCO, 2009, p. 164), afirmam a produtividade, a biopolítica dos pobres, sua riqueza, e que eles são explorados pelo capital.

Caso venha a ser estendida além das fronteiras nacionais, tornando-se uma exigência global de renda assegurada para todos, ela pode tornar-se um elemento de um projeto de gestão democrática da globalização. Um tal esquema comum para a distribuição de riqueza corresponderia à produtividade comum dos pobres (HARDT; NEGRI, 2005, p. 184).

A pobreza como potência é resistência anticapitalista. Hardt e Negri (2006a, p. 51) dizem que “[...] não existe nada, nenhuma ‘vida nua e crua’, nenhum panorama exterior, que possa ser proposto fora desse campo permeado pelo dinheiro: nada escapa do dinheiro.”

Partindo dessa consideração, Pelbart (2003, p. 139) se pergunta: que possibilidades restam de serem produzidos “[...] territórios existenciais alternativos àqueles ofertados ou mediados pelo capital?” Estes territórios para Guattari são criados pelas minorias, os pobres, os excluídos, a revolução molecular, que são linhas de fuga do capitalismo. E no nosso caso, a fuga dessas valorações dominantes diz respeito ao devir-pobre experimentado pelo CMI-Brasil.

3.1.2 Exclusão dos pobres pelo jornalismo

Parte da produção de notícias do CMI-Brasil é feita pelos pobres brasileiros e os conteúdos concernem a eles, como também há outras potencialidades na pobreza que são experimentadas no CMI brasileiro; isso faz parte de seu devir-pobre. Especificamos devir-pobre do “jornalismo”, pois ele é processo de diferenciação principalmente em relação ao jornalismo hegemônico. Este reproduz modelo de riqueza e pobreza, no qual a riqueza é louvada e a pobreza é considerada como mal a ser erradicado. Assim representa os interesses dos ricos e faz da pobreza algo negativo, indesejável. Por isso a resistência ao jornalismo também é resistência anticapitalista.

A proposta de conceituação do devir-pobre do jornalismo surgiu também a partir de alguns dos trabalhos de Marocco (1997, 2004, 2007), que agenciam o jornalismo, os excluídos e o trabalho de Michael Foucault. Marocco possibilita a compreensão do jornalismo como mecanismo de exclusão, que vigia e faz punir singularidades da multidão. Este tenta eliminar a potência das singularidades, as tornando massa sujeitada. Marocco enumera algumas atribuições negativas que o discurso jornalístico impõe aos pobres:

1. ele desafia e rompe com os valores ‘verdadeiros’ da sociedade, como a propriedade, no caso dos sem-terra; 2. é um perdedor nos conflitos discursivos para as ‘versões’ oficiais sobre o acontecimento, mas continua compactuando com o discurso; 3. é uma ameaça à segurança; 4. representa os padrões de não-beleza (MAROCCO, 1997, p. 3).

Marocco (2004) em *Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico* dá atenção à construção excludente feita pelo jornalismo brasileiro do século 19, principalmente o porto-alegrense. Entretanto mesmo que faça recorte preciso, ela re-afirma a exclusão na atualidade: hoje são combatidos, na tentativa de serem eliminados, os sem-terra, os meninos de rua, como eram as prostitutas, os jogadores e os vagabundos.

Em análise da cobertura nacional de manifestações de setores do MST contra a empresa Aracruz, Berger (companheira de escrita de Marocco) dá o entendimento da marginalização dos pobres e do culto ao modelo dominante de riqueza feito pela mídia. Para esta, os “[...] negros, pobres, desempregados, moradores das favelas, militantes dos movimentos sociais, sem-terra [...] são violentos, ameaçam a ordem e devem ser tratados como inimigos.” (BERGER, 2006, p. 4). E conclui que os pobres nos discursos das mídias “[...] são truculentos (todos os pobres são), eles são violentos (todos os pobres são), eles dificultam o desenvolvimento econômico (todos os pobres dificultam).” (BERGER, 2006, p. 9).

Quanto ao fato (da Aracruz) especificamente, a mídia também fez o papel de legitimadora do modelo capitalista, defensora da propriedade privada da referida fábrica. No entanto, a Aracruz, segundo fontes alternativas às fontes oficiais, é agressiva frente ao meio ambiente, o comum natural da multidão. Este é um outro tipo de marginalização, a mídia usa fontes oficiais, que são defensoras da ordem, e impede a fala dos, como chama Berger (2008), “outros”. Em entrevista a autora fala um pouco mais sobre esse outro: “Então, o 'outro', este colono sem-terra, assim como historicamente os negros, os pobres, os excluídos, eles ocupam um lugar na imprensa - é o lugar da polícia - é o lugar daqueles que não são bem-vindos nessa sociedade.” (BERGER, 2008).

Assim em Berger vemos se cristalizar três das atribuições negativas que o discurso jornalístico impõe aos pobres, conceituados por Marocco: o desafio da propriedade privada, sua exclusão como fonte, sua ameaça a segurança. Bentes (2007) reforça as considerações de Berger e Marocco. Segundo ela, o jornalismo cria discurso retrógrado, que criminaliza os pobres que seriam causa da violência.

Também Cocco (2009), autor não oriundo do campo da comunicação, trata do tema. Segundo ele, o governo Lula tentou implementar medidas de ação afirmativa e a instituição de Ministério da Igualdade Racial com o intuito de incluir parcela da população que é excluída, os negros brasileiros. No entanto, a mídia fez uma campanha contra essas políticas. Também Cocco fala do preconceito das mídias com Lula, um mestiço, o que reafirma o que estamos expondo. “Essa atitude dos grandes grupos midiáticos em relação ao governo Lula não é exceção, mas a regra; e mostra bem a força dos preconceitos em relação a um presidente que não nasceu da elite: é um mestiço, um migrante nordestino sem educação formal.” (COCCO, 2009, p. 248).

A exclusão feita pelas mídias faz parte da produção biopolítica de ordem exposta por Negri e Hardt no livro *Império*, que concerne ao controle contínuo que se dá nas mentes, já

visto. Para os autores, as mídias criam subjetividades passivas para legitimar o Império: “[...] o imaginário é guiado e canalizado dentro da máquina de comunicação.” (HARDT; NEGRI, 2006a, p. 51). “A legitimação da máquina imperial nasceu pelo menos em parte das indústrias de comunicação.” (HARDT; NEGRI, 2006a, p. 52). “[...] poder-se-á dizer que na fase pós-fordista o controle passa mais através da televisão do que através da disciplina de fábrica, através do imaginário e da mente, mais do que através da disciplina direta dos corpos.” (NEGRI, 2003, p. 104)

Guattari (GUATTARI; ROLNIK, 2005; GUATTARI, 2007) faz constatações parecidas as de Negri e Hardt ao relacionar o capitalismo pós-industrial e a produção de subjetividade feita pela mídia. Para ele, no capitalismo a produção de subjetividades é central. Essa subjetividade é serializada, fabricada em massa, principalmente pelas mídias. Guattari também conceitua as formas de resistência à produção de subjetividade, a revolução molecular; segundo o autor: “A tentativa de controle social, através da produção da subjetividade em escala planetária, se choca com fatores de resistência consideráveis, processos de diferenciação permanente que eu [Guattari] chamaria de ‘revolução molecular’.” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 54).

A revolução molecular concerne à busca de “[...] modos de subjetivação originais e singulares, processos de singularização subjetiva.” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 54). O conceito e a constatação de certos grupos como resistência datam do início dos anos 80; no entanto, a revolução molecular pode ser associada ao tipo de resistência da multidão.

Consideramos que a negação da pobreza e a apologia à riqueza feitas pelo jornalismo produzem subjetividades. Essa subjetividade se refere à forma como são encarados os pobres e a repressão a eles, como eles mesmos se veem, e também afirma a ordem capitalista, cria consumidores e produtores. A resistência específica no CMI brasileiro a essa produção de subjetividade, seria um devir singular, o devir-pobre, que faz da pobreza, riqueza, e rompe com os valores da própria máquina midiática.

O devir-pobre do jornalismo do CMI-Brasil seria a possibilidade de ultrapassar a “fábula redundante” (MAROCCO, 2007, p. 14) e o “cenário ficcional” (MAROCCO, 1997, p. 2) que o jornalismo cria sobre os pobres, mediante a sua exposição diferencial nas notícias. No entanto este devir é também espaço rico que ultrapassa os limites do jornalismo, se referindo à organização, assim podendo ser associado a toda a rede *indymedia* e, mais, também a parte das mídias colaborativas.

A rede *indymedia* cria território rico, produtivo mesmo com recursos financeiros mínimos. A rede é mantida pela boa vontade dos colaboradores, como também pelo uso

engajado das novas tecnologias de comunicação, tecnologia gratuita ou barata, não por relações empregatícias e publicidade. O que a sustenta é esse trabalho coletivo movido por desejos de outra realidade. Esse devir diferencia o *indymedia* do jornalismo das grandes corporações mantido por somas absurdas. Vemos essas redes de colaboração se disseminando na web 2.0. Esse tipo de produção interessa Cocco.

As [...] singularidades cooperam entre si mantendo-se tais; como acontece nas redes de produção do copyleft, ou do Wikipédia [...] De repente, a organização da produção não é mais consequência do esvaziamento (assalariado) da liberdade formal, mas algo que pode acontecer dentro das redes horizontais de cooperação social (de trabalho colaborativo em rede que atualiza constantemente essa liberdade) (COCCO, 2009, p. 133).

“[...] temos [assim] um trabalho vivo que consegue tornar-se produtivo sem passar pela relação salarial [...]” (COCCO, 2009, p. 157).

No caso específico do CMI-Brasil ele funciona apenas por agenciar com os movimentos de resistência de pobres que suprem com notícias o site. O devir-pobre e as características do *indymedia* percebidas através de conceitos de Negri e Hardt compõem um mesmo mapa: o território de todos para todos não exclui singularidades; assim as minorias marginalizadas, os pobres, ou mesmo os produtores de mídias pobres, se tornam protagonistas. As redes de colaboração e a produção de espaço comum não são mantidas por fins financeiros, são anticapitalistas. A resistência produzida por esse bloco de resistência é contra o capital, ao modelo dominante de emprego e de riqueza, como às mídias dominantes pela sua construção estereotipada da pobreza e legitimação imperial.

Guattari permite pensar o conceito de devir-pobre: “Todos os devires singulares, todas as maneiras de existir de modo autêntico chocam-se contra o muro da subjetividade capitalística.” (GUATTARI; ROLNIK, 2005, p. 59). O devir pobre seria processo de singularização; assim após a pobreza ser resignificada, ela aparece como potência da vida, biopolítica, que se insurge à recuperação da vida pelo capital, o biopoder.

4 TEORIAS DA CIBERCULTURA

Nesse capítulo faremos relações com conceituações de Henrique Antoun e Fábio Malini. Pretendemos assim demonstrar que o jornalismo de multidão concerne a território teórico atualizado, mesmo tendo suas especificidades. Antoun e Malini foram escolhidos, principalmente por três razões: primeiro por terem como referência principal o trabalho de Antônio Negri. Segundo, os dois fazem parte dos estudos sobre cibercultura no Brasil. E terceiro: ambos negam suposta imparcialidade científica se aproximando das teorias e objetos, o que cria tipo de ativismo teórico²⁸. Neste capítulo também faremos leituras de outros trabalhos de autores do campo da comunicação que tratam da cibercultura. O objetivo dessa parte da pesquisa é enfatizar nosso lugar no campo onde essa dissertação se localiza.

4.1 MÍDIAS E RESISTÊNCIAS

Antoun (2001), no momento em que os primeiros grandes acontecimentos dos movimentos por outra globalização se desenvolviam, percebeu sua importância, e mais, a importância do tornar-se mídia do movimento. Sobre os confrontos de Seattle, ele expõe como a multidão, indo na contramão das informações da mídia majoritária, produziu o *indymedia*. Segundo Antoun, esta mídia não entendeu o que se passou nas ruas em Seattle, e não quis noticiar os fatos do ponto de vista dos verdadeiros protagonistas.

Em um primeiro momento, a CNN e a Globo apresentaram o que ocorria no encontro da OMC: as grandes negociações dos representantes do Império; e, após, quando a reunião foi cancelada pelos atos de uma “massa caótica de baderneiros”, mostrou a cidade sitiada. Reconhecendo as mídias corporativas como representantes e legitimadoras do Império, os inúmeros grupos que estavam em Seattle criaram o *indymedia*, como forma de reportar os fatos do ponto de vista das ruas. O *indymedia* foi o “[...] resultado do casamento da política de

²⁸ A literatura sobre a resistência midiática no Brasil pode ser dividida, a princípio, em dois grupos. Há trabalhos acadêmicos em produção sobre o tema, o que consideramos como tentativa de produção de teoria minoritária no campo da comunicação. Estes trabalhos tratam das mídias táticas, de coletivos que misturam arte, política e mídias, do *indymedia*. Outro grupo reúne teorias produzidas por coletivos ou indivíduos que têm afinidade direta com esse tipo de resistência, que criam território em que teoria e ativismo não são identificáveis como unidades isoladas, mas que não estão vinculados ao mundo acadêmico. Temos como exemplo deste grupo, no

ação direta do novo ativismo com a potência interativa descentralizadora e anárquica dos sistemas hipermídia.” (ANTOUN, 2001, p. 137).

A produção de mídia da multidão, pois feita por ela (ou “de” multidão, pois o *indymedia* tenta fazer multidão ao criar território libertário que apresenta características do conceito de Negri e Hardt), cria neste primeiro momento ruptura com o distanciamento relativo das mídias diante do acontecimento, que apartada da multidão desconsiderou o mais importante, os desejos e demandas vindos das ruas. Segundo Antoun (2001, p. 142), ao se referir às relações entre *indymedia* e Seattle:

[...] para o ativismo do IMC cobrir um acontecimento é também prepará-lo, invocá-lo e mimá-lo, cuidar de sua preparação e de seu desenvolvimento. Mas fazê-lo do modo que um meio jornalístico pode fazê-lo: transformando em notícia as narrações apaixonadas do acontecimento, explorando as fabulações, profissionais ou amadorísticas, favoráveis ou contrárias ao acontecimento como os pontos de vistas locais que constituem seu território.

Castells também viu o poder do acontecimento desde seu nascimento²⁹. O *indymedia* foi gerado para se tornar o que Castells (2003) chama de “a espinha dorsal informativa” do movimento por outra globalização. Segundo Burger (2004, p. 12), “à medida que os protestos ‘antiglobalização’ foram se espalhando, Centros de Mídia Independente foram sendo criados em toda a parte onde os ‘novos movimentos’ eclodiam.”

Antoun dá atenção principalmente à apropriação das mídias pela multidão, seu fazer mídia. O *indymedia* foi apresentado pelo autor apenas no artigo referido, pois este, é claro, com o advento da internet, não é o único canal midiático do ativismo. Castells (2003, p. 114) dizia³⁰ que os movimentos sociais se apropriavam da internet cada vez mais “para atuar, informar, recrutar, organizar, dominar e contradominar.” E também se perguntava se esse uso não acabava “[...] por afetar [...] as formas e objetivos dos movimentos dos atores políticos?” (CASTELLS, 2003, p. 114).

A sintonia entre os dois autores, mesmo que Antoun não se refira diretamente a Castells, é vista, pois Antoun (2001, p. 139) responde a essa questão: “A comunidade ativista, entretanto, transformou na prática o sentido da palavra resistência. Ela mergulhou nas

Brasil, o trabalho de Ricardo Rosas, o extinto site Rizoma, algumas publicações da editora Conrad, como também o *indymedia* e sua documentação.

²⁹ É em *Multidão* que Negri e Hardt se mostram mais que interessados no primeiro ciclo de lutas contra o poder global.

³⁰ Usamos o passado em algumas passagens referidas a Castells, por ele permitir o reconhecimento de algo que aconteceu, mas que ainda permanece. Como no caso da midiaticização das resistências, que já foi feita, que não é mais novidade, e o condicionamento das resistências pelo uso da internet.

entranhas da Internet enquanto novo meio e constituiu através das potências anárquicas e libertárias, trazidas por ela, suas comunidades e suas práticas.”

O uso da internet pode ser percebido em sites criados por singularidades de resistência dedicados à produção de informação noticiosa, como também em sites que as resistências criam para produzir informação sobre si. Praticamente todos os movimentos que estiveram presentes na cobertura da COP15, feita pelo *indymedia*, possuem páginas na internet, o que acontece com parte dos movimentos que suprem com notícias o CMI-Brasil. Já sobre o condicionamento dos movimentos a partir do uso da internet, temos como exemplo o nosso objeto empírico, que nasce das resistências que praticam a ação direta e que ao se reterritorializarem na mídia se autonomizam.

Segundo Castells (2003), a internet é componente indispensável dos movimentos sociais por três razões: primeiro, esses movimentos que propõem modos de vida se mobilizam pela internet, pois ela é forma de comunicação eficaz para a difusão de valores na tentativa de conquistar novos corações e mentes. Segundo:

A internet torna-se um meio essencial de expressão e organização para esses tipos de manifestação, que coincidem numa dada hora e espaço, provocam seu impacto através do mundo da mídia, e atuam sobre instituições e organizações [...] por meio das repercussões de seu impacto sobre a opinião pública (CASTELLS, 2003, p. 117).

Exemplo seriam os protestos em Seattle, que foram preparados anteriormente em debates travados na internet entre singularidades diversas. Aliás, Castells (2003) afirma que o movimento por outra globalização é baseado na internet. Também diz que o poder nessa era funciona em redes globais, não se limita a instituições nacionais, assim as resistências tentam obter alcance global; portanto a terceira razão concerniria “[à] necessidade de formar coalizões globais e o embasamento em redes globais de informação [que] tornam os movimentos extremamente dependentes da internet.” (CASTELLS, 2003, p. 118).

Se Antoun focaliza seu trabalho na criação pela multidão de canais alternativos de comunicação, outros autores falam na relação entre mídias tradicionais e multidão. Segundo Braga (2007, p. 16), os grupos de resistência se tornam mais eficazes “[...] na medida em que assumem e redirecionam processos mediáticos.” O fazer mídia dos movimentos não exclui relação com as mídias dominantes.

Negri e Hardt, em *Multidão*, falam da importância do impacto dos movimentos nas mídias. Para os autores, os manifestos violentos, como os do Black Bloc³¹, seccionam os manifestantes, incitam a polícia e, por isso, monopolizam as manchetes: sem violência não há notícia; daí sua importância, pois permitem a publicização dos acontecimentos. Ortellado (Ortellado; Ryoki, 2004, p. 9-10) confirma a importância das mídias nos primeiros movimentos de lutas globais:

É impossível desprezar os efeitos que as imagens de Seattle amplificadas pela mídia corporativa tiveram sobre o movimento, seja com seu poder de atrair e congregar pessoas, seja ao manter em evidência o que eram considerados os desdobramentos de Seattle. [...]. O interesse da grande mídia pelo movimento foi logo percebido e claramente explorado por muitos de nós.

Um dos grupos mais importantes que esteve presente na COP15, o *Climate Justice Action*, tem subgrupo gerado para contatar as mídias. Assis (2006) dedicou sua dissertação a midiaticização (via mídias hegemônicas) dos movimentos de resistência. Já o *indymedia* é tipo de midiaticização alternativa, experimenta o devir-midiático³² da multidão. Alguns exemplos da experimentação desse devir: o movimento Zapatista, que conseguiu apoio mundial a partir de redes de comunicação baseada na internet; os hacker-ativistas que sabotam websites de governo ou de corporações e funcionam apenas no ciberespaço.

4.2 MÍDIAS COLABORATIVAS

Os textos que aqui usamos como referência de Antoun e Malini têm como objetos as mídias colaborativas da web 2.0. Segundo Antoun, a primeira web tinha como seus elementos principais os sites e as listas de discussão. A disseminação destes se deu conjuntamente as redes de luta, e ambos se interpenetraram: a batalha de Seattle foi antecedida por debates em

³¹ O *Black Bloc* não é um grupo específico, é tática de ação direta. Ele é o lado mais violento dos movimentos de resistência que aqui tratamos: destrói propriedade privada ligada a grandes corporações e entra em conflito com a polícia. A tática que assume importância entre Seattle e Genova esteve presente na COP15, como se faz presente em manifestos atuais contra os representantes do Império, como o G 20. Como veremos, na parte sobre a cobertura da COP15, essa violência é relativa. A tática dos *Black Blocs* é violenta se comparada a outras táticas de ação direta feitas pelos movimentos por outra globalização, que pregam a não-violência. Entretanto, os *Black Blocs* parecem inocentes comparados com as ações da polícia e as leis criadas para atingir o movimento.

³² Como já dissemos podemos falar em devir, pois o tornar-se mídia da multidão difere das mídias dominantes, estas molares, bem formadas, organizadas, as que são legitimadas, mais conhecidas. Esse devir está sendo experimentado, e diz respeito a território sem forma definida.

listas de discussão como também as trocas entre grupos em apoio à rede zapatista, e os movimentos usaram os sites como locais de produção de conhecimento comum. Os atentados de 11/ 9 fizeram com que os movimentos de resistência, tanto quanto os sites e listas de discussão, sofressem crise.

A web 2.0 é segundo momento da web e diz respeito à disseminação de produtos feitos por redes de colaboração de usuários da internet: blogs, wikis, softwares livres, jornalismo participativo (como o do *indymedia* (MALINI, 2007)), redes sociais, youtube. Nesta “o caráter participativo da rede se radicaliza, fazendo florescer o investimento em seu filão cooperativo e colaborativo.” (ANTOUN, 2008b, p. 20).

A expansão dessas mídias “das” massas³³ (expressão usada por Malini), colaborativas, acontece pelo descrédito em relação às mídias hegemônicas³⁴. “[...] a mídia assume a tarefa de representar e dar voz ao povo. As queixas de parcialidade ou falta de representatividade são onipresentes” (HARDT; NEGRI, 2005, p. 493). A multidão reconhecendo o lucro como finalidade dos meios “de” massa, sua parcialidade, o poder dos monopólios, produz sua própria mídia, alavancada pelo acesso a todos da internet³⁵, tornando a sugestão de Jello Biafra “não odeie a mídia, torne-se ela” realidade.

Característica importante dessa re-apropriação generalizada é o poder da multidão de tomar para si a função da grande mídia. Uma das hipóteses de Malini (2007, p. 17) é que “[...]”

³³ Em artigo mais recente Antoun e Malini denominam as mídias colaborativas de mídias de multidão “[...] (multi-mídias), ou seja, mídias cujas produções se dão de forma articulada e cooperativa, cujo produto final é exibido de forma pública e livre, para públicos específicos, que ao mesmo tempo, são mídias para outros públicos.” (ANTOUN, MALINI, 2010, p. 9).

³⁴ Como falamos em outro momento, o *indymedia* conecta ativismo e produção teórica, além, é claro, de se apropriar do jornalismo. Temos exemplo da produção teórica feita pelo *indymedia*, uma passagem sobre o tema da expansão de mídias que resistem às lógicas das mídias dominantes; esta passagem foi exposta na seção “sobre nós” do *indymedia UK*: “projetos independentes de mídia (do tipo faça você mesmo) estão se espalhando ao redor do planeta a velocidades sem precedentes. Provocados pelo descontentamento com a mídia e apoiados pela ampla disponibilidade de tecnologias, grupos de todo o mundo estão criando seus próprios canais de informação e de distribuição a fim de escapar da mídia corporativa. A idéia por trás da maioria desses projetos é a criação de plataformas abertas em que todos podem contribuir - e não apenas uma mídia de elite, com os seus interesses particulares. Ao eliminar a divisão clássica entre os produtores profissionais e platéia passiva, muitas questões e discussões que antes eram reprimidas tornam-se visíveis e disponíveis. As plataformas midiáticas usadas são tão diversas quanto as pessoas envolvidas. Publicações independentes são produzidas na maioria das regiões do mundo.” **Tradução de:** “Independent DIY media projects are spreading around the planet at unprecedented speed. Triggered by discontent with the mainstream media and supported by the widespread availability of media technologies, groups all over the world are creating their own channels of information and distribution in order to bypass the (mainstream) corporate media. The idea behind most of these projects is to create open platforms to which everyone can contribute - not only a small media elite with their particular interests. By eliminating the classic division between professional producers and passive audience, many issues and discussions that were previously suppressed become visible and available. The media ‘platforms’ used are as diverse as the people involved. Independent publications are produced in most regions of the world.” (http://www.indymedia.org.uk/en/static/about_us.html).

³⁵ Antoun (1998) diz que há tempos está nas mãos até de uma criança a produção na internet.

a hegemonia do paradigma de massa na produção da conversação social está a concorrer com o paradigma distribuído de conversação mediada por computador.” As mídias colaborativas “[...] complementam, subvertem ou ainda divergem daqueles emitidos pelos veículos da mídia de massa.” (MALINI, 2007, p. 20). Isso gera “crise no regime de produção simbólica contemporânea [...]” (MALINI, 2007, p. 21)

Hardt (2002, p. 58) deu atenção à crise das mídias de massa, não se referindo a ela diretamente:

Sim, penso que a ação via mídia alternativa, veiculada por vídeo e pela Internet, é extremamente importante [...] Certamente temos acesso, através destes canais, a informações que não conseguimos nos meios tradicionais, como jornais, rádios e TVs. [...] E a mídia tradicional (pelo menos nos Estados Unidos) é mais uniforme e hegemônica do que jamais foi antes.

Malini (2007) dedica parte de sua tese para expor essa tendência, exemplificando com o acontecimento do 11/9. A busca de informações parou os sistemas de comunicação, e a televisão e o rádio não supriam a população com dados mais específicos, como a situação de familiares e amigos, assim os blogs tomaram para si o papel de informar.

O 11 de setembro provocou que, na Internet, começasse assim um movimento que, mais à frente, é apontado como evento fundador da recessão da mídia e da crise do jornalismo, já que a atenção do usuário leitor, telespectador ou ouvinte – esteve em boa parte, durante o atentado, fragmentada em veículos que não os somente da corporações midiáticas (MALINI, 2007, p. 246).

Os blogs desempenharam papel importante de contrainformação nos warblogs que permitiram (e ainda permitem) relatos sobre a guerra de jornalistas, moradores e soldados, os quais contam a história de ponto de vista diferente da grande mídia. Os blogs ainda se tornam centrais na pré-candidatura à presidência de Howard Dean, em 2004, pelo partido democrata norte-americano. Além disso, as mobilizações das manifestações contra a guerra, em 2003, que reuniram milhões de pessoas por todo mundo, foram feitas a partir do blog Move On. Esse acontecimento mundial foi considerado por Negri e Hardt (2005) acontecimento de multidão. Segundo Rebelo (2006, p. 14):

Quinze de fevereiro 2003: data histórica. Milhões de pessoas em todo o mundo invadem a rua. [...] sem que tal acto se deva a convocações partidárias tradicionais. Mas a mensagem, apelos e petições que fervilham em rede, essa ‘marca’ distintiva e estruturante dos novos movimentos sociais [...].

Outra característica dessas mídias é a ruptura com a dicotomia receptor-emissor ainda presente nas mídias “de” massa (PRIMO; TRÄSEL, 2006). Segundo os estudos de recepção o receptor não é indefeso ou inofensivo, a massa indiferenciada. Negri e Hardt, em *Multidão*, citam os estudos culturais, e dizem que a resistência às mídias dominantes, a produção de “redes alternativas de expressão nascidas na resistência” (NEGRI; HARDT, 2005, p. 332) é feita pela multidão.

Antoun (2008b) não nega os estudos de recepção, entretanto, diz que “mesmo o leitor mais ativo é ainda passivo na perspectiva da luta para produzir a informação capaz de transformá-lo em um sujeito com atividade e autonomia.” (ANTOUN, 2008b, p.2). Malini (2007, p. 142) segue o mesmo ponto de vista. No paradigma da comunicação de massa “[...] o maquinário massivo se estabelecia numa relação assimétrica de poder [...]” Também Antoun diz que o receptor ativo se vê ameaçado no contexto de uma guerra da informação (conceito que veremos mais a frente), na qual as mídias tentam ser soberanas na captura do simbólico. Como fuga desse poder, estão aí as mídias colaborativas que negam as mediações tradicionais e experimentam devir-midiático.

“A cooperação, a colaboração e a livre expressão seriam os instrumentos desta nova web que uniria empresários e usuários através da livre comunicação.” (ANTOUN, 2008a, p. 4). A própria denominação de mídias colaborativas, já carrega consigo proximidade com o pensamento de Negri e Hardt. Os autores em sua definição da Multidão, dizem que ela é rede de singularidades em colaboração e comunicação. A colaboração vai de encontro com o trabalho assalariado como forma dominante de produção, e é alternativa às relações de poder.

A potência da web 2.0, no entanto, é relativa. Boa parte dela é dedicada a “ídolos e programas da cultura de massa, as conversas recorrentes sobre os temas das TVs e grandes jornais” (ANTOUN, 2009, p. 3).

A Internet, especificamente, é uma tecnologia muito ambígua, que tanto pode facilitar as atividades democráticas e libertadoras, como impulsionar ações opressoras e exploradoras. A tecnologia em si não dá garantias. Os resultados vão depender do uso político que dela se faz (HARDT, 2002, p. 58).

4. 3 PODER DA COMUNICAÇÃO E O PODER DA INFORMAÇÃO

O conflito entre biopoder e biopolítica na web é exposto por Antoun como conflito entre o poder da informação e o poder da comunicação. O poder da comunicação é o poder “[...] da partilha de conhecimentos e bens, da criação de valores, da resolução dos dilemas da ação coletiva e da geração de mercados e bens comuns. [...] o poder de valoração e organização autônomas do trabalho como uma potência da parceria.” (ANTOUN, 2006, p. 3). Já o poder da informação, constitui “[...] o campo das minas de dados, da propriedade intelectual, da venda de serviços e espetáculos através da rede tecnológica” (ANTOUN, 2006, p. 3). Este se apropria da cooperação.

O poder da informação concerne à guerra da informação. Esta diz respeito ao poder das mídias como agentes de biopoder, usadas por Estados e corporações, tendo como foco populações e indivíduos. “[...] as armas usadas a maior parte do tempo são as notícias e a publicidade” dos jornais, rádios, televisões e revistas, além da comunicação do ciberespaço (ANTOUN, 2004, p. 15).

A internet como território de disputa se realiza com a *Net War*, o poder da comunicação, a re-apropriação das mídias pela multidão em sua tentativa de produzir contra-informação: “Através desta guerra movimentos sociais ou pequenos grupos podem disputar a primazia da narrativa verdadeira com Estados, instituições e corporações [...]” (ANTOUN, MALINI, 2009, p. 4).

Também Negri, em texto de poucas páginas muito anterior à proliferação das mídias colaborativas, já anunciava a potência e o conflito da comunicação:

[...] a comunicação nos aparece agora como máquina que domina toda a sociedade, mas dentro da qual a cooperação das consciências e das práticas individuais atinge seu mais alto nível de produtividade – produtividade do indivíduo, cooperação dos indivíduos, produção de um novo horizonte ao mesmo tempo de riqueza e de liberação (NEGRI, 1993, p. 175).

No mesmo texto, Negri prevê a possibilidade da ultrapassagem da era da mídia para era pós-midiática. Nesta as mídias seriam territórios de luta, transformação social, democracia, campo da multidão. O conceito de pós-mídia é de Guattari, e pode ser definido como re-apropriação das mídias por grupos sujeitos em uma via de singularização. Esses grupos sujeitos, sujeitos não-sujeitados, para nós, são a multidão e a singularização, atualizada, se refere às mídias colaborativas.

Guattari expôs o conceito de pós-mídia principalmente em *As Três Ecologias* (GUATTARI, 2007), mas o experimentou também em *Caosmose* (GUATTARI, 2006), além de dar bom espaço para os devires midiáticos minoritários em *Cartografias do Desejo* (GUATTARI; ROLNIK, 2005). Neste último livro, ele toma como exemplo sua relação com as rádios livres na Europa, nos fins dos anos 70 e nos anos 80. Hoje com a web 2.0 vemos a tomada generalizada do ciberespaço pela multidão, em suas redes de guerra, mediante o poder da comunicação.

Para Guattari as mídias são representantes da ordem mundial. Ele criou o conceito de Capitalismo Mundial Integrado (CMI), que é a superação do dualismo leste-oeste simbolizado pelo embate entre capitalismo e socialismo. Para o autor, o CMI é regime mundial em espaço liso, no qual a produção de subjetividade (capitalística) é central, e as mídias, em sua guerra da informação, desempenham papel significativo.

O capitalismo pós-industrial que, de minha parte, prefiro qualificar como Capitalismo Mundial Integrado (CMI) tende, cada vez mais, a descentrar seus focos de poder das estruturas de produção de bens e de serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade, por intermédio, especialmente, do controle que exerce sobre a mídia, a publicidade, as sondagens etc. (GUATTARI, 2007, p. 30-31).

A criação das mídias colaborativas se dá por desejo de produzir e funciona em redes de colaboração e comunicação, o que as torna mídias de muitos, da multidão. Isto é possível pela apropriação dos meios de produção própria ao trabalho imaterial. Os meios estão nas mãos de todos, pois o cérebro é o instrumento, ou seja, a posição do capitalista como mediador não mais é necessária. A premissa da tese de Malini (2007, p. 21) afirma isso: “[...] as mídias das massas – ou as mídias p2p ou colaborativas – são determinadas por uma nova cultura do trabalho, em que a força cérebro atua como principal meio de produção, e o computador como a sua ferramenta universal.”

Hardt e Negri (2005) dizem que a forma hegemônica de produção atual, a do trabalho imaterial, se confunde com a reprodução, o tempo da vida. O que se produz são afetos, relações, sociabilidades, e isso constrói o mundo. Os que estão fora da relação salarial, os pobres, os desempregados, os não-assalariados, são incluídos nas redes biopolíticas de constituição de ser, do social.

A produção em rede para nós diz respeito a um devir-pobre – devir que ganha mais consistência no *indymedia* (pois este é nosso objeto de estudo, temos mais proximidade com ele), entretanto podemos ensaiar a tentativa de referi-lo às mídias colaborativas. Esse devir seria uma experimentação de intensidades de pobreza, que não é a pobreza como estado.

Quem produz nessas mídias não são necessariamente pobres, mas desejam se manter como tal, pelo menos em sua posição de produtores de mídias, pois não há o lucro envolvido em nenhum momento da produção: funcionam com poucos recursos, com o espírito do faça você mesmo. As mídias colaborativas, assim, são mídias de resistência, principalmente anticapitalista.

4.4 JORNALISMO PARTICIPATIVO

O *indymedia* conjuntamente a outros projetos como os sites Slashdot, Wikinews, OhmyNews, como também parte da blogosfera³⁶, são considerados exemplos de jornalismo participativo³⁷. Não contestaremos a afirmação de que o *indymedia* faz jornalismo participativo (poderia até ser nossa premissa), no entanto, como estamos vendo, o jornalismo, a produção de informação, é apenas uma das produções do *indymedia* e não a mais central.

Considerando nosso enfoque na noção de resistência, a proximidade mais importante do *indymedia* e o jornalismo desses outros meios se dá por todos serem resistência às mídias dominantes. Também o jornalismo participativo é feito por uma multidão de sujeitos e grupos, tende a descentralização, nele o profissionalismo é negado, ou pelo menos esmaecido. A especificidade do *indymedia* é que ele faz parte dos movimentos de protesto global e agencia com os pobres. E o que diferencia o jornalismo de multidão é que ele se conecta com as teorias da crítica de Negri e Hardt, entre outros. Da pesquisa que fizemos sobre jornalismo participativo apenas Malini e uma ex-orientanda de Antoun o relacionaram à obra dos autores que fazem parte de nosso eixo teórico.

Pelo fato do *indymedia* ser situado no território do jornalismo participativo por alguns teóricos dedicaremos alguns parágrafos para esse tipo de jornalismo. Segundo Primo e Träsel (2006, p. 10), o webjornalismo participativo pode ser definido como “[...] práticas desenvolvidas em seções ou na totalidade de um periódico noticioso na Web, onde a fronteira

³⁶ “Este é o nome dado a distribuição entrelaçada de weblogs” (BOWMAN, 2005, p. 26). Tradução de: “Este es el nombre dado a la ‘distribución entrelazada’ de weblogs”.

³⁷ A nomeação de jornalismo participativo (BOWMAN, 2005; PRIMO; TRÄSEL, 2006; TRASEL, 2007; MALINI, 2008) é a mais corrente, por isso a usaremos, mas alguns autores usam as designações jornalismo open source (BRAMBILLA, 2006; MOURA, 2002; TARGINO, 2008, 2010) e cidadão (TARGINO, 2008, 2010). Targino (2010, p. 3) cita as inúmeras nomeações desse tipo de produção: “Irrompe, com força total, a expressão – Jornalismo cidadão ou Jornalismo cívico ou open source journalism ou Jornalismo de fonte aberta (JFA) ou Jornalismo participativo ou Jornalismo 3.0 ou *web* colaborativa ou *web* social ou internet de nova geração ou *software* social ou *web* 2.0.”

entre produção e leitura de notícias não pode ser claramente demarcada ou não existe.” Para Malini (2008, p. 13), parte do jornalismo participativo é caracterizada “[...] como ‘processos emergentes’, em que todo o sistema de publicação e divulgação de notícias se organiza em mecanismos de auto-organização, autocoordenação e a livre troca de saber.” Para Bowman e Willis (2005, p. 9):

Jornalismo participativo: é o ato de um cidadão ou grupo de cidadãos desempenharem um papel activo no processo de recolher, reportar, analisar e divulgar informação. A intenção desta participação é fornecer a informação independente, confiável, exata, abrangente e relevante que uma democracia exige.³⁸

Na bibliografia consultada, vimos que há preocupação com a mediação de certos agentes do material produzido pela multidão de colaboradores. Primo diz que é característica do CMI (como do OhmyNews, e diferente do Wikinews e do Slashdot) ter moderação centralizada. “Ou os artigos são aceites como estão, ou são enviados para a seção ‘artigos escondidos’. Os comitês editoriais também decidem quais artigos ganharão destaque na coluna central do site, enquanto outros ficam em uma lista de notícias na coluna lateral direita.” (PRIMO; TRÄSEL, 2006, p. 15).

Brambilla (2006), que trabalha com o conceito de jornalismo *open source*, no qual faz relações entre a produção de softwares e o jornalismo, e dá atenção especial ao OhmyNews, diz que uma das características desse tipo de jornalismo é a mediação pelo profissional: “Na visão da presente pesquisa, a filtragem do conteúdo por um editor não desconfigura a ocorrência de jornalismo *open source*.” No caso, do OhmyNews “[...] a atuação do editor [aponta] para uma legitimação do conteúdo publicado naquele noticiário.” (BRAMBILLA, 2006, p. 72).

Também uma moderação mais sensível, que diz respeito aos próprios usuários que são designados para esse papel, é vista no Slashdot.

O Slashdot funciona como um fórum de discussão sobre assuntos ligados à área de tecnologia e temas afins [...] Diariamente são postados cerca de vinte tópicos, que consistem em um resumo de um parágrafo de um assunto com links para um site externo, no qual a estória foi originalmente publicada. Qualquer pessoa pode sugerir tópicos, mas a seleção do que será publicado é feita por uma equipe de editores. Cada um dos tópicos publicados será tema de um fórum de discussão e passará a receber comentários dos 70 participantes (MARTINS, 2006, p. 69-70).

³⁸ Tradução de: “Periodismo participativo: es el acto de un ciudadano o grupo de ciudadanos que juegan un papel activo en el proceso de colectar, reportar, analizar y diseminar información. La intención de esta

Segundo Trassel, ocorre algo parecido no Wikinews, entre os colaboradores são escolhidos administradores que tem funções como “[...] criar mensagens oficiais para a comunidade, bloquear usuários, apagar e fechar páginas à edição.” (TRÄSEL, 2007, p. 96). A preocupação com centralizações, práticas hegemônicas, com a reprodução de modelo, mesmo que micro, de soberania, com a relação entre dominantes e dominados, parece ser tanto dos autores, quanto dos próprios meios participativos. E é também preocupação nossa e do *indymedia*. Assim concordamos com a crítica de Primo sobre sua centralização, mas veremos que o objetivo do *indymedia* é produzir um modelo de democracia imanente, não hierárquica.

Também o jornalismo participativo tem duas faces: a que estamos apresentando corresponderia ao poder da comunicação, a outra face é o poder da informação, a captura por grandes corporações de mídias da produção da multidão. São muitos os canais da mídia dominante que tentam fazer jornalismo participativo, trazendo o receptor para a produção, como os portais do El Pais e da CNN e, no Brasil, o Globo Online e o Terra.

Malini (2008) cita estudo em que analisou as seções de jornalismo participativo dos portais do El Pais, do Globo Online e da CNN; segundo ele, esses canais são baseados na lógica do “tudo é meu”. Nesta lógica “[...] os usuários são mobilizados a publicar conteúdos sem a salvaguarda da propriedade desses conteúdos, que passam a pertencer exclusivamente a esses portais.” (MALINI, 2008, p.11). Essas corporações podem usar da forma como quiserem as informações produzidas pelos usuários, e estes não recebem nada. Segundo Trassel (2007, p. 80) “hoje, todos os grandes portais brasileiros de acesso à Internet, exceto o UOL, têm algum projeto de webjornalismo participativo [...]”.

Quanto ao gerenciamento das informações produzidas pelos usuários, Malini (2008) diz que no jornalismo participativo corporativo, como o do Globo Online e do Terra, ainda há o papel do jornalista profissional como filtro do material em excesso enviado pelo potenciais jornalistas. Ou seja, há poder de exclusão dos materiais enviados que “continua a ser aquilo que amalgama as experiências de jornalismo participativo nesses grandes portais de informação jornalística.” (MALINI, 2008, p. 12).

Por fim o jornalismo participativo aparece como alternativa ao jornalismo dos grandes grupos midiáticos. Segundo Moura (2002, p. 1), o jornalismo participativo possibilita a expressão de inúmeras vozes, impedindo “[...] a proliferação de um pensamento único, como o pode ser aquele difundido pela maioria dos jornais”. Targino (2008, p. 56, grifo do autor) diz que:

participación es suministrar la información independiente, confiable, exacta, de amplio rango y relevante que una democracia requiere.”

O fato de o mundo midiático clássico (o trinômio: impressos, TV e rádio) ter se transformado em mais e mais monopolístico e mercantil, alcançando o webjornalismo praticado pela mídia convencional, é a motivação maior para o surgimento e a franca difusão do *open source journalism* ou jornalismo de fonte aberta, o qual, como enunciado, está aberto a quaisquer indivíduos e grupos sociais para que externem opiniões sobre quaisquer temas.

Infelizmente, nosso estudo não permitiu proximidade com essas experiências de jornalismo feito pela multidão, mas como já foi dito, sabemos que a grande diferença entre nossa proposta e esses outros tipos de jornalismo participativo é que o *indymedia* faz parte desse agenciamento que estamos produzindo entre as teorias da crítica, as resistências, as mídias, etc. Por fim, também como já dissemos, não nos detemos na produção noticiosa, o enfoque da maior parte dos estudos citados. O *indymedia* tem o poder de ser não apenas meio de expressão, mas a partir da rede, grupos e sujeitos diferenciados convergem em território autônomo, em que são experimentados relações, modos de vida, o que se aproxima de uma micro-democracia direta, como diz Antoun:

A nova mídia não é um meio de vida, como eram os velhos locais de trabalho e as antigas profissões. A nova mídia é um meio para viver, um meio onde o tempo do trabalho não se contrapõe mais ao tempo de vida, um meio onde o trabalho vivo determina o trabalho 'morto' e onde o movimento vivo de cada participante constitui o espaço vital da atividade comunitária (ANTOUN, 2001, p. 141).

5 SOBRE A PESQUISA DO INDYMEDIA

Seria importante explicitar como foi o processo que nos levou a pesquisar o *indymedia*. Ele foi escolhido, em primeiro lugar, por ser resistência contemporânea, e assim ter afinidades com o conceito de multidão. Sua especificidade como resistência midiática ajudou na escolha pela natureza do programa de pós-graduação de comunicação da Unisinos.

Pode ser traçado trajeto linear do processo envolvido na pesquisa para a escolha da rede e, posteriormente, para sua análise: primeiro buscamos formas de resistências contemporâneas, após singularidades destas, as resistências midiáticas, aí surgiu o *indymedia*. A pré-observação deste permitiu a compreensão da dimensão e complexidade da rede, o que impôs recorte. Decidimos assim analisar o CMI-Brasil. Com o CMI-Brasil o mesmo aconteceu, e decidimos fazer análise aprofundada de alguns de seus processos sem a intenção de apreender todo o centro, o que seria inviável.

A análise do coletivo brasileiro fez parte do processo de qualificação. Após esse elemento do mestrado, decidimos, por sugestão da banca, analisar conjuntamente outros centros de mídia independente. Por termos em todo o caminho da pesquisa estado em contato com a rede global, não foi difícil a tomada de decisão, e o recorte que escolhemos nos pareceu razoável.

Em dezembro de 2009, final do primeiro ano do mestrado, aconteceram os manifestos em Copenhague e no mundo contra a conferência do clima das Nações Unidas, a COP15. Naquele momento, acompanhamos, sem pretensão acadêmica, sua cobertura e vimos que ela foi feita por inúmeros centros em todo o mundo. Após a banca, fizemos análise preliminar, e decidimos que o próximo passo da pesquisa poderia ser verificar como certos centros se organizaram para noticiar as mobilizações contra a COP15; como inúmeras singularidades diferenciadas produziram notícias; como singularidades diferenciadas, que estiveram presentes em manifestos e foram expostas nos coletivos, fazendo parte da rede, possibilitaram fatos, acontecimentos. Também decidimos fazer breve análise do funcionamento dos sites dos coletivos para darmos visão mais geral da rede *indymedia*.

Escolhemos, principalmente, os centros da Dinamarca, do Reino Unido e o de Londres como exemplos. A escolha destes é clara, pois os principais acontecimentos se situaram em Copenhague e em Londres. Essa segunda parte da análise focada na cobertura de acontecimento difere, de certa forma, da análise do CMI-Brasil. Em ambas tentamos perceber o funcionamento dos coletivos, da estrutura dos sites, dos conteúdos das notícias. Na análise

dos centros europeus, no entanto, buscamos relações com singularidades de resistência exteriores ao *indymedia*, atualizadas no conteúdo das matérias ou em sua colaboração na produção de textos. Estas singularidades apontam resistência global mais próxima das lutas de Seattle, assim diferenciadas das resistências que se conectam com o coletivo brasileiro.

Essas diferenças são esmaecidas se considerarmos o ponto de vista que estamos desenvolvendo e que permite olhar a todos os coletivos da mesma forma, pelo que compartilham, mesmo que cada um tenha autonomia. A partir das teorias que acionamos, pretendemos pensar a rede como espaço aberto de colaboração, comum entre singularidades diversas.

Pensar em trajeto linear da pesquisa seria criar uma pequena ilusão, pois todos os passos que enumeramos foram dados conjuntamente. Analisamos a rede *indymedia*, como um todo, e outras resistências praticamente ao mesmo tempo. As resistências estiveram presentes nos trabalhos das disciplinas do mestrado – as informações sobre elas, em boa parte, vieram de textos acadêmicos e do livro *Multidão*, mas não foi desconsiderada a análise empírica.

O CMI-Brasil sempre esteve presente, desde o início, por causa da língua. Mesmo que ele tenha tido papel fundamental na qualificação, analisamos, naquela época, outras singularidades, pois o CMI-Brasil é ligado a outros centros (CMI Venezuela, CMI Sucre, CMI Chilesur, CMI Barcelona, CMI Paris, CMI Ecuador, CMI UK, CMI Honduras), como também a outras resistências globais e nacionais, midiáticas ou não. Também desde o início da pesquisa, que começou antes do mestrado com o projeto para a seleção do programa de pós da Unisinos, analisamos coletivos locais, em momentos significativos em que os líderes do Império eram afrontados pela multidão.

A nossa aproximação poderia ser organizada da seguinte forma: 1. Do CMI-Brasil: analisamos todos os elementos do site, as listas de discussão (principalmente do coletivo editorial) e a documentação (parte dos documentos do CMI-Brasil faz parte da documentação da rede global). 2. Dos coletivos da Dinamarca, do Reino Unido e de Londres: fizemos análise de notícias, documentos e listas de discussão.

Quanto às notícias, não conseguimos manter recorte preciso do que seria analisado, como título, resumo, lead. Isso aconteceu, pois verificamos em muitos textos dados importantes no final ou meio, muitas vezes links, ou informações relevantes que não eram complemento de resumos. A análise da documentação da rede *indymedia* se mostrou problemática pelo excesso de material e links – não conseguimos manter análise linear e organizada, pois cada link remetia a outro, assim, não conseguimos dar conta de toda a documentação.

Nos documentos do CMI-Brasil há arquivos de todas suas listas desde seu surgimento. Elas são abertas para leitura e funcionam como meios de comunicação entre os membros, espaço em que eles se organizam. A lista do coletivo editorial trata de questões que envolvem as notícias do site: a publicação de matérias principais e a vigilância das notícias da publicação aberta. Esta última permite a qualquer um publicar textos, que podem ser excluídos se fugirem da proposta da política editorial da rede. Já as matérias principais são propostas pelo coletivo mesmo que não tenham sido escritas pelos membros.

A lista do coletivo editorial é a mais ativa das listas, e relações importantes entre as singularidades presentes no CMI são condicionadas por ela: relações entre colaboradores formais, entre estes e os colaboradores da publicação aberta, entre os colaboradores formais e singularidades não vinculadas diretamente ao CMI (os grupos de resistência), mas que são de grande importância para a rede. Por isso temos este coletivo e sua lista como foco principal de análise do CMI-Brasil.

De início, da lista editorial escolhemos discussões de dezembro de 2009 a abril de 2010, que correspondiam à publicação das matérias principais (feitas, propostas ou apropriadas pelo coletivo) e exclusão de notícias da publicação. Também pesquisamos boa parte das matérias principais desses meses. No entanto pesquisa, por acaso, em mecanismo de busca nos remeteu a mês específico, maio de 2009, o que nos surpreendeu, pois as discussões se mostraram diferentes em relação aos meses que havíamos escolhido.

Entre dezembro e abril, os diálogos foram digamos amenos, harmônicos, sendo notada apenas pequena mudança a partir de março, mês com mais propostas de matérias com temas globais. Já em maio de 2009, além de haver a participação de alguns membros diferentes, as discussões giraram também em torno da estrutura organizacional do CMI.

Em meio a nossa pesquisa, também encontramos outro link, que nos levou para a lista do coletivo técnico que trazia assuntos referentes a mudanças importantes no site. Não tinha sido dada atenção a esta lista, pois ela trata de temas que concernem à tecnologia, o que exige conhecimento especializado. Porém, neste caso, parte dos diálogos era clara o suficiente para expor o novo processo pelo qual o CMI-Brasil está passando.

Está em processo a reformulação do site, que envolve desde funcionalidades mais atraentes ou atualizadas tecnologicamente, até mudanças nas relações entre os membros e as outras singularidades. Isto tudo está sendo documentado. Decidimos, assim, dedicar parte da análise do CMI-Brasil para o processo de produção do novo site.

Concluimos que a intenção de reformular o site é de aumentar a autonomia das singularidades não interiores ao CMI, criar espaço que impeça a soberania, descentralizado.

Essa mudança será verificada para ser desenhado o mapa do caminho em direção a relações menos endurecidas. Escolhemos, além disso, analisar a lista editorial de maio de 2009 a maio de 2010, como também matérias publicadas entre maio de 2009 e maio de 2010³⁹.

Quanto aos outros centros, os Europeus, focamos principalmente nas notícias publicadas sobre a COP15. Estas não são territorializadas em sites específicos, circulam entre eles. Mas conseguimos fazer apanhado que conta a história da criação de espaço comum entre grupos diversos. Encontramos notícias que datam de antes – 2008 – e depois da conferência – os últimos meses de 2010.

Os sites com mais conteúdo, além dos três principais em nossa análise, foram o Climate IMC, CMI Portugal e alguns da Austrália. Os temas das notícias tratavam não do que era dito entre os líderes do Império, mas do que acontecia nas ruas. Vimos assim a preocupação com o ponto de vista da multidão e não com as soluções falsas do Império sobre as questões climáticas.

Também encontramos texto de Michael Hardt publicado após sua passagem na COP15, que nos ajudou a pensar no que aconteceu: o conflito entre multidão e Império. Assim temos um acontecimento de multidão, uma mídia que agencia com essa multidão, sendo sua singularidade e, ao mesmo tempo, uma mídia que tenta fazer multidão. Na análise do CMI-Brasil nos detemos no fazer multidão e demos um pouco de atenção na sua relação com a multidão de pobres. Já a análise da cobertura da COP15 escapa do fazer interno da rede e se abre às relações entre a multidão em seu acontecimento.

³⁹ Também tivemos contato com as listas de discussão e as matérias do site desde o surgimento do CMI-Brasil, mas a análise mais sistemática foi feita nos meses referidos.

6 ANÁLISE DO CMI-BRASIL

Escolhemos analisar o coletivo editorial, ou melhor, seu funcionamento mediante sua lista de discussão, e os mecanismos do novo site que, principalmente, concernem a mudanças nas funções do coletivo editorial. A escolha deste coletivo como foco, se dá pela sua importância na rede CMI-Brasil, pois ele é singularidade ligada a inúmeras outras. Reúne diversos colaboradores do CMI brasileiro – o que expõe a relação interna entre eles, esta relação é horizontal, a-centrada, sem liderança. Na produção de matérias recebe colaboração, principalmente de grupos de resistência dos pobres organizados, além de sites, blogs, outros coletivos de mídia e diversos sujeitos e grupos.

Quanto às resistências, percebemos relação complexa, pois as matérias, em sua maioria, as têm como tema. Também estas entram em contato com o coletivo sugerindo textos, enviando material, ou mesmo contatam o site do CMI-Brasil via comentários. Assim o coletivo editorial é mapa aberto, comum não apenas para os sujeitos formalizados que têm poder de decisão na lista.

No coletivo editorial pode também ser percebida a ambigüidade da rede: ele decide o que é publicado, escolhe o que permanece e o que é excluído da publicação aberta, ou seja, tem poder quase soberano; no entanto um dos objetivos do CMI-Brasil é produzir modelo de organização horizontal simbolizado nas funcionalidades propostas para o novo site. Essa ambigüidade aponta a potência e as dificuldades da manutenção de um projeto que funcione⁴⁰.

6.1 INTRODUÇÃO AO FUNCIONAMENTO DO CMI-BRASIL

O CMI-Brasil reúne bancos de dados territorializados na internet – nos quais está toda a documentação sobre o funcionamento da rede e as muitas listas de discussão –, inúmeros coletivos e, a parte mais visível, o site de notícias. Os documentos são abertos para leitura. Algumas modificações esporádicas foram feitas nos últimos anos por poucos colaboradores. É possível sua verificação, pois cada modificação é registrada e assinada. A documentação do

⁴⁰ Apresentaremos, ao longo desta parte da pesquisa, trechos de discussões da lista editorial. Como boa parte das discussões é escrita com linguagem informal, faremos revisões de erros de português, mas sempre disponibilizaremos links para os textos originais.

CMI-Brasil é específica, mas parte dela se mistura com a da rede indymedia. Daremos um pouco mais de atenção nesta seção aos documentos, pois os outros elementos que compõem a rede serão expostos com mais profundidade após a sua breve apresentação nesta parte.

A documentação pode ser acessada pelo site do CMI brasileiro (<http://prod.midiaindependente.org/pt/blue/>). Na coluna da esquerda, na última seção “processo”, há o link “processo & docs” que envia para página em que pode ser contemplada toda a documentação da rede e do CMI-Brasil. É importante notar que a documentação do CMI não trata de assuntos referentes apenas a ele. Nela estão teorias sobre a organização de grupos de resistência e, principalmente, propostas de uso das novas tecnologias de comunicação e informação para grupos de resistência que são midiáticos ou que pretendem se midiaticizar. Assim podemos notar a criação de espaço que tende a ser comum entre o CMI e outras singularidades.

Alguns exemplos dos temas presentes nesses documentos: *copyleft*⁴¹ (<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilCopyLeft>); produções midiáticas descentradas como publicação aberta e software livre (<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilPublicacaoAbertaeSoftwareLivre>); tomada de decisão (<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilConflitoConsenso>). Certos documentos centram-se na tentativa de possibilitar saber comum sobre tecnologia, alguns exemplos: tutorial que ensina como “criar e disponibilizar arquivos multimídia usando seu computador” (<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilMultiMidia>); texto que “visa a montagem de telecentros de acesso gratuito à internet, usando software livre.” (<https://docs.indymedia.org/Sysadmin/MontagemTelecentros>); guia para a “prática da transmissão de áudio pela internet.” (<https://docs.indymedia.org/Sysadmin/WebRadiosPt>); e “guia básico para possibilitar uma rede de televisões livres.” (<https://docs.indymedia.org/Sysadmin/WebTVPt>).

Quanto à estrutura do site atual do CMI-Brasil, ela é dividida em três colunas: uma referente à publicação aberta, outra para as matérias principais (a coluna do meio, que ocupa

⁴¹ O *copyleft* é mecanismo que permite as trocas entre o CMI-Brasil e sites e blogs de resistências e de outros coletivos. As trocas entre estes e o CMI são algumas delas apropriações de textos, e nada indica que há permissão formal de uso, isso se deve às licenças de *copyleft*. O *copyleft* é alternativa às leis de copyright, de propriedade intelectual, que tornam de poucos bens culturais, imateriais. O copyright seria a captura do comum da multidão pelo capital. O CMI não apenas apropria bens imateriais como também permite que outros meios façam o mesmo, pois todas as notícias da rede estão sob essa licença: com o *copyleft* “é livre a reprodução para fins não comerciais, desde que o/a autor/autora e a fonte sejam citados e esta nota seja incluída.” (Disponível em: <https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilCopyLeft>). Esse compartilhamento de bens imateriais é tendência contemporânea. Informações são compartilhadas em redes de colaboração e comunicação. Em alguns segmentos isso gera mudança drástica, como na indústria do disco, DVDS e livros. Sobre o *copyleft* ver também (HARDT; NEGRI, 2005, p. 498).

mais ou menos 80% do total da página) e uma coluna em que se encontram links para textos que podem ser impressos, arquivos de áudio e vídeo⁴² e links para os sites da rede global, entre outras funções. A publicação aberta é a parte mais ativa com inúmeras postagens diárias; é permitido a qualquer um postar notícias mediante sistema simples de publicação⁴³.

As matérias principais têm número reduzido em relação à publicação aberta, mas é alimentada regularmente, às vezes, tendo mais de uma publicação no mesmo dia. Essas matérias são nomeadas de editoriais não sabemos por qual motivo, mas para não haver confusão com o termo editorial corrente, chamaremos esses textos simplesmente de matérias ou notícias.⁴⁴ Poderíamos tirar a dúvida quanto ao termo, interrogando os membros do coletivo, infelizmente tentamos contatá-los e não conseguimos resposta.

As listas de discussão, que são inúmeras, são as ferramentas que auxiliam na organização da rede, pois permitem comunicação rápida e direta entre coletivos e sujeitos espalhados pelo país. As principais listas do CMI-Brasil, além da editorial, são (<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilListasDiscussao>): cmi-tech: trata de assuntos relacionados à tecnologia usada na rede; cmi-brasil: assuntos gerais sobre o CMI; cmi-brasil-processo: sobre questões organizacionais do CMI; cmi-brasil-rede: sobre assuntos internos que envolvem os coletivos; cmi-brasil-áudio: lista sobre produção de material no formato áudio; cmi-brasil-vídeo: lista sobre produção de vídeos; cmi-brasil-foto: sobre fotojornalismo; cmi-brasil-impressos: produção de impressos; cmi-brasil-reunião: lista para planejar e organizar reuniões; lista de emergência: usada quando o servidor de listas <http://lists.indymedia.org> está fora do ar.

Os coletivos estão espalhados pelo país; eles tomam decisões que concernem ao CMI-Brasil mediante reuniões locais que são abertas. Também entram em contato mútuo periodicamente nas reuniões nacionais e nas listas de discussões que são formadas por seus integrantes. Os coletivos ativos atualmente (ou em formação) são das seguintes localidades:

⁴² Não serão analisados os arquivos de vídeo, áudio e impresso, pois, mesmo que eles digam respeito ao jornalismo, os arquivos de vídeo são documentários, de áudio em boa parte programas de rádio e os impressos são tipos de micro-jornais, as últimas postagens e atualizações destas seções datam de 2008.

⁴³ Este é o link do espaço dedicado a quem deseja publicar textos na publicação aberta: (<http://prod.midiaindependente.org/indymediabr/servlet/OpenMir?language=pt&do=opensession&sessiontype=article&colorscheme=blue>).

⁴⁴ Targino fala sobre o uso do termo: “Frequentes nos veículos de comunicação, tanto em jornais como em revistas técnicas e científicas, os editoriais representam espaço para posicionamento do veículo quanto a temas polêmicos. É a chance de quem faz a publicação expressar a linha editorial prevalecte, mediante opiniões, com autonomia, critério e responsabilidade, e de forma concisa. No caso do IMC e de seus coletivos, assumem outra feição. Não são necessariamente redigidos por membros do coletivo editorial, até porque isso geraria privilégios. São notícias escritas por qualquer pessoa com predisposição a seguir certo ‘ritual’ de edição. No entanto, no momento em que o coletivo ‘aprova’ seu conteúdo, com certeza o legítima.” (TARGINO, 2008, p. 55).

Brasília, São Paulo, Campinas, Caxias do Sul, Florianópolis, Fortaleza, Goiânia, Belo Horizonte, Ourinhos, Rio de Janeiro, Salvador (<http://docs.indymedia.org/view/Local/CmiBrasilSituacaoDosColetivos>).

A rede está em movimento, pois, além de haver inúmeros pré-coletivos locais que podem se tornar parte dela, há possibilidade de que outros grupos, de pelo menos cinco pessoas, tendo uma delas experiência com tecnologias, possam montar coletivos locais. Também os coletivos locais não são estáticos, pois sujeitos ou grupos podem se reunir a eles. Os grupos que pretendem formar coletivos, devem se conformar com a política interna. Essa política tenta ser a mais inclusiva possível; entretanto há exigências de organização, consistência e participação.

Para que um novo coletivo passe a fazer parte da Rede CMI Brasil, é preciso que ele seja aprovado pelos demais coletivos locais. Esse processo existe para garantir que entrem para a rede apenas coletivos que construam, ao longo de sua formação, uma boa dinâmica de trabalho e afinidade com os demais coletivos em relação aos princípios da Rede Global e da Rede CMI Brasil. De qualquer forma, como estes princípios foram criados de forma a estimular a pluralidade dentro da rede, dificilmente eles representarão um empecilho para a formação de novos coletivos (<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilNovosColetivos>).

Os coletivos, as listas de discussão e o site, cada um a sua maneira, são elementos que concernem à criação de espaço comum. As listas são mecanismos que permitem a comunicação e colaboração horizontal dos membros, mas também possibilitam processo transparente por serem em sua maioria abertas para leitura. Os coletivos, solidários entre si, que formam a rede a-centrada são os territórios que reúnem inúmeras singularidades, estas, como veremos, não podem ser mensuradas. O site é esse território, formado e definido, que organiza os fluxos, porém ele não pode ser considerado como estrutura fechada, pois também, como já dissemos e como veremos, é aberto a colaborações e assim está em movimento.

6.2 REDE INTERNA DE COLABORAÇÃO

Quanto aos sujeitos que compõem a rede, não teríamos como saber o número de membros referente aos coletivos, pois não há documento que indique isso; também, como vimos, os coletivos são abertos expandindo a rede de colaboração. O coletivo editorial tem

participação flutuante. Nos meses escolhidos para a análise da lista editorial, apenas alguns poucos integrantes colaboraram ativamente; alguns sujeitos que participaram com mais intensidade em certos meses simplesmente desapareceram nos outros, e em todos os meses ocorreram participações esporádicas.

Em relação à criação do novo site da rede CMI-Brasil, a colaboração está sendo feita, tanto por membros dos coletivos, quanto por pessoas de fora, ou melhor, algumas listas sugerem isso, mas não apontam de forma concreta quem está presente no projeto. Também a produção do site é feita com outros grupos que trabalham com a democratização das tecnologias de comunicação e informação. Essa indeterminação é acentuada na publicação aberta, pois qualquer um a qualquer momento pode se tornar singularidade da rede. Esse “qualquer um” é relativo; o que é visto são colaborações de sujeitos e grupos brasileiros e, em número reduzido, sujeitos e grupos de países latinos.

Unido a impossibilidade de mensurar a colaboração, há um tipo de descompromisso, de flexibilidade das relações. Temos dois exemplos disso, primeiro em relação à produção do site novo: em agosto de 2009 foram enviados chamados para a lista processo e CMI-Tech. Nestes os membros e pessoas não vinculadas a rede foram convidados a participar do processo de criação do novo site. Houve grande número de respostas de pessoas dispostas a ajudar. No entanto, como o processo concerne principalmente a questões tecnológicas, são poucos os que têm condições de colaborar. Ou seja, apenas parte da rede está empenhada no trabalho, mesmo que o novo site diga respeito a todas as singularidades do CMI-Brasil. O mais importante é que o chamado era informal, participa quem quer e pode; não há vínculos endurecidos e obrigações. Essa falta de vínculos é típica no CMI. Temos outro exemplo, um chamado de outra lista, a “processo” (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-processo/>):

Bom como em todo começo de ano muitos/as fazem planejamentos para o ano que esta começando o CMI também pode ter um, e para ajudar nesse planejamento precisamos saber com quem podemos contar para iniciar o caminhar.

Por isso peço que respondam esse email, dizendo sinceramente se vocês têm condições de continuar colaborando com o CMI em mais um ano, se possível digam parcialmente qual a disponibilidade terão neste ano, como por exemplo: ‘posso fazer coberturas esporádicas e/ou acompanhar determinada luta de tal movimento e/ou colaborar com a parte Legal do CMI...’

Caso não tenham mais condições de colaborar com o CMI, agradecemos a colaboração desses anos todos e ficaremos felizes em poder contar com ela novamente em um futuro breve, quem sabe, por hora pedimos que permaneçam caso queiram apenas em nossas listas abertas, caso tenham alguma dificuldade em se desinscrever da lista é só falar

Em solidariedade (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-processo/2009-January/0112-88.html>).

Esse pedido para que avisem quem continuará ativo no CMI-Brasil expõe relações flexíveis entre as singularidades. Ou seja, não temos resposta à pergunta: quem participa da rede, como e quando? Tudo isso não impede que o CMI-Brasil funcione; aliás, o coletivo editorial consegue publicar quase diariamente matérias e sua lista é repleta de eliminações da publicação aberta. Quanto ao processo do novo site, ele já tem resultados interessantes.

A falta de obrigações, contratos, horários, rotinas, disciplinamento, a ruptura com esses valores, não torna as singularidades massa irracional e caótica, ou seja, sem a potencialidade de produzir projeto autônomo organizado. O que vemos é a multidão com movimentos livres, construindo para si território singular. Os colaboradores seguem seu ritmo, produzem a seu modo, quando dá. Podemos assim dizer que a colaboração no CMI em parte é molecular, por corresponder a organização sem forma endurecida, em devir, que impede a dureza molar, e suas formas definidas⁴⁵. No entanto vemos que o coletivo editorial é núcleo pouco flexível por controlar a colaboração de outras singularidades.

6.3 REDE INTERNA DE COLABORAÇÃO DO COLETIVO EDITORIAL

Esta seção será focada no coletivo editorial. Daremos atenção para as discussões na sua lista que giram em torno do gerenciamento da publicação aberta – o que fica, o que é excluído – e da criação de matérias. O coletivo editorial cuida da administração do site do CMI. Esta consiste em: edição da coluna do meio do site, aplicação da política editorial,

⁴⁵ Aliás, mobilidade e flexibilidade são características da produção pós-fordista. Negri, Hardt e Cocco dão atenção ao lado negativo da condição do trabalho no pós-fordismo, visto na precariedade, na informalidade. O trabalhador é levado a pular de emprego em emprego, sem as garantias próprias do fordismo, símbolos do *welfare state*. Entretanto os autores sempre buscam a positividade, o lado biopolítico mesmo em situações impostas pelo poder sobre a vida. Vimos isso na questão da pobreza que é produzida pela “máquina de fazer miséria” do Império, mas que, mesmo assim, possibilita potencialidades, linhas de fuga. O desejo de outra realidade é um dos elementos de extração de potência a partir da miséria; como diz Negri (2003, p. 47): “O desejo é uma potência construtiva, e ela é tanto mais forte quanto mais está implantada na pobreza [...]” Também em outra passagem da obra citada, o autor fala da potência da precariedade do emprego: “[...] contemporaneamente, todavia, houve também uma evolução positiva na abstração do trabalho, e emergiu, nesse caso, a capacidade do operário de trabalhar em qualquer lugar, de aplicar-se à generalidade das atividades laborais. [...]. A possibilidade de passar de um setor a outro da produção, a nova mobilidade, começou a

manutenção das seções do site (<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/static/editorial.shtml>). O coletivo é formado por membros dos coletivos locais do CMI:

A lista editorial deve ser composta por voluntários da rede que pretendem ajudar na organização e publicação de matérias no cmi-brasil.

[...]

No entanto para que um voluntário entre para esta lista o seu nome deve ser indicado em alguma ata de reunião de seu coletivo local. Coletivos em formação também podem participar desta lista.

(<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilProcessosRede>).

No caso da aplicação da política editorial em relação à publicação aberta e aos comentários, podem ser eliminados textos que:

- Sejam de cunho racista, sexista, homofóbicos ou em qualquer sentido discriminatórios;
- Contenham ofensas ou ameaças a pessoas ou grupos específicos. (Consideramos que há uma diferença entre crítica e ofensa: na crítica, há uma demonstração argumentativa de algo com que não se concorda; numa ofensa não há demonstração argumentativa alguma, e sim ataques infundados);
- Façam qualquer tipo de propaganda comercial;
- Tratem de assuntos esotéricos ou de pregações religiosas de maneiras que fujam de nossas propostas políticas;
- Visem promoção pessoal, promoção de algum candidato, candidata ou partido político;
- Visem apenas contatar pessoas ou o próprio CMI. (Para contatar pessoas, utilize as listas de discussão; para contatar o CMI, escreva para contato em mediaindependente.org);
- Sejam publicadas mais de uma vez, sendo que um texto publicado como comentário a uma matéria não pode ser publicado novamente como matéria independente;
- O/a autor(a) peça que sejam retirados;
- Sejam boatos conhecidos (hoax), informações falsas publicadas para desarticular mobilizações, mentiras comprovadas e tentativas de assumir a identidade de outra pessoa ou grupo, especialmente quando extremamente evidentes ou denunciadas pela própria pessoa ou grupo atingido;
- Sejam spam - ou seja, artigos deliberadamente publicados para atrapalhar o funcionamento da coluna de publicação aberta e/ou sabotar o sítio - que serão considerados como artigos sem conteúdo;
- Estejam contra os objetivos apresentados nesta política editorial ou em outros documentos públicos do Cento de Mídia Independente (Sobre o CMI, nota de copyleft, etc.)

(https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilRede#Pol_tica_Editorial_do_CMI_Brasil).

As notícias excluídas não são apagadas do site, elas são transferidas para outra página (<http://prod.midiaindependente.org/pt/blue/opentrash/archive.shtml>) com o intuito de deixar visíveis as tomadas de decisão. Apenas pequena parcela delas é excluída totalmente do site. Nos meses analisados, os temas das notícias transferidas, em boa parte, tinham conteúdo de direita. Quanto ao segundo caso, as notícias, em sua quase maioria, eram de conteúdo pornográfico.

No caso de exclusão, a colaboração é menos intensa; os membros analisam a publicação aberta e verificam se há notícias que fogem da política editorial. Quando isso acontece, o colaborador envia mensagem para a lista contendo o número de referência do texto e, ao lado, o tipo de desvio.

A seguir, exporemos exemplos de mensagens postadas na lista de discussão referentes a exclusões. Elas estão organizadas da seguinte forma: o título “lixo aberto” indica o conteúdo da mensagem; após segue as referências do texto (a numeração) e o motivo da exclusão: por ser propaganda, ter conteúdo de direita, etc. Conjuntamente à mensagem, colocamos o link para a postagem original. Fizemos, quando necessário, alguns cortes.

[Cmi-brasil-editorial] lixo aberto

Terça Março 2 17:22:46 2010

466328 - direita

466327 - marketeiro

466329 – [...] direita

466330 - direita

466303 - propaganda

466338 - direita

466337 - direita

466331 - sem conteúdo (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-March/0303-sx.html>).

[Cmi-brasil-editorial] lixo aberto

Segunda Abril 12 12:05:01 2010

469655 - direita

469652 - informação falsa para reclamar de liberação de propaganda petista
cmi

469651 - propagando política

469643 - direita

469639 – direita

469623 - considere como propaganda eleitoral porque o texto que critica um candidato aproveita para elogiar o outro mesmo sem citá-lo diretamente

469597 - propaganda empresarial

469595 - texto não faz nada a mais que falar mal de candidato a presidência, por isso entendi que tem mais a função de propaganda eleitoral
 469591 - noticia de menino estuprado por rabino, sem nada além disso
 (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-April/0412-xm.html>).

[Cmi-brasil-editorial] lixo aberto

Quinta Julho 30 21:33:47 2009

450998 - direita
 450965 - idem
 450960 - idem
 450946 - propaganda política
 450945 - idem
 450942 - propaganda de banda
 450940 - fora da proposta
 450934 - propaganda de show (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-July/0731-ye.html>).

Também sobre o material a ser escondido, em alguns momentos, há discussões na lista. Transcrevermos mensagem em que é discutida a preocupação com publicações de um grupo de direita, sendo sugerida a criação de filtro que o bloqueie.

Segunda Outubro 19 05:06:51 2009

Pessoal, temos um novo grupo militarista de direita publicando no site, vamos tentar fazer um filtro, o nome é leuletrix, e é um grupo que tem origem no USA em wichita KS. Há algumas colocações relacionadas ao estado que aparentemente podem fazer algum sentido, mas é notável a idéia liberal hegemônica, e a intenção de dar respaldo as instituições militares

acabo de esconder alguns artigos

456794 - direita
 456798 - direita (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-October/1019-4v.html>).

Outro membro responde a postagem anterior, e diz que colocou o filtro para impedir a publicação do grupo:

Segunda Outubro 19 08:57:35

Coloquei um filtro [...] para aqueles que estavam sendo publicados pelo <http://www.leutraixagora.blogspot.com>
 vamos ver se ajuda (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-October/1019-9i.html>).

Como vimos, a maior parte das exclusões se refere a conteúdo de direita. Mas também, como foi visto nas transcrições, o posicionamento político ligado a partidos é excluído. Assim o CMI se firma como espaço dedicado aos grupos de resistência libertários, que combatem a direita, como também a burocracia dos partidos, mesmo de esquerda. Mais

que uma política editorial rígida, busca dar espaço para esses grupos que não têm espaço na mídia, diferente dos partidos – tanto de direita, quanto de esquerda – que são representados, seja pela mídia conservadora ou pela mídia que se diz alternativa, mas que é vinculada ao Estado brasileiro.

Essas formas de resistências que percorrem as páginas do CMI são tão minoritárias, não dominantes, que boa parte dos ataques que o CMI sofre, seja na publicação aberta ou nos comentários, são feitos como se o centro tivesse ligações com a esquerda tradicional, ou representasse posicionamento do tipo comunista ou socialista antiquados. Ou seja, essas resistências não são consideradas pelo senso comum e a mídia que o produz, sendo mais típico o ataque a um possível perigo vermelho no estilo da antiga URSS, o qual o CMI faria parte. Mesmo o campo acadêmico não fica ileso a essas afirmações errôneas; como diz Brambilla (2006, p. 8) em sua dissertação: o público que posta na publicação aberta “[...] deve obedecer a uma linha editorial que não tolera pautas que se oponham à ideologia comunista do site.”

Considerando parte da publicação aberta e dos comentários, o CMI parece um fórum de discussão redundante capitaneado por esses sujeitos que falam em nome da direita, ou mesmo sujeitos com posição conservadora de esquerda que consideram que o CMI possui o mesmo posicionamento. No entanto isso não exclui a expressão de outros grupos com discurso parecido ao proposto pelo CMI, como as resistências.

Quanto à preocupação com o discurso redundante conservador, ou com sujeitos que representam esse discurso e por isso tentam sabotar o site nos comentários, o que impede o sucesso do projeto do centro brasileiro, foi gerada discussão na lista que rendeu uma dezena de postagens, transcrevemos duas delas.

Segunda Outubro 5 11:03:43 2009

Pessoal, chamo a todos para darem uma voltinha entre os comentários dos nossos últimos editoriais, e peço que deixem por aqui suas impressões.

As minhas são as seguintes:

* existem pessoas que se divertem comentando os editoriais do cmi?

* é necessário deixar mais claro a orientação ideológica e posição política do cmi para que alguns comentários percam os vestígios de sentido que possam ter (quando dizem que o cmi não é independente, ou tão independente assim)?

* é necessário algum texto de base que estabeleça o universo conceitual da definição de notícia usada por nós, já que a maioria das pessoas insiste em pensar que notícia é algo imparcial?

* é necessário que as fontes dos editoriais entrem na guerra dos comentários, para não deixar a última palavra nos dedos dos ludocmicomentaristas (pessoas que se divertem comentando no cmi...)?

essas são algumas das impressões que tive agora a pouco. e sinto uma certa agonia quando me parece que a maioria dos leitores/comentadores do cmi se dedica a desconstruir as notícias, e de modo amador, já que se reduzem a estabelecer **supostas relações entre o cmi e ideologias e grupos políticos.**

E acabo vendo uma conclusão a deriva na minha cabeça (ela não é tão conclusiva pois ainda não aportou) estamos no lugar errado!?! Pessoas comprometidas com a mudança social não tem tempo pra ficar comentando matérias, ou retrucando comentários sem fundamento!?!

De uma coisa tenho certeza, o Brasil e o mundo tá cheio de gente a toa na frente do computador tentando ridicularizar iniciativas sérias...

‘os cães ladram, mas a caravana não para...’
(<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-October/1005-u5.html>) (grifo nosso).

Segunda Outubro 5 11:24:18 2009

[...]

venho acompanhando os comentários sim, principalmente dos editoriais. Eu acho que o que está acontecendo é sim uma batalha virtual, **o enorme número de comentários da direita no nosso site** mostra que ela está atenta em relação ao que publicamos e o que publicamos a incomoda.

Gosto de algumas sugestões que você coloca, mas não acho de forma alguma que estamos no lugar errado. Acredito que comentários assim existem em vários lugares da internet, se vc ver o Estadão, os comentários publicados lá são muito parecidos com os comentários de direita que aparecem no nosso site.

Eu não vejo comentários assim, por exemplo, no site do Paulo Henrique Amorim, porque os comentários precisam ser aprovados para aparecer e aposto que esses comentários da direita não passam por essa aprovação, e isso ocorre em outros sites por aí.

O CMI-Brasil ao invés de aprovar os comentários, nós liberamos a livre publicação e depois o escondemos - caso não respeite a nossa política editorial.

Acho que o que está acontecendo é que o número de gente fazendo a manutenção do nosso site diminuiu e muito, e isso reflete no site. O grande número de comentários da direita aparece pq o número de gente escondendo é muito menor hoje em dia. Além disso o número de gente produzindo notícias também diminuiu, há quase nenhuma cobertura rolando localmente..

Não estou falando isso para colocar a culpa em quem está fazendo, pelo contrário, é para mostrar que há gente fazendo, mas temos que reconhecer que esse número diminuiu bastante e tudo isso reflete no nosso site.

Toya (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-October/1005-hq.html>).

A exclusão de discursos de certos sujeitos e grupos, a definição que parece rígida sobre o que fica e o que é excluído, a aparência de centralização do coletivo editorial, tudo isso poderia significar a exclusão de singularidades da multidão. Mas a multidão não se refere à direita nem aos partidos, pois estes fazem parte da rede do Império e são representados pela

sua mídia. O discurso dos sujeitos e grupos que fazem “guerra da informação”⁴⁶ são reproduções dos discursos dominantes, molares, legitimados pelo poder. Considerando a experiência do site com ataques constantes, a moderação tão temida, como chama Primo e Träsel (2006), centralizada, se torna um meio difícil de ser extinto.

Em relação à produção das matérias principais, o processo é simples: “[...] uma pessoa propõe e as outras voluntárias da lista aprovam, modificam, criticam, etc. até o consenso.” (https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilListas#Lista_editorial). Poucas propostas de matérias não são aprovadas. As modificações mais frequentes são: sugestões de títulos, cortes, colocação de links e fotografias, correção de erros de português. Nesse processo, o trabalho sendo coletivo, a autoria é coletiva, simbolizada por assinatura que diz respeito ao tema⁴⁷. Quanto ao consenso, ele é representado por pelo menos três respostas afirmativas de membros da lista. Isso representa a forma mais visível de trabalho coletivo, rede de colaboração, criação de espaço comum, produção, do coletivo editorial.

O processo simples e direto, não é necessariamente rápido, da proposta à publicação, há demora de alguns dias. Não notamos práticas hegemônicas; ninguém tenta se sobrepor aos outros. Exemplificaremos o funcionamento das propostas, aprovações e discussões da lista, ou seja, o trabalho coletivo que concerne à parte principal do site. Mostraremos que este trabalho não é necessariamente harmonioso. Primeiro transcreveremos discussão atípica que expõe a relatividade do sistema de aprovação. Como vimos, após a proposta, por membro, de editorial, ela é publicada mediante três respostas positivas simbolizadas por ok’s. Nessa discussão, os membros propõem que esse sistema não seja o único: em caso de situações emergenciais as matérias poderiam ser publicadas sem a decisão por consenso, ou seja, reafirma a flexibilidade das relações.

A discussão aconteceu na lista em tempos diferenciados, mas há uma postagem que apresenta toda ela. Cada texto assinado corresponde a uma mensagem. A fonte e o seu tamanho foram modificados para permitir melhor visualização, mas a integridade das mensagens não foi afetada. O original pode ser acessado em: <http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-April/0423-2u.html>. A discussão se refere ao seguinte editorial: <http://prod.midiaindependente.org/pt/blue/2010/04/470263.shtml>.

⁴⁶ Esse conceito foi visto no capítulo sobre as teorias da cibercultura.

⁴⁷ Percebemos que em muitos casos não há nenhum tipo de informação dada que comprove quem escreveu o editorial, principalmente no caso dos feitos pelos integrantes.

Explicando a discussão: membro anuncia que atualizou matéria que estava sendo proposta para publicação e que a publicou sem as três respostas positivas, os três OK's, necessários para postagem no site. Outros membros concordam com o processo diferencial, o que poderia acontecer em caso de urgência, mas o criticam por ele ter tirado uma outra matéria já publicada como principal e tê-la posto na seção de matérias da coluna da direita. O membro diz que fez isso para não haver dois textos seguidos com o mesmo tema. O que importa na discussão é a possibilidade diferencial de publicação, passando apenas pelo critério de um colaborador, em caso de urgência, o que pode acontecer com textos referentes a eventos com data marcada. Também o exemplo mostra as vozes discordantes dentro do próprio coletivo.

Holas compas, como é uma situação que necessita de visibilidade imediata, atualizei o editorial do Movimento Fora Arruda e Toda a Máfia colocando a nota da ocupação da nova câmara como chamada na matéria e jogando o texto antigo como um link de editorial...

abcs, Diego

Só não entendi pq tirou o editorial sobre 'Do protesto a tortura'.... não caberia deixá-lo?

alexz

Oi Alex, tirei pq iam ficar dois editoriais aqui do DF na sequencia ou um texto muito grande... daí coloquei como link no novo editorial. Pra quem tá divulgando o link em textos não vai ter problema algum pois não apaguei o artigo, apenas mudei ele direto pras notícias.

abcs, Diego

Concordo com Alex e mais: não houve necessidade nem precedente de tirar um editorial anterior, simplesmente subir um novo já tá bom (nem vou falar em 'regra'). Aliás, estas inovações (inclusive subir um editorial sem 3 ok's, alegando 'uma situação que necessita de visibilidade imediata'), nem vou falar. Se a moda pegar vamos ter muito trabalho.

Brjs, Alface

Concordo que não precisava tirar o outro editorial, mas discordo da reclamação de subir editorial urgente, não podemos falar que não rola de fazer isso pq não sabemos o que vai acontecer no futuro. Acredito que o que tem que ser feito é discutir o caráter de urgência que concordamos para subir um editorial desta forma.

Abracos,
Toya

Então, primeiro vamos repostar o editorial anterior que foi tirado sem que houvesse necessidade nem autorização, e segundo, vamos discutir, antes que a lista editorial vire aquela casa da tal Maria onde vale tudo. Temos que ter um mínimo de controle sobre o que, quem e como subir editoriais 'urgentes'.

Até gosto da ideia e nada contra, menos ainda no caso do pessoal de bsb, ao contrário, mas que há algo de errado, há.

Brjs, Alface

já aconteceu outras vezes isso de subir editoriais urgentes, e vai acontecer outras - mas não é sempre que acontece, só quando é urgente... e não acho nada demais, ao contrário, se é urgente mesmo, tem é que subir... não sei se tem algo errado... não sei como definir um 'critério' para decidir o que é urgente, vai com a sensibilidade e a responsabilidade de cada um aqui...

abraços,
dedeco

Temos um segundo exemplo, que também demonstra as discussões internas do coletivo. A discussão começa quando alguém sugere um texto para ser publicado, a partir de texto enviado ao coletivo pelo “pessoal da ACR” (a ONG, Anarquistas Contra o Racismo). A partir daí membros ou aprovam ou criticam o conteúdo, por fim o texto não foi publicado no site, o que acontece com pouca frequência.

Colaborador faz a proposta (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-March/0331-ag.html>) a partir de texto que lhe foi enviado: “Ola turma, o pessoal da ACR perguntou se teria espaço para um editorial. Segue a proposta abaixo...”

Um dos colaboradores aprova (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-March/0401-bo.html>):

não é bem uma matéria
porém achei que o texto ficou muito bom
tem o meu Ok

A partir daí é gerada pequena discussão, se a matéria deveria ou não ser publicada (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-April/0401-wj.html>), mediante duas mensagens de dois colaboradores:

O colaborador Alface diz:

Vcs acham mesmo que merece destaque como editorial? O texto é simpático, mas tem coisas que merecem ser discutidas mais (que não é aqui o espaço, ou é?), por ex. a cegueira das massas...

Alface.

Por fim o colaborador Toya também critica o texto sugerido (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-April/0401-93.html>):

Eu concordo com o Alface. O texto tá bom, mas acho que ele roda muito no 'pensamento' e pouco nos fatos atuais e ações concretas. Generaliza demais. Ta bastante filosófico mas pouco prático... estilo texto panfletário.

Por exemplo, o texto poderia falar de fatos atuais que mostram as posições fascistas ainda existentes na nossa sociedade como a reação ao PNDH ou a questão de cotas para negros. Ou falar dos pronunciamentos a favor da ditadura principalmente por parte do deputado federal Jair Bolsonaro.

Não sou contra a publicar como editorial, mas acho que [...] precisa deixar clara a autoria do texto.
Toya

O terceiro exemplo mostra colaboração entre os participantes da lista mais intensa. A partir de texto publicado no site do MST é proposto texto para a coluna principal, daí por diante é gerada rede de colaboração que rendeu mais de uma dezena de postagens. O conteúdo do texto se refere a mobilizações do MST em todo o país.

A matéria é proposta:

Quinta Agosto 13 12:40:39 2009

Pessoal, fiz pequenas alterações no texto do MST, e estou mandando como proposta. [...] (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-August/0813-96.html>).

A primeira resposta é um sinal positivo para sua publicação:

Quinta Agosto 13 12:24:04 2009

Acho uma boa, [...] Toya (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-August/0813-yo.html>).

Após começam as discussões sobre a produção da matéria. Membro passa detalhes sobre o evento, que seria conteúdo do texto, as mobilizações nacionais do MST:

Quinta Agosto 13 19:31:30 2009

Muito a favor de fazer um editorial sobre a marcha do MST, mas vamos ter o cuidado de atualizar as informações, já que o texto base aqui é de quando começou. [...] o MST já está em sampa, desde dia 10. Hoje foram barrados no Morumbi, indo pro palácio do governo do estado (acho, peguei por alto, não tive muito tempo de acompanhar hoje). Também, a chamada para ajuda, não sei se ainda é o caso. Vai dar um trampo juntar tudo e eu não tenho como...

brjs, alface (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-August/0814-90.html>).

Em outra resposta, integrante diz que atualizou informações, já que o texto se referia à ação que estava acontecendo. Expõe fontes de informação para os outros, no caso o site do MST, e diz que publicou artigo na publicação aberta para criar link no texto que estava sendo composto (é incentivado em cada matéria principal o máximo de links possíveis,

principalmente para textos do próprio CMI). Também sugere a criação de link que remeta a página do MST.

Sexta Agosto 14 05:04:36 2009

Olá alface, eu procurei atualizar as infos, no caso de São Paulo é só colocar ali que a marcha está em sampa desde o dia 10. Sobre as ações atuais é só entrar no link <http://www.mst.org.br/node/7794> onde tem um mapa do Brasil, clicar no estado que a pessoa quer saber, que tem as infos atualizadas das ações, eu fiz isso com as ações aqui de Brasília e publiquei ontem em <http://midiaindependente.org/pt/blue/2009/08/451837.shtml> para linkar a esse editorial, o outro link ai em cima que aponta para a página do MST pode entrar como um "acompanhe as ações em seu estado" acho que dá pra fazer isso sem muito trabalho, são apenas uns clics, eu não pude acompanhar a discussão aqui na lista ontem a noite porque estou sem net em casa, só tenho aqui no trampo.

já inclui na parte de São Paulo que a marcha chegou no dia dez (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-August/0814-wu.html>).

Outro membro diz que não pode contribuir com a produção do texto, mas que concorda com as discussões até então.

Sexta Agosto 14 05:12:37 2009

gente,

infelizmente não estou podendo acompanhar e cobrir a marcha como deveria. [...]

Por isso, dado o debate amplo colocado aqui, prefiro não contribuir por não estar tão por dentro assim.

Mas dou meu ok à publicação do artigo, com as devidas correções apontadas no debate.

abraços

Paíque (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-August/0814-dq.html>).

É proposto que seja anexado um link “leia mais” em parte determinada da matéria. A apresentação dos textos no site segue um padrão. Estes são apresentados na página principal com alguns parágrafos, fotos e o link “leia mais” que, ao ser acessado, envia o usuário a outra página, na qual há o texto completo e a seção de comentários, logo abaixo.

Sexta Agosto 14 07:26:00 2009

ok

Leia mais depois do quarto parágrafo?

Toya (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-August/0814-at.html>).

Sexta Agosto 14 08:11:26 2009

já tem muitos oks (ianni na 1 versão, toya - 2 vezes rss -, alface, paique, guile...) não tem versão final alguém terá que fazer, seguindo as dicas do ser-si poderia ser quem fez as objeções, ou publicar desatualizado mesmo afinal o tema não pode ser descartado porque estamos "sem tempo"

bjs

guile (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-August/0814-cm.html>).

A partir desse momento é dito que o texto foi publicado, mas o coletivo continua trabalhando nele.

Sexta Agosto 14 10:43:46 2009

publicado

estou procurando uma imagem, alguma foto do acampamento. infelizmente não estou podendo ir lá, amanhã estarei lá, numa atividade com as crianças. vou tentar colher algumas infos a mais (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-August/0814-uj.html>).

Por fim é sugerido que seja colocado um link para outro site que colabora com o CMI, o Passa Palavra.

Sexta Agosto 14 14:01:01 2009

Que tal incluir o link do passa palavra <http://passapalavra.info/?p=9225?> (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-August/0814-du.html>).

Os temas das matérias principais analisadas estavam em sintonia com todos os itens propostos pelo CMI em sua política editorial. No entanto os mais frequentes eram: relatos sobre o cotidiano dos/as oprimidos/as; de novas formas de organização; análises sobre movimentos sociais e formas de atuação política; e iniciativas de comunicação independente. Os conteúdos, em boa parte, trataram de questões nacionais. Alguns tiveram como tema questões de outros países da América latina: o caso do golpe em Honduras, a política do Paraguai, minorias no México, e tentativa de cobertura diferenciada, em relação à grande mídia, da catástrofe no Haiti. Só algumas poucas notícias foram sobre questões que não se referiam a América Latina, como as revoltas na Grécia e a política estadunidense. Segundo a política editorial são bem vindas

publicações que estejam de acordo com os princípios e objetivos da rede, como:

- relatos sobre o cotidiano dos/as oprimidos/as;
- relatos de novas formas de organização (como o Movimento Passe Livre, Movimento dos/as Trabalhadores/as Desempregados/as, as/os zapatistas no México, as/os piqueteiras/os na Argentina, as redes de economia solidária, etc.);
- denúncias contra o Estado e as corporações;
- iniciativas de comunicação independente (como rádios e TVs livres e comunitárias, murais e jornais de bairro, etc.);
- análises sobre a mídia;
- análises sobre movimentos sociais e formas de atuação política;
- produção audiovisual que vise a transformação da sociedade ou que retrate as realidades dos/as oprimidos/as ou as lutas dos novos movimentos (<http://prod.midiaindependente.org/pt/blue/static/policy.shtml>).

A produção das matérias pode ser resumida da seguinte forma: textos feitos pelo coletivo editorial; apropriação pelo coletivo de textos de ligações exteriores (notícias de sites e blogs, comunicados de manifestações, comunicados, manifestos e cartas de movimentos de resistência); promoções de escritos da publicação aberta; material enviado por grupos de resistência para membros do coletivo; e, por fim, outros sujeitos não vinculados formalmente ao CMI-Brasil que propõem matérias para os membros do coletivo. Todos esses tipos de textos que se tornam matérias principais podem sofrer modificações pelo coletivo editorial. Essas apropriações e modificações são feitas mediante permissão do autor ou devido às licenças de copyleft.

6.4 COLETIVO EDITORIAL COMO REDE ABERTA

Podemos perceber um tipo de hierarquia no CMI-Brasil, concernente à relação entre a publicação aberta e o coletivo editorial. Há corte entre os participantes internos do coletivo e os colaboradores da publicação aberta que seriam externos a rede. Os primeiros têm o poder de barrar ou ascender os movimentos dos outros. Este último caso é visto na promoção de notícias da publicação aberta para matérias principais. Ou seja, a dicotomia interior-exterior é acompanhada de outra: dominantes-dominados.

Seguindo esse raciocínio, o coletivo apenas “internamente” reuniria grupos e sujeitos sem hierarquias. Assim poderíamos dizer que este representa o papel do soberano que se sobrepõe à massa submissa da publicação aberta. A partir dessa visão, o espaço comum é de poucos, o desejo de produzir projeto que, para nós, se assemelha ao projeto de democracia de

Negri e Hardt em âmbito local, se realiza apenas nas relações entre os membros. No entanto o CMI reconhece isso, e faz apologia a esse mecanismo nomeado de publicação aberta, considerado o trunfo da rede:

A página de publicação é o coração do site do Centro de Mídia Independente. Nela você pode publicar seus textos, sons, vídeos e imagens e eles estarão imediatamente disponíveis para serem lidos pelos/pelas outros/outras usuários/usuárias. Com isso, todo aquele/aquela que acessa o site pode também ser um/a produtor/a de mídia (<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilPublicacaoAberta>).

Ou estendendo ainda mais a valorização da publicação: “A publicação aberta parte do princípio que o leitor é esperto e criativo e que pode querer ser um escritor, um editor, um distribuidor, ou até mesmo um programador.” (<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilPublicacaoAbertaSoftwareLivre>).

Já dissemos que o grande trunfo da rede *indymedia* realmente é a possibilidade de que sujeitos e grupos possam se tornar mídia ao criarem novos coletivos de mídia independente. Porém montar um centro exige organização com consistência. Também a filiação a um centro, fazer parte de algum coletivo, exige colaboração com certa intensidade. Por isso, o tornar-se mídia possível pela publicação aberta é tão importante. É claro que esta é menos lida que a publicação principal. Mas certamente, é mais lida do que boa parte dos blogs. Vemos isso nos comentários que acompanham os textos que, em certos casos, não isolados, são de quantidade significativa.

Consideramos, no entanto, o termo publicação aberta apressado, pois ele parece significar que é apenas nela que há abertura para outras singularidades não-interiores ao CMI-Brasil. Para nós, a produção de matérias principais só funciona por também ser aberta a inúmeros fluxos. Em diálogo na lista editorial é dito: “De alguma forma aos poucos estamos reformulando o site, derrubando o muro entre ‘nós’ do coletivo editorial e os demais.” (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-January/0114-0c.html>).

Consideramos que esse muro, esse corte entre o “nós do coletivo” e os demais é relativo. Se mudarmos o foco de atenção, podemos perceber mapa formado por grupos de resistência, o coletivo editorial e a publicação aberta que impede as dicotomias interior-exterior e dominantes-dominados.

Quanto à colaboração de grupos de resistência na produção de matérias principais, ela é complexa, passa por diversos níveis: 1. Envia para o coletivo textos referentes às suas problemáticas para serem publicados. 2. Posta textos na publicação aberta, que são promovidos (por isso, foi dito que essa publicação faz parte do mapa). 3. O coletivo editorial

extrai matérias de sites e blogs desses grupos. 4. Também verificamos outro tipo de relação: todos os textos são acompanhados de espaço para comentários; neste encontramos postagens de movimentos de resistência que concerniam ao tema do texto. 5. Por fim a maior parte das matérias é dedicada aos grupos de resistência dos pobres no Brasil.

Essas são algumas relações possíveis, é claro que pode haver outras. Só que quanto aos itens 1 e 3, apenas suspeitamos que aconteçam, não temos instrumentos para afirmar, pois não é explicitada a origem dos textos. Já o item 4, verificamos ele em alguns textos. E o 2, é fácil de ser comprovado mediante análise da lista editorial. Quanto aos conteúdos relacionados às resistências, o item 5, ele se afirma no excesso de textos sobre elas. Chegamos a essas conclusões mediante pesquisa de mais de dois anos do CMI-Brasil.

Damos ênfase nestas relações, pois concernem ao devir-pobre do CMI, sua relação de cooperação, agenciamento com a pobreza como resistência. A rede usa a pobreza como potência ao se aliar a ela, além de usar a potência da pobreza vista em seu tornar-se pobre. Também os pobres usam o CMI como forma de aumentar sua potência: mesmo que alguns tenham seus canais de comunicação, blogs, sites, façam uso de ferramentas eletrônicas, a rede aparece como possibilidade de dar mais visibilidade às suas demandas, considerando que o projeto do CMI é consistente.

Em resposta a notícia em site independente, colaborador do CMI brasileiro faz o seguinte comentário: o CMI-Brasil pode ser

[...] considerado o site de esquerda mais acessado do Brasil. Desta forma, muitos movimentos/grupos publicam os seus artigos em seus sites mas também o publicam no CMI, já que o número de acesso no CMI será muito maior e desta forma o artigo do movimento/grupo será visto por um número maior de pessoas. [...] o CMI nunca perdeu a proximidade com os movimentos sociais. [...] muitos movimentos sociais enviam suas pautas para o CMI o que sugere um reconhecimento desses em relação ao trabalho feito pelo CMI (TOYA, [200-]).

Em um plano ideal percebemos nessas relações a formação da multidão. As trocas se dão por colaboração, cooperação, comunicação. Isso produz o território do CMI, mapa aberto a inúmeros fluxos, auto-organização da multidão. Podemos perceber, portanto, como a multidão pode se organizar negando relações de poder e de soberania. Saindo da idealização, vemos que há jogo de apropriações, negociações, entre o coletivo e os movimentos. O coletivo editorial se apropria, edita, promove, escreve e publica textos. Os grupos de resistência possibilitam conteúdos e notícias, seja na coluna da direita ou em contato direto com o coletivo. É importante dizer que não há promoção de matérias de grupos

determinados, qualquer um é bem-vindo (mesmo que alguns apareçam com mais frequência); isso expõe a impossibilidade de mensurar a rede.

Gostaríamos de demonstrar a forma como as resistências dos pobres se relacionam com o CMI mediante a análise de matérias principais, enfocando em quem as produziu. Mas isso não é possível, pois em boa parte dos editoriais não há referências claras de autoria. Primeiro pela assinatura, que concerne ao tema da matéria. Segundo, pois, na própria lista editorial, muitos dos textos são sugeridos por membros que não especificam quem escreveu. Por último, não há como saber se certos textos foram escritos por grupos de resistência, que usaram o CMI como meio de comunicação ou se apenas foram retirados de alguma fonte. Também com matérias promovidas da publicação aberta acontece o mesmo, por falta de assinatura, ou mesmo de links, não conseguimos saber a origem.

O próprio coletivo editorial tem problemas para definir a origem de certos textos; como podemos ver em discussão da lista: foi postado na coluna da direita do site texto sobre grupo de resistência. Um colaborador ficou interessado e o propôs como matéria principal, no entanto ele se indagou sobre a origem do texto, e disse que por isso talvez ele não pudesse ser publicado. Outro membro propõe uma solução. Por fim o texto não foi publicado. Organizamos a discussão em ordem cronológica, mas esta aconteceu em diversos momentos da lista. A discussão completa em ordem inversa pode ser contemplada no arquivo: <http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-April/0415-j4.html>

Membro mostra para a lista o texto e propõe, receoso, como matéria: “Isso chegou a ser publicado na coluna da direita, mas não informava quem assinou a nota. Se a gente conseguir confirmar se é deles mesmo, dá pra publicar como editorial.”

Primeira resposta: “inclui uma frase dizendo que o cmi repassa a nota que foi publicada na coluna da direita, (ou algo semelhante).”

Segunda resposta: “Acho que já passou da hora. A notícia é verídica, saiu na lista da rede contra a violência do Rio e o PP também publicou <http://passapalavra.info/?p=21670>. Mas está acontecendo tanta coisa no Rio em termos de reunião e mobilização. Cadê o pessoal que estava se reagrupando num Cmi-rio?”

Mesmo com o problema de comprovação da origem dos textos, consideramos que a simples presença como conteúdo já indica a formação da rede de colaboração: as resistências servindo como tema, o CMI sendo alimentado por elas, se aliando a elas. Quanto aos movimentos que servem como conteúdo na coluna principal, eles são inúmeros, e se referem à luta pela terra, por moradia, por emprego, em favor das comunidades pobres, pelas causas indigenistas, contra a violência urbana, contra o aumento de tarifas de ônibus. Também

encontramos textos de comunidades centradas em squats, experiências fabris de autogestão, de outras ocupações do tecido urbano e de movimentos ligados às mídias de resistência, como as rádios livres, canais alternativos de televisão, sites. E mesmo movimentos mais consistentes, como o MST e a Via Campesina, tem espaço no CMI.

Interessante notar que esses movimentos, em boa parte, têm seus canais na internet, por isso poderia ser perguntado: com a disseminação de todas essas mídias de multidão, e considerando que os movimentos deliberadamente se midiaticizam, o *indymedia* tem ainda validade? Já respondemos a essa pergunta, mas reafirmamos: a importância da rede é fazer convergir informações dispersas na internet em um mesmo espaço (TOYA, [200-]). Isso reúne as forças, singularidades assim colaboraram fazendo multidão, fazer condicionado pelas mídias, uma multidão midiática.

A centralidade dos pobres nas matérias se dá, pois a pobreza é resistência por buscar uma realidade diferenciada, o desejo de multidão. O CMI não se dedica exclusivamente aos pobres, mas eles são seu grande trunfo, pois se alia a eles resistindo à mídia hegemônica e a ordem estabelecida, que os trata como seres que não merecem viver. Em matéria recente, no CMI é dito que: “O site do CMI existe para dar voz aos que não tem voz, ou seja, justamente para receber publicações onde movimentos denunciam opressões contra eles.” (<http://prod.midiaindependente.org/pt/blue/2010/12/482910.shtml>). Isso, como vimos, é afirmado na política editorial.

6.5 NOVAS RELAÇÕES ENTRE AS SINGULARIDADES

Passamos agora para a segunda parte de nossa descrição do CMI-Brasil. Esta parte será enfocada nas modificações pelas quais o CMI brasileiro passará a partir da reformulação do site. Buscaremos os elementos do novo site que permitam relações menos endurecidas e maior autonomia para singularidades. Pretendemos verificar como serão as relações entre os inúmeros colaboradores que alimentam com matérias o site.

Em primeiro lugar, seria importante falar no projeto: boa parte do processo de criação do novo site envolve questões tecnológicas, como a mudança do gerenciador de conteúdo atual, do MIR para o Drupal. Os voluntários estão empenhados em tarefas como: migração do banco de dados, implementação do site novo, criação e implementação do layout novo (<http://ticket.midiaindependente.org/wiki/NovoSite>). Tudo isso está sendo documentado

(<http://ticket.midiaindependente.org/wiki/NovoSite>). Não pretendemos abordar as questões técnicas, pois exigiria conhecimento que não dominamos. No entanto a colaboração no projeto já expõe a abertura da rede. Como diz Mileno (2010), um resultado positivo do processo de produção do novo site é que

[...] acabamos fortalecendo o nosso relacionamento com a comunidade drupal do Brasil e também com outras pessoas do movimento de software livre que já usam ou desenvolvem módulos para o Drupal, que gostam do CMI e estão sempre dispostos a nos ajudar respondendo dúvidas, dando conselhos de qual módulo usar etc.

Deixando a parte técnica de lado, a partir de ilustração extraída dos documentos do CMI-Brasil, exposta abaixo, delinearemos o papel proposto às inúmeras singularidades no novo CMI.

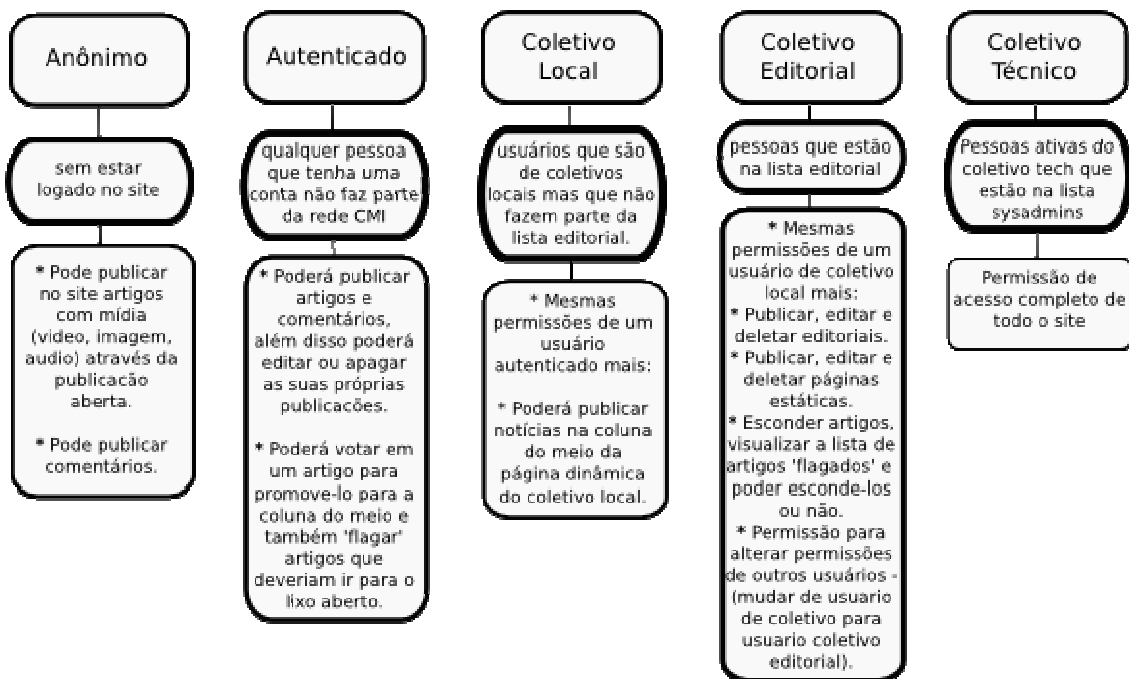


Figura 1 – Tipos de usuários e permissões

Fonte: <http://ticket.marieta.indymedia.org/wiki/ImplementacaoNovoSite>

Explicaremos a ilustração, comparando o campo de ação de cada colaborador no novo site aos tipos de colaboração do site atual.

1. Colaboradores anônimos: teriam as mesmas possibilidades dadas a quem não faz parte do coletivo editorial do CMI-Brasil atualmente; podem publicar textos na publicação aberta e adicionar comentários. Essas ações, como já vimos, podem sofrer a intervenção do

coletivo. 2. Autenticado⁴⁸: exige apenas a criação de conta – possivelmente ficha com algumas informações sobre o sujeito ou grupo. Neste caso, surgem algumas possibilidades diferenciais em relação à condição atual. Este usuário não faz parte do CMI-Brasil e não é membro do coletivo editorial, mas ele terá autonomia que hoje só é possível ao coletivo.

O usuário autenticado poderá em suas próprias publicações na publicação aberta editá-las, apagá-las e, o mais importante, poderá participar na promoção a matérias principais e marcar textos que vão de encontro à política editorial. Assim o poder de decisão do coletivo editorial é enfraquecido. Quanto a essas novas funcionalidades, elas são explicadas por voluntário em postagem na lista CMI-Tech. Sobre esconder artigo (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-tech/2010-February/0216-rq.html>):

Foi criada uma das funcionalidades novas do site. Agora os usuários logados poderão marcar artigos que estão fora da política editorial do site. Como que isso funciona? Quem estiver logado vai ver um link debaixo do artigo 'Fora da Política Editorial', se o artigo deve ser escondido, basta clicar ali que ele vai aparecer automaticamente na página de artigos escondidos. É possível criar uma contagem, por exemplo, precisa que 10 pessoas cliquem no mesmo artigo como 'Fora da Política Editorial' antes dele ir pro lixo aberto.

Sobre a criação de conta (<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-tech/2010-February/0216-rq.html>): “Outra coisa, o fato de só usuários logados poderem usar essa funcionalidade é uma boa para evitar abusos. Vai dar para ver qual usuário está abusando da função.”

3. Coletivo local: ele terá o mesmo poder do usuário autenticado e poderá publicar na coluna do meio da nova “página para os coletivos locais”⁴⁹. Isso é interessante, pois mesmo que haja ou possa haver pelo menos um membro de coletivo local na lista editorial, não há nada que especifique sua presença – isso ocorre também em outras listas como a do CMI-Tech. Essas novas páginas possibilitarão publicações feitas pelos coletivos em espaço que será a versão local da coluna das matérias principais do site do CMI-Brasil. Além disso, haverá informações sobre as reuniões do coletivo e links para publicações impressas em pdf e para vídeos e áudio. Não fizemos análise aprofundada das localidades que se referiam as publicações principais, mas podemos dizer que elas abrangem todo o país. A página para os coletivos permitirá fragmentar os conteúdos em localidades.

⁴⁸ Há pequeno erro de digitação no primeiro balão abaixo da designação autenticado, falta um “E”; o correto seria: “qualquer pessoa que não tenha uma conta ‘e’ não faz parte da rede CMI”.)

⁴⁹ Segue o link para o layout da página dos coletivos: <http://ticket.midiaindependente.org/wiki/NSPaginaColetivos>.

4. Coletivo editorial. Este terá poder sobre a página geral e a dos coletivos locais, podendo publicar, editar, deletar e esconder textos, visualizar a lista de artigos sinalizados pelos outros usuários e escondê-los ou não. Além disso, poderá promover usuários de coletivo local para usuário de coletivo editorial. 5. Por fim, está o coletivo do CMI-Tech que tem acesso a todo site. O CMI (como a rede *indymedia*) funciona com uma base tecnológica; talvez as questões técnicas sejam centrais para a rede; não demos atenção a essas questões, pois fogem do nosso domínio.

Continua quase central o papel do coletivo editorial. Ele faz o filtro do que entra e do que sai. Gerencia os conteúdos e tem poder sobre usuários. As novidades ficam nas permissões aos outros usuários de funções que antes eram possíveis apenas ao coletivo. Ou seja, o dualismo dominantes-dominados será flexibilizado, permitido para aqueles que estavam sob o poder do coletivo editorial posição mais ativa.

Seria importante também expor o que será afetado quanto à relação do CMI-Brasil com os grupos de resistência. Algumas funcionalidades propostas para o novo site concernem a estes (<http://ticket.marieta.indymedia.org/wiki/FuncionalidadesNovoSite>), como página com notícias dos sites dos próprios grupos. No site atual não há nada do tipo, a relação, à primeira vista, mais visível corresponde ao conteúdo dos textos. Assim essa nova funcionalidade confirma a proximidade do CMI-Brasil com outros movimentos de resistência e o desejo de amplificá-la. Agora na redação final da dissertação, o novo site continua a ser trabalhado. Ele já toma forma, mas ainda teremos que esperar o final do processo para saber realmente como irá funcionar.

7 FUNCIONAMENTO DA REDE INDYMEDIA: COLETIVOS EUROPEUS E A COBERTURA DA COP15

Passamos agora para nossa análise de outras singularidades da rede global *indymedia*, alguns de seus coletivos europeus. Tentaremos perceber o funcionamento destes mediante a forma como eles reportaram os acontecimentos na Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, COP15⁵⁰, que ocorreu em dezembro de 2009, em Copenhague na Dinamarca.

Podemos adiantar que os relatos sobre o acontecimento diferem dos relatos da grande mídia (nossa premissa) por focarem nas manifestações ocorridas nas ruas feitas por uma multidão de singularidades. Estas não haviam sido convidadas para a conferência oficial, mas para lá foram com o objetivo de exporem seus desejos por uma realidade diferenciada, mesmo que soubessem que a COP15 estava condenada a não trazer nenhuma alternativa significativa para o problema do clima.

O conflito em Copenhague foi entre Império e multidão (outra premissa): a multidão nas ruas que tentou via ação direta se insurgir frente às tomadas de decisão dos líderes do Império (estes apartados da multidão) sobre as questões da vida no planeta. Praticamente, desconsideramos o que foi dito por estes últimos, seguindo os relatos dos coletivos do *indymedia*. Primeiro, pois como já dissemos, por não terem apresentado nenhuma solução significativa, mas principalmente por considerarmos, seguindo os apontamentos de Negri e Hardt, as demandas da multidão e sua luta como a riqueza de nossa condição contemporânea, e assim motor para mudanças reais.

A multidão na COP15 foi recebida pelo Império com leis especialmente criadas para o evento e por massa policial que tentou de todas as formas impedir que ela se manifestasse, conseguindo bloquear certos objetivos da multidão a partir da repressão pesada. No entanto isso não fez com que as ruas de Copenhague não fossem tomadas por inúmeras manifestações feitas por multiplicidades de grupos.

⁵⁰ “A Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2009, também chamada Conferência de Copenhague [...] (oficialmente United Nations Climate Change Conference ou COP15) foi realizada entre os dias 7 e 18 de dezembro de 2009, em Copenhague, Dinamarca. Esta cimeira, organizada pelas Nações Unidas, reuniu os líderes mundiais para discutir como reagir às mudanças climáticas (aquecimento global) actuais. Foi a 15ª conferência realizada pela UNCCC (Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima).” (http://pt.wikipedia.org/wiki/Confer%C3%Aancia_das_Na%C3%A7%C3%B5es_Unidas_sobre_as_Mudan%C3%A7as_Clim%C3%A1ticas_de_2009).

Paralelamente, também aconteceram manifestações significativas nos mesmos dias (ou em dias diferentes, mas tendo a conferência como foco) em outros países, objetivando a insurgência frente às políticas da governança global: em Londres foram realizados manifestos com mais de 50 mil pessoas, além de ter sido montado acampamento em área central da cidade, uma das mais movimentadas do mundo; na Austrália aconteceram ações com mais de 100 mil pessoas. Além disso, mobilizações foram vistas em inúmeras partes do globo, até no Brasil.

Os coletivos locais de Londres, Dinamarca, Reino Unido, alguns da Austrália, de Portugal, como também o voltado para questões sobre o clima, fizeram os relatos mais consistentes sobre o acontecimento, mas encontramos também notícias no CMI brasileiro. As informações destes são ricas em detalhes do ponto de vista das lutas da multidão: expõem a infinidade de demonstrações, os inúmeros grupos que estavam presentes, quantos e quais sujeitos foram presos, como e quando foram, quem continua preso, sob quais processos, quais manifestações ocorrem em nome destes, quais são as manifestações pós-COP15 que tratam das questões do clima, etc.

Teremos esses relatos como matéria para esta parte da pesquisa para verificarmos como a multidão se formou, quais singularidades estavam presentes, como elas se relacionaram entre si, o que foi produzido e, principalmente, tentaremos perceber como o *indymedia* fez parte dessa multidão, sendo uma de suas singularidades midiáticas mais importantes.

Como tentamos perceber na pesquisa, o *indymedia* não apenas faz parte da multidão, ele tem características da multidão como conceito de Negri e Hardt: o impedimento da soberania, a reunião de singularidades em espaço comum (converge inúmeros sujeitos e grupos em seu território), as demandas por outra realidade, a produção imaterial biopolítica que se alia a produção de projeto político. Estas características são presentes também nos movimentos de ação direta; assim podemos dizer que ambos agem em mesmo território, cada um de seu modo, mas se interpenetrando – o que veremos ao longo do capítulo.

Como foram muitos os coletivos que colaboraram na cobertura do acontecimento e cada um deles é autônomo, consideramos importante descrever alguns. Essa descrição acompanhará as próximas páginas, e ela também se torna possível a partir do que já sabemos sobre a rede mundial e sobre o CMI brasileiro. Daremos atenção aos sites, sua estrutura e notícias, as listas e suas discussões serão desconsideradas, pois não queremos estender essa parte.

7.1 FUNCIONAMENTO DA REDE INDYMEDIA

7.1.1 Indymedia DK

Como a COP15 ocorreu em Copenhagen, o coletivo com material mais rico foi o dinamarquês, o *indymedia DK*. Este apresenta funções que permitiram a articulação entre singularidades na cobertura do acontecimento. Boa parte do material do *indymedia DK* está em inglês, o que possibilitou a análise.

A página atual do *indymedia DK* ainda mantém notícias referentes à COP15 na sua parte principal. Isso demonstra a importância do evento para o site. Na página há matéria com destaque, títulos com fontes grandes e imagem, na parte superior à esquerda, nomeada “olhando para o que aconteceu na COP15”⁵¹. Esta é mais um guia para pesquisa da cobertura, feita pelo site, do acontecimento, com links para fotos, vídeos, páginas de grupos que ajudaram na produção de textos e para matérias. Abaixo dessa postagem, há mais quatro matérias com menos destaque, todas referentes à cobertura: uma delas, com o título “E agora?”⁵² (que data do dia 19 de dezembro, ou seja, posterior ao acontecimento), expõe a inaptidão da COP15 para resolver os problemas das mudanças climáticas, uma reflexão sobre o que passou do ponto de vista das negociações dos líderes do Império.

As outras três postagens, seguindo a ordem cronológica, tratam das manifestações. A primeira é do dia 18, com título “Protestos continuam em Copenhagen”⁵³, e expõe as ações ocorridas mesmo após o fim da conferência, principalmente em apoio daqueles que foram presos. A seguinte, do dia 16 de dezembro, intitulada “O longo caminho do Reclaim Power! ao Bella Center”⁵⁴, relata uma das manifestações mais expressivas, o *Reclaim Power!*, que tentou furar o cerco policial para entrar no centro onde ocorriam as conferências oficiais, o Bella Center.

Por fim, uma outra postagem do dia 16; esta sobre a participação da sociedade civil nos debates dentro do Bella Center intitulada: “Se você está dentro, você está dentro, se você estiver fora, você está fora.”⁵⁵ Do resto da página principal, vemos mais uma coluna que dá

⁵¹ Tradução de: “Looking back at Cop15” (<http://indymedia.dk/articles/2027>).

⁵² Tradução de: “What now?” (<http://indymedia.dk/articles/1969>).

⁵³ Tradução de: “Protests continue in Copenhagen” (<http://indymedia.dk/articles/1952>).

⁵⁴ Tradução de: “Reclaim Power!'s long way to the Bella Centre” (<http://indymedia.dk/articles/1894>).

⁵⁵ Tradução de: “If you're in, you're in, if you're out, you're out” (<http://indymedia.dk/articles/1893>).

atenção aos manifestos da COP15, no entanto não trata integralmente deles, mas também de ações sobre questões do clima na Inglaterra, Austrália e EUA.

No site também são vistas páginas dedicadas a singularidades que fizeram parte das manifestações e colaboraram na cobertura. Essa funcionalidade, nomeada de grupos, corresponde à rede de colaboração no *indymedia DK*. Link na página principal leva para a seção grupos. Qualquer usuário registrado pode propor página de grupo, que é algo parecido a um blog. Os grupos são listados com breve descrição de quem são e o que fazem, e em sua página aparecem seus artigos, eventos e meios de comunicação. Os membros dos grupos podem publicar conteúdo (textos, vídeos, fotos e arquivos de áudio) e adicionar ou excluir outros membros.

Os principais grupos: *COP15 Reporting*, composto por voluntários do *indymedia*. *Copenhagen Activist Trauma Support* (CATS), que dá auxílio psicológico e físico a manifestantes. *Climate Justice Action* (CJA), rede global que reúne inúmeros movimentos, e que tem como foco as políticas sobre as mudanças climáticas. Destes os que possibilitaram maior quantidade de notícias foram o *COP15 Reporting* e o *Climate Justice Action*.

Na seção do *COP15 Reporting*, vemos matéria com destaque e coluna com links para mais de trinta textos feitos por seus participantes, além disso, links para vídeos. Na seção do CJA, há breve descrição sua, matéria com destaque sobre a prisão e libertação de um de seus porta-vozes, coluna com matérias publicadas no *indymedia DK* e mais links para textos publicados na página do próprio CJA.

Quanto ao funcionamento geral do site do *indymedia DK*: a política editorial (as diretrizes do site) está indicada na página principal. Também nesta vemos links para páginas sobre perguntas frequentes relacionadas ao site, e para a seção onde são feitas as publicações e a criação de grupos. Todos esses dados estão em língua inglesa, como a maior parte das matérias. A página não apresenta links para as listas de discussão sobre o gerenciamento do site. As listas conjuntamente aos documentos do coletivo podem ser encontrados nos documentos da rede global.

No site, usuários não vinculados ao coletivo dinamarquês podem se registrar, e assim quando publicarem matérias têm a possibilidade de editá-las posteriormente. Também o mesmo usuário tem o poder de reportar abusos ou sugerir promoções de matérias. Com colaboração intensa ele será “privilegiado” com “poderes” de moderação. Porém isso não significa que apenas usuários registrados têm o direito de publicar e reportar abusos; seguindo as diretrizes da publicação aberta qualquer um pode colaborar com o site. O *indymedia DK*

pede ajuda para a moderação, isso acontece mediante e-mail ou usando função que acompanha cada texto.

Quanto às matérias, elas são promovidas desde que sejam bem escritas e informativas. Estas aparecem na página principal na seção *newswire*. Na publicação aberta o que é excluído são textos que faltam informações importantes ou com erros de gramática, como artigos que anunciem eventos comerciais ou produtos, promovam partidos, sejam discriminatórios ou que não estejam de acordo com a política editorial. Esses textos podem ser acessados.

7.1.2 Indymedia UK e Indymedia London

O coletivo do Reino Unido, o *indymedia UK*, e o coletivo londrino são importantes para a pesquisa, pois paralelamente às manifestações em Copenhagen aconteceram em Londres ações contra as políticas do Império representadas na conferência. Na cidade, os manifestos foram significativos, reunindo mais de cinquenta mil pessoas, em boa parte aquelas que não puderam ir para a Dinamarca. Também os dois coletivos têm ligação direta por fazerem parte de rede de coletivos, os *United Kollektives*, que corresponde à região do Reino Unido. Os dois assim colaboram entre si partilhando recursos e conteúdos, o que foi constatado na análise das matérias.

Além das descrições do funcionamento do *indymedia UK* e o Londrino em sua própria página, as páginas de documentação ajudam em sua caracterização. Os dois sites compartilham elementos. Trabalham com três tipos de publicações: *open newswire* (publicação aberta), *promoted newswire* (matérias promovidas) e *features* (matérias principais). *Promoted newswire* mostra o melhor da publicação aberta, normalmente relatos em primeira mão sobre ações e eventos. *Features* são as matérias propostas pelos membros a partir de sua lista de discussão, estas têm maior importância no site. Textos que não seguem as diretrizes editoriais não permanecem na seção de matérias promovidas, mas podem ser acessadas. Os sites também abrem espaço para qualquer um fazer comentários, estes também dependem da moderação para permanecer na página.

São escondidos artigos ou comentários que sejam: 1. Conteúdo repostado. 2. Comentário. 3. Mensagens que promovam racismo, fascismo, xenofobia, sexismo, homofobia ou qualquer outra forma de discriminação. 4. Mensagens incorretas ou enganosas. 5. Publicidade de pessoas ou produtos. 6. Notícias que representem partidos políticos ou outras

organizações hierarquicamente estruturadas. 7. Artigos copiados de sites de notícias corporativas. 8. Ofensas contra outros ativistas ou usuários do site. Alguns conteúdos raramente podem ser totalmente excluídos, como pornografia.

Nos documentos há tópico que detalha melhor a estrutura das matérias principais: elas devem ter título não muito longo, imagem, resumo relevante, que é a parte que aparece na página principal, com não mais que 150 palavras. São sugeridos os usos de links para *posts* do *indymedia* e de outras fontes de mídia independente; é aconselhado evitar fontes corporativas; por fim não há limite de tamanho para o texto. Leva 24 horas para uma matéria principal ser publicada após ser proposta. Segundo os documentos, elas podem ser feitas por qualquer um desde que sejam propostas na lista.

Os sites dos *indymedias UK* e Londres são bastante ativos, não se dedicam como o coletivo da Dinamarca, quase integralmente, às lutas na COP15. Assim, além de expormos o funcionamento de ambos como fizemos com o *indymedia DK*, consideramos importante também fazer breve análise de textos dos sites para melhor descrevê-los. Ou seja, deixaremos à relação com a COP15 para a parte de análise da cobertura do acontecimento.⁵⁶

Escolhemos matérias publicadas nos últimos meses na parte principal dos sites. Parte dos textos se refere a certos movimentos de resistência, alguns que estiveram presentes na COP15. No entanto, diferente das análises do CMI-Brasil, não detalharemos os grupos de resistência que possam ser protagonistas dos textos. Nossa intenção, nesta parte, não é fazer mapa das singularidades que atuam nestes coletivos, queremos apenas exemplificar os conteúdos das matérias, o que diz respeito à parte fundamental do funcionamento dos sites.

7.1.2.1 Indymedia UK

Quanto à organização do site: uma das seções, exposta na página principal em coluna no lado esquerdo, mostra links referentes a temas específicos como: caos climático, gênero, Iraque, antirracismo, antimilitarismo, globalização, migração, zapatistas. Esses links levam para conjuntos de matérias sobre os temas. Outra seção, abaixo, trata de acontecimentos que já ocorreram, servindo assim como arquivo, como: mayday de 2010, G8 de Londres, COP15, Climate Camp 2008. Na parte superior da mesma coluna, assim com mais destaque, há seção

⁵⁶ No entanto, como veremos, singularidades que agenciam com os dois *indymedias* estiveram presentes na COP15.

para coberturas de eventos futuros. Na coluna da direita, vemos espaço para as matérias promovidas e para a publicação aberta.

A coluna do meio, como no CMI-Brasil, é dedicada às matérias principais. Escolhemos algumas destas matérias, escritas nos três últimos meses, para dar visão geral do que é dito no site. Neste primeiro momento de análise, percebemos que os conteúdos trabalhados no coletivo do Reino Unido, em boa parte, tratam de ações diretas contra poderes corporativos e estatais. As ações, em sua quase maioria, são localizadas na região. No entanto a indexação de eventos passados e futuros e a reunião de matérias a partir de eixos temáticos, demonstram a preferência do site para ações da multidão contra as políticas do Império.

Reunimos da seguinte forma a apresentação das notícias: data, título, resumo.

1. 19.10.2010, título “*Crude Awakening Blockade*” (<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/10/466277.html>). A matéria trata de ação contra a indústria do óleo no Reino Unido. O objetivo era impedir que óleo fosse transportado para Londres, o qual tem efeitos no aumento das mudanças climáticas.
2. 14.10.2010, título: “*SchNEWS 743: Leicester Is More*” (<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/10/466033.html>). Sobre confronto violento entre grupos fascista e antifascista na cidade de Leicester.
3. 23.09.2010. “*SchNEWS 740: No Borders Camp, Brussels*” (<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/09/460150.html>). Manifestação em Bruxelas com o objetivo de denunciar a política de imigração europeia, bloquear o sistema de deportação de Bruxelas, e criar espaço autônomo para que as vozes de imigrantes e ativistas sejam ouvidas.
4. 20.09.2010. “*Confront the Tory Con in Birmingham*” (<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/09/458965.html>). Mobilizações contra conferência do partido conservador em Birmingham.
5. 10.09.2010. “*Resistance to ‘Factory of Death’ continues*” (<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/09/458456.html>). Trata de ações contra manutenção e fabricação de armas nucleares pelo governo. O local escolhido para ação foi base militar próxima a cidade de Reading.
6. 25.08.2010. “*Tasers in Nottingham and elsewhere*” (<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/08/457590.html>). Sobre abuso de poder por parte da polícia.

7. 20.08.2010. “*Climate Camp: Breaking the Bank*” (<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/08/457296.html>). Trata de um acampamento ocorrido próximo a Edimburgo, em protesto contra investimentos do *Royal Bank of Scotland* em petróleo, gás e carvão.
8. 14.08.2010. “*Climate Camp Cymru*” (<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/08/457047.html>). Dá ênfase a outro acampamento ocorrendo no Reino Unido. Mas trata também de outras ações do tipo que estavam sendo realizados na região.

A primeira matéria e as duas últimas se referem a dois grupos de resistência presentes na COP15: o Climate Justice Action e o Climate Camp. Ambos fazem ação direta pela justiça climática. Não falaremos sobre eles agora.

7.1.2.2 Indymedia London

Este *indymedia* visualmente difere do *indymedia UK*. No entanto o mais importante, o que já foi visto, é o mesmo: seção de matérias principais, de matérias da publicação aberta e de eventos. As matérias principais ficam em bloco à esquerda, no qual aparecem cinco textos com título, foto e resumo. Coluna no meio da página mostra alguns textos da publicação aberta promovidos. Toda a coluna da direita é dedicada a eventos. Também duas seções mostram textos promovidos de outras mídias, com links para o texto original. Isso é interessante, pois é comum na rede textos que foram extraídos de outros locais na internet. Também há seção com informações sobre o site com quantidade maior da que o do *indymedia UK*.

A função que mais diferencia os dois *indymedias* é a função grupos – esta é importante ferramenta do coletivo dinamarquês como vimos. A caracterização da seção é a mesma nos dois *indymedias*. Não faremos a descrição dos grupos, pois isto fugiria de nossa proposta, mas, como na seção sobre o coletivo do Reino Unido, faremos breve análise de matérias principais do site londrino, publicadas nos mesmos meses.

1. 15. 08. 2010. “*Events in London this week*” (<http://london.indymedia.org/articles/5415>). Agenda de eventos alternativos ligados às resistências que aconteceriam em Londres na semana.

2. 17. 08. 2010. “*Save Peckham's Area 10*” (<http://london.indymedia.org/articles/5417>). Trata da deterioração de área em Londres, que reúne inúmeros espaços voltados para a cultura independente. A matéria traz também link para site, no qual é pedido assinaturas para petição contra o fechamento de centro cultural – no caso, mais um.
3. 22. 08. 2010. “*Brixton Police Station, remember Sean Rigg*” (<http://london.indymedia.org/articles/5433>). Sobre pequeno protesto em Londres, com por volta de 100 pessoas, contra a violência policial.
4. 27. 09. 2010. “*Grow Heathrow! resisting the eviction...*” (<http://london.indymedia.org/articles/5450>). Trata de movimento popular contra a expansão de aeroporto em Londres.
5. 31. 09. 2010. “*Their business and ours*” (<http://london.indymedia.org/articles/5456>). Manifesto contra o controle praticado por novas tecnologias de comunicação e informação.
6. 06.09.2010. “*Mass picnic and a grilling*” (<http://london.indymedia.org/articles/5485>). Protesto com mais ou menos 200 pessoas contra projeto urbanístico em área de Londres para as olimpíadas de 2012, que ocorrerá na cidade.
7. 17. 09. 2010. “*Nuclear conference demo calls for EDF boycott*” (<http://london.indymedia.org/articles/5547>). Sobre protesto de grupo antinuclear.
8. 25.09. 2010. “*Pro-palestine protest at BT-sponsored olympic ball*” (<http://london.indymedia.org/articles/5604>). Sobre ação direta em evento de renome.
9. 07.10.2010. “*5 years on - naming the dead outside downing st*” (<http://london.indymedia.org/articles/5644>). Sobre protesto em Londres contra a guerra do Afeganistão.

No momento de finalização da dissertação, os primeiros dias de dezembro, os dois sites, do Reino Unido e de Londres, haviam dedicado três matérias principais, publicadas uma atrás da outra, às manifestações estudantis na Inglaterra contra os cortes por parte do Estado dos benefícios para o setor da educação. No *Indymedia UK* entre 19 e 30 de novembro, e no de Londres entre 28 de novembro e primeiro de dezembro.

7.2 COBERTURA DA COP15

A narrativa começa bem antes dos inúmeros manifestos que ocorreram em dezembro de 2009 e também termina bem depois, ou melhor, ainda não terminou, pois as singularidades que lutaram em Copenhagen continuam fazendo suas ações pelo clima. Dentro da diversidade de relatos tentamos organizá-los da seguinte forma: seguindo a ordem cronológica, descreveremos, inicialmente, os primeiros textos referentes aos eventos de preparação, depois os que têm como foco os acontecimentos durante a conferência e por fim os textos que tratam das ações pós-COP15.

Os relatos não apenas tratam das ações diretas, não se prendem aos fatos mais momentâneos, pois parte dos textos apresenta um mesmo discurso. Explicando melhor: boa parte das matérias é acompanhada das teorias do movimento pela justiça climática (aqueles que lutaram em Copenhagen) sobre o solo comum global em que todos pisamos: as mudanças no clima ocorridas pelo capitalismo que afetam a vida. Portanto vemos dois temas que formam a cobertura: o primeiro diz respeito às ações diretas, seu planejamento e andamento, e à repressão policial que as acompanha. O segundo são as críticas à elite do Império, à sua má vontade frente às problemáticas do clima, suas falsas soluções, ao fato de que esta elite privilegia o lucro e não a vida, nega as condições precárias dos países pobres do sul, os afetados por esses problemas e, além disso tudo, tenta impedir que a multidão se organize politicamente em busca de um mundo melhor.

É claro que não estamos reproduzindo dualismo, a ação nas ruas e as críticas, prática e teoria. Essas críticas não são frutos do intelectual isolado na torre de marfim⁵⁷, são feitas pelos próprios ativistas. E mais, os dois temas se referem ao poder da multidão na relação de

⁵⁷ Para Adorno (1969), a teoria assume posição superior, é uma torre de marfim, não deve se oferecer como base para prática; para ele, ela muda, por si só, a consciência e a realidade social. Adorno falou isso em meio aos acontecimentos de 1968, nos quais suas teorias foram apropriadas por grupos de resistência. Para o autor, os acontecimentos que o mundo estava sofrendo eram ações isoladas de baderneiros, que se pautavam na violência. Foucault (DELEUZE; FOUCAULT, 2006) diz que a teoria é prática local contra o poder, e que a teoria como torre de marfim de Adorno é exercício do poder, por ser agente da consciência e do discurso. Foucault (DELEUZE; FOUCAULT, 2006) diz que as massas não necessitam do teórico para saber, elas são sábias, mas o seu conhecimento é barrado pelo sistema de poder. Falar pelos outros, como faz o teórico para as massas, segundo Deleuze, é uma indignidade (DELEUZE, 1992b). Para ele é conquista de 68 que as pessoas falem em seu próprio nome. Deleuze diz que a dicotomia entre teoria e prática não mais importa, e sim ações de teoria e de prática, agenciamento entre teoria e prática, sem hierarquias (DELEUZE; FOUCAULT, 2006). O G.I.P. (Grupo de Informação sobre as Prisões) organizado por Foucault e Deleuze ou as práticas de análise trabalhadas por Guattari – a transversalidade – permitiram que vozes menores falassem, sem a mediação de uma voz superior (DELEUZE, 1992b). Para Adorno o local do teórico é muito bem localizado, sempre acima das massas. Como foi dito: os grupos de resistência se apropriaram das teorias de

soberania, sua resistência, seu “não” (via ação direta e crítica) que é conjugado, como veremos, com propostas concretas.

Como já foi dito, as lutas da multidão nas ruas foram inúmeras e reuniram em certas manifestações quantidades significativas de pessoas: 100 mil pessoas em Copenhagen, 50 mil em Londres. Essas ações foram feitas por redes de singularidades que agiram em comum, partindo de questões comuns a todos (o capitalismo, a ordem mundial), desejando produzir mais comum (construir alternativas e as impor desde baixo).

Talvez a ruptura mais importante que aconteça nas ações diretas seja com os modelos de associação tradicionais. Nestas os papéis são definidos, os sujeitos são enquadrados, identificados; nesses tipos de instituições sociais é criada falsa imagem de unidade: “[...] de uma perspectiva exterior, a organização é um corpo coeso, cuja orientação prática e política, assim como as opiniões e pareceres são totalmente respaldados pelos membros.” (ORTELLADO; RYOKI, 2004, p. 4). Segundo Ortellado isso é só aparência, se reduz todas as vozes, mesmo as discordantes, a uma mesma posição, discurso. Assim esse tipo de organização se parece com o povo. Já nas organizações que se mostraram para o mundo em Seattle, ou antes, nas redes Zapatistas⁵⁸, não havia a redução da pluralidade, mesmo que as singularidades agissem em comum. Esse é desafio que já se consolidou e tentamos verificar na dissertação.

A ação direta, assim, é resistência molecular, pois não concerne ao estabelecido. Além disso, a diversidade de grupos que se cruzam e se associam não permite focos de poder. Partindo do pensamento de Negri e Hardt, a ação direta permite ruptura com a separação entre economia e política: as redes da multidão implicam poder constituinte, anunciam um novo mundo – política – baseado em relações de cooperação (produção) – economia – não de poder. Como dizem Hardt e Negri (2005, p. 438):

A futura estrutura institucional dessa nova sociedade apóia-se nas relações afetivas, cooperativas e comunicativas da produção social. Em outras palavras, as redes de produção social fornecem uma lógica institucional capaz de sustentar uma nova

Adorno, as colocaram para funcionar, como uma caixa de ferramentas; é essa a função da teoria, se isso não acontece, ela não serve para nada (DELEUZE; FOUCAULT, 2006).

⁵⁸ Negri e Hardt citam a rede Zapatista em *Multidão*. Esta, para eles, é um meio termo entre a guerrilha moderna, ainda centralizada, e a resistência em rede. Isso é visto na manutenção de certas funções hierárquicas de cunho militar. No entanto a criatividade dos zapatistas é de zombar com essas funções. Como vemos no lema “comande obedecendo”, ou no papel de Marcos, seu representante oficial, que é nomeado de subcomandante. Já Antoun (2002, p. 16) diz que o tipo de resistência Zapatista é em rede: “[...] diferentes movimentos — o do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), o das comunidades indígenas de Chiapas e o de diversas Organizações Não-Governamentais (ONGs) mexicanas e internacionais — reuniram-se para montar a rede de guerra Zapatista.”

sociedade. Desse modo, o trabalho social da multidão conduz diretamente à proposição da multidão como poder constituinte.

A nova sociedade que os autores falam seria a da democracia absoluta, o projeto da multidão, que impede o poder soberano, é imanente, experimentada pelas próprias singularidades, experimentação possível na produção imaterial. Vemos o germe dessa nova sociedade no *indymedia* e no ativismo, ou nessa produção heterogênea feita pela rede composta pela ação direta e o *indymedia*. Ambos lutam por um mundo melhor, fazem suas reivindicações de representação, atacam o Império. Mas essas duas práticas, que desenham mesmo mapa, podem ser consideradas um fim em si mesmas, ou o que Ortellado chamou de política pré-figurativa: a resistência é prática de liberdade que já anuncia um outro mundo desejado. Ou como diz membro do coletivo italiano Wu Ming: “[...] Não há ‘depois da revolução’, o processo é contínuo, já começou. Você pode ver em certas partes da vida que já há pré-condições do que podemos chamar de anarquia, socialismo ou comunismo, você que sabe.” (BUI, 2002).

Além da ação direta e da produção do *indymedia* serem feitas pelos mesmos sujeitos e grupos, se assemelham, pois são imateriais. O que está em jogo tanto no *indymedia* quanto na ação direta são afetos, formas de sociabilidade, relações, idéias, subjetividades. Também os ativistas da ação direta como os comunicadores do *indymedia* não são profissionais, assim usam de tempo livre, da reprodução, para fazer sua produção. Portanto vemos superação do dualismo produção e reprodução.

Hardt esteve em Copenhagen, e para ele o acontecimento foi dividido entre o que aconteceu nas ruas, e as conversações legitimadas nas reuniões de cúpula.

Uma cena aconteceu dentro das reuniões oficiais no centro de conferências do Bella Center, onde a admissão era estritamente limitada aos representantes do governo, ONGs aprovadas, alguns jornalistas e outros participantes selecionados. Passei a maior parte do meu tempo, no entanto, na segunda cena, fora das reuniões oficiais, entre os movimentos sociais e ativistas, cuja presença representou um importante encontro entre as tradições ativistas focadas no ambientalismo e nos diversos aspectos da globalização.⁵⁹ (HARDT, 2009).

⁵⁹ Tradução de: “One scene took place inside the official meetings at the Bella Conference Center, where admission was strictly limited to government representatives, approved NGOs, some journalists, and other select participants. I spent most of my time, however, at the second scene, outside the official meetings, among social movements and activists, whose presence represented an important encounter between the activist traditions focused on environmentalism and those relating to the various aspects of globalization.”

Hardt aponta a primeira cena correspondendo ao Império, à governança global, que ele divide em três camadas⁶⁰: a primeira encabeçada, por um lado, pelos Estados-nação dominantes, como os Estados Unidos, a China e as nações europeias, por outro lado, pelas nações subordinadas representadas pelo G77. Na segunda camada estavam às grandes corporações: “Os líderes corporativos, é claro, não eram oficialmente parte das discussões da ONU em Copenhagen, mas a COP15 foi, entretanto, claramente também um evento corporativo.”⁶¹ (HARDT, 2009). Na terceira camada, as ONGs, organizações de defesa ambiental, meios de comunicação, organizações de direitos indígenas. “Alguns desses grupos apóiam os esforços dos Estados-nação na primeira camada e / ou as empresas na segunda, enquanto outros tentam combatê-los.”⁶² (HARDT, 2009).

A segunda cena para o autor foi o território da multidão, no qual ele diz, como vimos em citação acima, ter passado muito mais tempo do que dentro do Bella Center (centro das convenções oficiais). Nos aliando a Hardt também nos deteremos nessa cena. Porém como Negri e Hardt dizem, a soberania é uma relação, o Império e a multidão se interpenetram. Como as ações da multidão se chocam diretamente com as políticas da governança global, no paradigma atual falar em multidão é falar em sua luta contra o Império.

7.2.1 Primeiros relatos da COP15

No dia 08 de agosto de 2008, no *Indymedia UK* foi postado um dos primeiros textos referentes à COP15. Este tratava de convocação para (como diz seu título) “[...] encontro de preparação das mobilizações internacionais para a COP 15 [...]” (<http://www.indymedia.org.uk/en/2008/08/405925.html>). O encontro seria realizado em Copenhagen, nos dias 13 e 14 de setembro de 2008, e foi convocado pelo *Climate Network 09*, “[...] uma rede mundial de cerca de 500 Organizações Não-Governamentais (ONGs) que

⁶⁰ Já expomos a mesma passagem do texto em outro capítulo.

⁶¹ Tradução de: “Corporate leaders, of course, were not officially part of the UN discussions at Copenhagen, but the COP15 was nonetheless clearly also a corporate event.”

⁶² Tradução de: “Some of these groups support the efforts of the nation-states on the first tier and/or the corporations on the second, while others attempt to counter them.”

trabalham para promover ação governamental e individual para limitar as alterações climáticas induzidas pelo homem a níveis ecologicamente sustentável.”⁶³

O objetivo era preparar manifestações em Copenhague, como em todo o mundo, durante a conferência das Nações Unidas. Também o texto trazia posicionamento frente às questões do clima. Segundo este, os governos dão prioridade ao crescimento econômico e aos interesses das corporações, ignorando a ameaça das mudanças climáticas, que afetam a vida de bilhões de pessoas. Também é dito que a COP 15 “[...] será a mais importante reunião de cúpula sobre a alteração climática já realizada, e determinará como os países do mundo reagirão às ameaças climáticas.”⁶⁴ No entanto mostra desconfiança por considerar que não serão tomadas decisões eficazes.

Em 16 de setembro de 2008, matéria é publicada no *Indymedia DK*, assinada pelos ativistas que se reuniram no encontro antes citado. Parecida com o texto anterior, expõe algumas ideias complementares: as mudanças climáticas já afetam indígenas, pequenos fazendeiros, comunidades marginalizadas; e, mais importante, traz considerações que fazem parte do vocabulário de Negri e Hardt: “Todos devem ter igual acesso aos bens comuns globais através de controle social e da soberania sobre a energia, florestas, terra e água.”⁶⁵. Porém o comum para os autores não se refere apenas à natureza, mas diz respeito à vida como um todo.

Quando eu digo que o comum está em jogo no processo de globalização, refiro-me, por um lado, à terra, às florestas, o mar, à atmosfera, em suma, algo como o que era tradicionalmente chamado de comum. Por outro lado, o comum também concerne a uma série de resultados da produção e da criatividade humana, tais como idéias, imagens, códigos, saberes, informações e afetos. A questão da mudança climática se situa principalmente no primeiro deles, mas a relação entre essas duas noções do comum foi também um fator importante em Copenhague.⁶⁶ (HARDT, 2009)

⁶³ Tradução de: “The Climate Action Network (CAN) is a worldwide network of roughly 500 Non-Governmental Organizations (NGOs) working to promote government and individual action to limit human-induced climate change to ecologically sustainable levels.” (<http://www.climatenetwork.org/about/about-can>).

⁶⁴ Tradução de: “This will be the most important summit on climate change ever to have taken place, and it will determine how the countries of the world are going to respond to the climate threat.” (<http://www.indymedia.org.uk/en/2008/08/405925.html>).

⁶⁵ Tradução de: “All should have equal access to the global commons through community control and sovereignty over energy, forests, land and water.” (<https://publish.indymedia.dk/articles/384>).

⁶⁶ Tradução de: “When I say that the common is centrally in play in the processes of globalization I refer on the one hand to the land, the forests, the sea, the atmosphere—in short, something like what was traditionally called the commons. On the other hand, the common also names a range of results of human production and creativity, such as ideas, images, code, knowledges, information, and affects. The question of climate change refers primarily to the first of these but the relation between these two notions of the common was also an important factor in Copenhague.”

Cocco (2009, p. 25) cita Michel Serres, o qual diz que o mais importante nas reuniões sobre aquecimento global é “[...] a tomada de consciência generalizada da ‘aparição de nosso barco comum [...]’.”

Em 5 do 12 de 2008, é publicado o mesmo texto no *indymedia* UK, no entanto com informações adicionais, anuncia mais ações e outras reuniões:

Outra reunião de planejamento internacional terá lugar em Março de 2009, onde os conceitos e estratégias de ação serão discutidos. Um Climate Camp acontecerá entre os dias 11 e 19 de julho. Além disso, uma ação em massa vai tentar fechar uma usina de energia da Dinamarca nos meses que antecederem a conferência.⁶⁷

Quanto ao *Climate Camp*, referido na citação anterior, ele é ação que ocorre com frequência no Reino Unido, e também em outras partes da Europa. Encontramos no *indymedia* textos que tratam do *Climate Camp*, como vimos, rapidamente, na parte sobre o funcionamento do coletivo do Reino Unido. Uma das manifestações mais significativas, acontecidas em Londres contra a COP15 foi acampamento no centro da cidade.

Como o próprio nome do grupo diz, ele faz acampamentos, e tem como foco a insurgência contra as políticas capitalistas do Império, que afetam o bem comum da multidão, a vida no planeta. “Os *Climate Camps* são organizados coletivamente, são não-hierárquicos, e qualquer um é apto a participar no processo de tomada de decisão.”⁶⁸ “Cada acampamento trabalha com quatro temas fundamentais: educação, ação direta, vida sustentável e a construção de um movimento para combater eficazmente as alterações climáticas.”⁶⁹ As pessoas que participam são voluntárias; gente como professores, enfermeiras, doutores, jovens trabalhadores, artistas, estudantes, carpinteiros, encanadores.

O movimento é aberto, descentrado em inúmeros grupos. Como outras resistências atuais não têm líder, não se refere a partidos ou a tipos de organizações tradicionais. Os acampamentos reúnem milhares de pessoas e, mesmo que estejam localizados no Reino Unido, tratam de questões globais, isso é visto em sua aliança com o *Climate Justice Action*.

⁶⁷ Tradução de: “Another international planning meeting will take place in March 2009 where the concepts and strategy for action will be discussed. A Climate Camp will take place on the 11-19th of July. Additionally a mass action will attempt to shut down a Danish power plant in the months before the Summit takes place” (<http://www.indymedia.org.uk/en/2008/12/414376.html>).

⁶⁸ Tradução de: “Climate Camps are collectively organised, non-hierarchical, and everyone is able to participate in the decision-making process.” (<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/08/457296.html>).

⁶⁹ Tradução de “Every Camp for Climate Action event weaves four key themes: education, direct action, sustainable living, and building a movement to effectively tackle climate change [...]” (<http://www.climatecamp.org.uk/about>).

Falamos também um pouco no início do capítulo sobre o *Climate Justice Action*, pois este foi uma das singularidades presentes na COP15 que ajudaram na cobertura no *indymedia DK*. O CJA é rede que reúne inúmeros grupos com demandas, políticas, táticas, posicionamentos diferenciados. Mas esses grupos atuam em comum e lutam por causas comuns:

[...] nós compartilhamos uma preocupação comum sobre as falsas soluções para a crise climática, uma ênfase na justiça climática (... os menos favorecidos em todo o mundo são os mais ameaçados pelos perigos econômicos, sociais e ecológicos das alterações climáticas!), e uma vontade para agir.⁷⁰

A rede é aberta a quem tenha afinidade com seus princípios. Há três grupos brasileiros que fazem parte: FASE, Rede Brasileira Pela Integração dos Povos, Terra de Direitos.

A característica de composição de rede aberta, sem núcleo duro, nós estamos percebendo em inúmeros outros movimentos a partir da análise dos coletivos do *indymedia*. E como veremos, as lutas contra as políticas do Império sobre o clima, diz respeito à rede aberta global, na qual o *indymedia* é singularidade que forma outra rede, também global. Como já foi dito, em outro momento na dissertação, as resistências contemporâneas funcionam mediante coalizões⁷¹ globais (CASTELLS, 2003) como forma de reunir a multidão contra o Império. E importante para o trabalho, também é a constatação de que para isso elas usam a internet (idem, ibidem). Negri e Hardt dizem que não há mais razão em lutar pela soberania nacional, pois o Estado-nação depende dos outros elementos do mapa do Império. Assim, se há o desejo de democracia, essa democracia tem que ser global.

7.2.2 Entremeio: narrativa inaugural

É no dia 23 de novembro de 2009 que é publicado no site do *indymedia* global, na seção principal, o que talvez seja o texto inaugural das manifestações a serem realizadas. Como o fluxo de postagens na parte principal do site deste *indymedia* é reduzido, indica a

⁷⁰ Tradução de “[...] we do share a common concern about false solutions to the climate crisis, an emphasis on climate justice (...the least privileged throughout the world are the most threatened by the economic, social, and ecological dangers of climate change!), and a willingness to take action.” (<http://www.climate-justice-action.org/about/organizations/>).

⁷¹ Seguindo o pensamento de Negri e Hardt, usamos a expressão rede de comunicação e colaboração composta de singularidades no lugar de convergência e coalizão.

importância do acontecimento para a rede. A matéria faz apanhado das ações diretas ocorridas nos meses ou dias anteriores a 23 de novembro, quatro delas ações em diversas partes do mundo em usinas de carvão: em Victoria, Austrália, em setembro, com centenas de pessoas. Na Dinamarca, em 26 de setembro, também com centenas de manifestantes. No Reino Unido duas ações, em outubro, com cerca de mil pessoas. Também diz que aconteceram outras ações em outubro em Bruxelas, no início de novembro em Barcelona, e em 23 de novembro na Austrália.

O texto dá mais informações sobre eventos futuros, programados para antes da COP15: em Genova, e um dia de ação global, coincidindo com o décimo aniversário dos protestos em Seattle, 1999. Por fim, expõe as políticas repressivas criadas pelo Estado Dinamarquês para tentar desencorajar os manifestantes a irem a Copenhague: “[...] extensão de detenção preventiva de 6hrs para 12hrs, aumentando significativamente as multas por infrações de ordem pública [...] e penas para não dispersar quando requisitado pela polícia.”⁷² Também são detalhadas manifestações programadas para os dias seguintes, mas não as exporemos agora.

Nos deteremos em duas questões trazidas pela matéria: contra o que a multidão luta, a quais políticas do Império, e qual é a relação da COP15 com o evento inaugurador das lutas em rede, Seattle. O título do texto já é sugestivo: “COP15 Climate Conference: System Change, Not Climate Change”. Ele expõe que as alterações climáticas, a devastação do bem comum da multidão, diz respeito ao modelo capitalista que, como clamam em muitas matérias, privilegia o lucro e não a vida. “Nós não devemos confiar no mercado [...] não devemos descansar sob falsas soluções.”⁷³

Esse discurso corrente mostra o posicionamento da multidão frente às problemáticas do sistema dominante. Como é dito no CMI-Brasil:

Nem os governos nem as corporações sacrificarão seu crescimento para reduzir as emissões de carbono [...] Só livrando-nos daqueles que dizem nos representar e derrotando a ideologia do crescimento econômico infinito, da produção industrial e de consumo, podemos assumir o controle de nossas vidas e do planeta (<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2009/11/457634.shtml>).

⁷² Tradução de: “[...] including extending preventative detention from 6hrs to 12hrs, significantly increasing fines for public order offences [...] and increasing the penalty for not dispersing when ordered to do so by police.” (<http://www.indymedia.org/or/2009/11/931754.shtml>).

⁷³ Tradução de: “[...] we cannot trust the market with our future [...] we must not rely upon 'false solutions'.” (<http://www.indymedia.org/or/2009/11/931754.shtml>).

Em certos momentos em MundoBraz, Cocco dedicou algumas linhas para relacionar o modelo do crescimento econômico e o aquecimento global:

[...] a crise do conceito de crescimento que o tema geral do ‘aquecimento global’ parece resumir e simbolizar é, na realidade, uma das faces mais evidentes da crise da própria modernidade ocidental, de sua racionalidade instrumental, de seus coeficientes de legitimação social: determinados níveis de emprego e determinados padrões de consumo e, pois, determinados níveis de acumulação (COCCO, 2009, p. 62).

A crise da modernidade, como já vimos, Cocco chama de brasilianização do mundo. Nesta a industrialização moderna, o crescimento econômico leva a empobrecimento que atravessa países tanto do norte quanto do sul. Cocco propõe os conceitos de devir-Brasil do mundo e devir-mundo do Brasil, nos quais as forças de resistência apontam para um tempo do devir, aberto a experimentações, diferente do tempo jogado para o futuro do paradigma do crescimento. Cocco diz que “[...] setores consistentes do movimento ecologista global já defendem, por exemplo, a necessidade de uma radicalização no sentido de substituir os temas do crescimento pelo do ‘decrecimento’.” (COCCO, 2009, p. 77-78).

Assim talvez essas formas de luta desejem a experimentação de tipo de pobreza, outras formas de valoração que superem as significações dominantes de riqueza e pobreza. Além desse desejo de um devir-pobre do mundo, como agenciamento possível com a pobreza, vemos também nos relatos dos coletivos do *indymedia* sobre a COP15 outras relações com a pobreza: os manifestantes lutam em nome do sul, dos pobres, dos afetados pelas políticas que gerem o comum, a vida no planeta, os afetados pela industrialização: “[...] aqueles no sul global que menos contribuíram com o problema agora estão encarando os efeitos.”⁷⁴

Evo Morales, presidente da Bolívia, convidou ativistas, cientistas e representantes de governos para conferência climática após o fracasso da COP15, a Conferência Mundial dos Povos sobre Mudanças Climáticas. Esta aconteceu em Cochabama, na Bolívia, entre 20 e 22 de abril de 2010, e reuniu por volta de 35 mil pessoas de diversos continentes.

O governo boliviano [propôs] quatro grandes idéias: [...] devem ser concedidos direitos que protejam os ecossistemas da aniquilação (a ‘Declaração Universal dos Direitos da Mãe Terra’); que aqueles que violam esses direitos e outros acordos ambientais internacionais devem enfrentar consequências legais (o ‘Tribunal de Justiça Climática’); que os países pobres devem receber formas de compensação para uma crise que eles estão enfrentando, mas que tiveram um pequeno papel na criação (‘Dívida do Clima’); e que deveria haver um mecanismo para pessoas ao

⁷⁴ Tradução de: “Those in the global south who have contributed least to the problem are now facing the effects.” (<http://www.indymedia.org/pt/2009/11/931754.shtml>).

redor do mundo expressar seus pontos de vista sobre estes temas (‘Referendo Global dos Povos sobre Mudança do Clima’).⁷⁵ (KLEIN, 2010).

As propostas se contrapõem as políticas imperiais. Segundo Klein (2010), na melhor das hipóteses estas políticas aumentariam a temperatura média global em 2 graus Celsius. Isso afetaria as geleiras dos Andes e do Himalaia, ou seja, segundo Morales, “o povo boliviano, não importa o quão sustentável escolha viver, não têm poder para salvar suas geleiras.”⁷⁶ (KLEIN, 2010). Também o documento final da Conferência diz que:

Entre 20% e 30% das espécies estariam em perigo de desaparecer. Grandes extensões de floresta seriam afetadas, secas e inundações afetariam diversas regiões do planeta, os desertos se ampliariam [...] Estados insulares desapareceriam e a África sofreria um aumento de temperatura superior a 3 ° C. Da mesma forma, a produção de alimentos se reduziria no mundo, com efeitos catastróficos para a sobrevivência dos habitantes de vastas regiões do planeta, e aumentaria drasticamente o número de famintos no mundo, que já ultrapassa a cifra de 1.020 milhões pessoas.⁷⁷ (CMPCC⁷⁸, 2010).

Seguindo as considerações feitas pelos ativistas em Copenhague, como também as de Cocco, o documento diz que o que está no centro das discussões é o capitalismo, o paradigma de crescimento destrutivo e ilimitado, a lógica de dominação da natureza, a lógica do lucro que torna o comum – natural, imaterial – em mercadoria. Frente a isso o documento mostra o desejo de produzir outros sistemas que permitam relações diferenciais com o comum.

O outro ponto importante tratado na matéria do site do *indymedia* global se refere às relações entre as lutas na COP15 e as batalhas de Seattle, simbolizadas pelo Dia de Ação Global que coincidiu com o aniversário daquelas lutas da multidão, que impediram o encontro da OMC. Pouco tempo antes do início da COP15, que na verdade como estamos vendo

⁷⁵ Tradução de: “The Bolivian government [propose] four big ideas: [...] should be granted rights that protect ecosystems from annihilation (a ‘Universal Declaration of Mother Earth Rights’); that those who violate those rights and other international environmental agreements should face legal consequences (a ‘Climate Justice Tribunal’); that poor countries should receive various forms of compensation for a crisis they are facing but had little role in creating (‘Climate Debt’); and that there should be a mechanism for people around the world to express their views on these topics (‘World People’s Referendum on Climate Change’).”

⁷⁶ Tradução de: “The Bolivian people, no matter how sustainably they choose to live, have no power to save their glaciers.”

⁷⁷ Tradução de “Entre un 20% y un 30% de las especies estaría en peligro de desaparecer. Grandes extensiones de bosques serían afectadas, las sequías e inundaciones afectarían diferentes regiones del planeta, se extenderían los desiertos y [...] Muchos Estados insulares desaparecerían y el África sufriría un incremento de la temperatura de más de 3° C. Así mismo, se reduciría la producción de alimentos en el mundo con efectos catastróficos para la supervivencia de los habitantes de vastas regiones del planeta, y se incrementaría de forma dramática el número de hambrientos en el mundo, que ya sobrepasa la cifra de 1.020 millones de personas.” (<http://www.enlace.org.br/dossies/conferencia-mundial-dos-povos-sobre-mudanca-climatica-cochabamba-bolivia/acordo-dos-povos/>).

⁷⁸ Conferencia Mundial de los Pueblos sobre el Cambio Climático y los Derechos de la Madre Tierra

começou para os ativistas bem antes de dezembro de 2009, Klein⁷⁹ escreveu texto fazendo relações entre os dois acontecimentos. Este foi traduzido e publicado no CMI-Brasil (<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2009/12/459742.shtml>).

Klein diz que as lutas pelo clima e Seattle concernem a um mesmo movimento, no entanto as lutas que se seguiram conjuntamente a COP15 indicam o amadurecimento do movimento. Ela também mapeia características de ambos que fazem parte da definição do conceito de multidão:

Há, certamente, uma qualidade de Seattle nas mobilizações de Copenhague: a gama de grupos que estarão lá; as táticas diversas que serão mostradas; e os governos dos países em desenvolvimento [mais conhecidos como subdesenvolvidos] prontos a trazer as demandas dos ativistas ao encontro (KLEIN, 2009).

Assim vemos em Klein se afirmar a constatação de Negri e Hardt sobre a multiplicidade de singularidades que agem em comum, típicas da produção contemporânea e das resistências, a constituição da multidão. Não poderíamos referir esses acontecimentos ao povo, que como vimos é uno, tem uma vontade única, é assim representado. Muito menos poderíamos falar em massa ou plebe, que são representadas como um aglomerado irracional, passivo, violento.

A multidão, como potência de acontecimentos como Seattle e a COP15, “[...] é um ator social ativo [...]. em contraste às massas e à plebe, podemos vê-la como algo organizado [...] é um ator ativo de auto-organização.” (NEGRI, 2003, p. 166). E também não poderíamos falar em um agente político moderno como a classe operária e sua luta contra o tipo de exploração moderna. Como diz Lazzarato (2006, p. 67): “as classes operam a redução da multiplicidade a dualismos e a um todo coletivo que totaliza, que uniformiza as singularidades irreduzíveis.”

Cocco em MundoBraz não trabalha com o conceito de multidão, aliás, a expressão multidão aparece em um ou dois momentos do livro, no entanto, o conceito é tratado pelo autor em textos curtos. Em rápida entrevista, ele fala sobre o fazer multidão, que seria “[...] o desafio de juntar a organização da luta com aquela da organização da produção.” (COCCO, 2008). A organização da multidão que Cocco se refere, e também Negri e Hardt, vemos nas preparações para os acontecimentos, e, como veremos, na produção de ações diretas heterogêneas que não tenderam ao caos (aliás, o caos foi encabeçado pela massa policial, com sua violência legitimada). A organização da multidão é também percebida no agenciamento

⁷⁹ Naomi Klein é ativista e teórica dos movimentos por outra globalização.

entre ação direta e *indymedia*. Aliás, um de nossos objetivos é mapear como singularidades diferenciadas agiram conjuntamente, o agenciamento citado, para expor ao mundo o acontecimento do ponto de vista da multidão, o que a grande mídia não faz e não quer fazer.

Em texto no site do *Climate Justice Action* é exposta outra característica que aparece nos relatos, a superação da denúncia, a proposta de alternativas, soluções que são negadas pelo Império.

Algumas soluções chave para a mudança climática incluem: reduzir drasticamente as emissões sem recorrer ao comércio de carbono e de compensação ou outras falsas soluções como a energia nuclear, agrocombustíveis, ou ‘carvão limpo’, ao mesmo tempo proteger os direitos das pessoas afetadas pela transição; manter combustíveis fósseis no subsolo; re-localização da produção e do consumo, priorizando os mercados locais e as economias de cooperação; [...] acabar com o desmatamento e suas causas subjacentes, a imposição de sanções internacionais e as tarifas de madeira, juntamente com um enorme esforço de restauração florestal, manejada pelos povos indígenas que habitam a floresta; acabar com o consumo excessivo do Norte e pelas elites do Sul; reembolso de dívidas ecológicas devidas pelos governos do Norte [...]⁸⁰

A falta de projeto da multidão, para Klein, marcou os primeiros movimentos por outra globalização, nos quais o que predominou foi “[...] uma grande lista de queixas e poucas alternativas concretas” (KLEIN, 2009). E segundo ela, em Copenhagen, o momento de amadurecimento do movimento “[...] agita uma narrativa coerente sobre suas causas, e curas, que incorporam virtualmente cada questão no planeta.” (KLEIN, 2009).

7.2.3 Acontecimentos principais

Foram criadas políticas repressivas especiais para receber os manifestantes. Eles tiveram relação direta com a polícia, não com os líderes do Império, ou seja, o que receberam foram agressões, prisões, e não atenção às suas demandas. Em tradução da Agência de Notícias Anarquistas (ANA) no *indymedia* de Portugal é dito:

⁸⁰ Tradução de: “Some key solutions to climate change include: Drastically reducing emissions without resorting to carbon trading and offsetting or other false solutions such as nuclear energy, agrofuels, or ‘clean coal’, while protecting the rights of those affected by the transition; keeping fossil fuels in the ground; re-localization of production and consumption, prioritizing local markets and cooperative economies; [...] ending deforestation and its underlying causes, imposing international sanctions and wood tariffs, coupled with a massive forest restoration effort, managed primarily by indigenous forest-dwelling peoples; ending excessive consumption in the North and by elites in the South; repayment of ecological debts owed by northern governments [...]” (<http://www.climate-justice-action.org/news/2009/09/17/n30-climate-day-of-action/>).

Se a polícia considerar que os manifestantes têm perturbado o bom andamento do seu trabalho, poderá prendê-los por até 40 dias, após a decisão de um promotor de justiça. Também multas por atos de desobediência civil (agrupamentos após a dispersão de uma manifestação, por exemplo) aumentaram drasticamente. Podia chegar a 403 €, agora pode chegar a € 603.
(<http://pt.indymedia.org/conteudo/newswire/126>).

Também aqueles que pretendiam ir a Copenhague deveriam se preparar para a possibilidade de ser rejeitada sua entrada. Temos aqui um grupo brasileiro – a ANA – que faz traduções sobre questões de movimentos anarquistas, e que colabora com frequência principalmente com o CMI-Brasil, publicar texto no coletivo de Portugal sobre a repressão na Dinamarca.

Em quatro de dezembro é publicado texto no *indymedia* de Londres (<https://london.indymedia.org.uk/articles/3268>) que trata de duas manifestações na cidade. Um delas, a Onda, reuniu mais de 50 mil pessoas. A Onda foi organizada pelo *Stop Climate Chaos Coalition*⁸¹. A intenção era fazer com que o governo da Inglaterra tomasse ações eficazes sobre as mudanças climáticas na COP15. A manifestação surtiu efeito, pois o primeiro ministro Gordon Brown convidou 24 membros para reunião com o objetivo de ouvi-los. Após a manifestação, um *Climate Camp* foi montado no centro da cidade, no Trafalgar Square.

O local do acampamento fora mantido em segredo até o último minuto, quando foi comunicado ao público através do Twitter. De início campistas foram orientados a se reunirem em Jubilee Gardens. Uma hora depois, lhes foi dito para irem para Trafalgar Square. A infra-estrutura do acampamento foi rapidamente estabelecida nas primeiras horas, com tendas, banheiros, uma cozinha e entre outras coisas necessárias para uma ocupação bem sucedida. [...] Camp for Climate Action planeja ocupar Trafalgar Square por 48 horas. Palestras e oficinas serão realizadas durante o dia buscando educar e inspirar participantes a agir durante a COP15.⁸²

No site do *Climate Camp* (<http://climatecamp.org.uk/actions/copenhagen-2009/cop15-out>) é dito que o acampamento era planejado para acontecer durante 24 horas, mas foi

⁸¹ “O maior grupo britânico de pessoas dedicadas a ações sobre a mudança climática e a limitar seu impacto sobre as comunidades mais pobres do mundo. Nossa base de adeptos de mais de 11 milhões de pessoas abrange mais de 100 organizações [...]”. Tradução de: “The UK’s largest group of people dedicated to action on climate change and limiting its impact on the world’s poorest communities. Our combined supporter base of more than 11 million people spans over 100 organisations [...]” (<http://www.stopclimatechaos.org/about>).

⁸² Tradução de: “The camp location was kept secret until the last minute, when it was communicated to the public via text and twitter. Initially campers were told to gather in Jubilee Gardens. An hour later, the 200 climate campers that had gathered there were told to move to Trafalgar Square. The camp infrastructure was quickly established within the first hours, with marquees, toilets, a kitchen and other amenities necessary for a successful occupation. [...] Camp for Climate Action plan to occupy Trafalgar Square for 48 hours. Talks and

decidido que os *Climate Campers* permaneceriam no local durante toda a conferência em Copenhague.

O Camp vai manter o espaço para toda a conferência, re-apropriando um dos mais movimentados locais do mundo para pressionar por soluções válidas para as alterações climáticas. Então, se você não vai para Copenhague, este é o lugar que você precisa estar. Traga sua barraca, roupas quentes e idéias para a ação!⁸³

O *Stop Climate Chaos Coalition* e o *Climate Camp* possuem sites com espaço para notícias, arquivos sobre suas ações diretas e documentos relacionados às suas diretrizes e posicionamentos sobre as questões que estão envolvidos. O *indymedia* serve assim como singularidade, na qual essas outras singularidades já midiaticizadas convergem, formando rede de colaboração e comunicação. A relação com as mídias também se dá, como visto na penúltima citação, pelo uso do *twitter* como meio de comunicação e organização.

Outro texto publicado no *indymedia* de Londres (http://london.indymedia.org/action_timelines/4) faz relato cronológico que inicia na manifestação da Onda e culmina no *Climate Camp*. São 35 micro-relatos descrevendo o desenrolar dos acontecimentos: os tipos de ação direta, muitas vezes carnavalizados; as palavras de ordem contra as políticas do clima; a diversidade de grupos, os blocos de bicicletas e anticapitalistas; como também o número de pessoas na manifestação que começava a subir chegando aos 50 mil, a presença tímida da polícia, o cerco ao parlamento; e por fim, a montagem do acampamento até a sua manutenção.

No dia 9 de dezembro é publicada matéria pelo grupo *COP15 reporting*; nesta são expostas as repressões sofridas em Copenhague ainda nos dias anteriores às manifestações mais significativas. Com o título “outra operação policial sobre manifestantes” (<http://indymedia.dk/articles/1450>), o texto fala da invasão de prédio onde estavam ativistas. Centenas de policiais tomaram o local de madrugada e se apoderaram de documentos e outros materiais que seriam utilizados na organização das manifestações, além de objetos para autodefesa. Segundo a matéria foi a segunda repressão do tipo. A primeira aconteceu no dia 4 de dezembro, na qual foram feitas detenções e ativistas foram algemados.

work shops will be held during the day looking to educate and inspire attendees to take action during the COP15 talks [...]” (<https://london.indymedia.org.uk/articles/3268>).

⁸³ Tradução de: “The Camp will hold the space for the entire conference, reclaiming one of the busiest locations in the world to push for genuine solutions to climate change. So, if you're not off to Copenhagen then this is the place you need to be. Bring your tent, warm clothes, and ideas for action (<http://climatecamp.org.uk/actions/copenhagen-2009/cop15-out>).

Dia 9 de dezembro também é publicada outra tradução da ANA no site do *indymedia* de Portugal sobre manifestações de ação direta. Um carro de brinquedo foi enterrado na comunidade de Christiania. É anunciado que no mesmo local aconteceria “uma cerimônia fúnebre todos os dias como parte de um evento alternativo às mudanças climáticas paralelo à conferência do clima das Nações Unidas.” (<http://pt.indymedia.org/conteudo/newswire/140>).

Christiania é uma comunidade livre, inspirada no anarquismo, e conta com milhares de moradores. Lá não tem prefeito, não tem eleição e funciona sem governo, sem imposição de leis que controlem a organização social, tudo é decidido por consenso. Christiania foi criada em 1971, e desde então resiste às investidas das autoridades para desocupar a área. Eles se definem como uma comunidade ecologicamente orientada, considerada por muitos como vanguarda no movimento ambiental, não tem carro e o lixo é 100% coletado e reciclado, os banheiros são ecológicos, usam energia solar, entre outras iniciativas ‘verdes’; conta com uma economia discreta e muita autogestão, sem hierarquia estabelecida e o máximo de liberdade e poder para o indivíduo. Mais info: <http://www.christiania.org/>. (<http://pt.indymedia.org/conteudo/newswire/140>).

O local foi palco de inúmeras manifestações e confrontos com a polícia ao longo dos dias de manifestações. Também no texto é citado grupo que timidamente fez parte da cobertura na seção grupos do *indymedia DK*, o “Socialismo Libertário”. Este é dinamarquês e em sua seção é exposta apenas uma notícia, publicada na língua nativa, por isso não demos mais atenção a ele. No texto da ANA é dito que o “Socialismo libertário”⁸⁴ estava lançando chamado para ser criado um “bloco Socialista Libertário do Clima na grande marcha do dia 12 de dezembro” (<http://pt.indymedia.org/conteudo/newswire/140>), reunindo inúmeros grupos. Também são relatados dados importantes sobre a repressão: a segurança no evento “[...] é encarada como a maior operação do gênero desde a II Guerra Mundial naquele país.” (<http://pt.indymedia.org/conteudo/newswire/140>).

Ainda no dia 9 de dezembro, matéria (<http://indymedia.dk/articles/1445>) no *indymedia DK* do *COP15 Reporting* fala do centro montado pelo *indymedia* em Copenhagen, que tinha área para as pessoas publicarem suas notícias. O centro reuniu muitos sujeitos e grupos de inúmeros países. Também no texto foi feito pedido: “Nós ainda precisamos de pessoas para ajudar, com qualquer coisa [...]”⁸⁵

No dia 11 de dezembro matéria apresenta manifestação contra as corporações que fizeram parte das negociações na COP15 (<http://indymedia.dk/articles/1500>), “*Our Climate! Not Your Business*”. Estas tentam tornar o salvamento do ambiente em oportunidade de negócios. Como Hardt havia dito, a COP15 também foi um evento corporativo. Na ação,

⁸⁴ Link do site do grupo: <http://libsoc.dk/>.

foram registradas 60 prisões, 11 do grupo de médicos que dava assistência aos ativistas. Como vimos, esse grupo fazia parte da cobertura no *indymedia DK*, o *Copenhagen Activist Trauma Support*.

Em 12 de dezembro é publicado no *indymedia DK* pelo grupo *COP15 reporting* texto sobre demonstração, no mesmo dia, em Copenhague, que reuniu mais de 100 mil pessoas. Esta foi parte do *Global Day Of Action*, que acontece desde 2005 e coincide com a conferência anual sobre as mudanças climáticas das Nações Unidas. As manifestações como o próprio nome diz são globais.

[O global Day] incluiu um número considerável de países vizinhos do Norte da Europa Ocidental em muitos dos quais as demonstrações nacionais tinham sido programada para 05 de dezembro, uma semana antes, de modo a permitir que as pessoas pudessem se concentrar exclusivamente na construção da grande demonstração de Copenhague, no dia 12.⁸⁶

Alguns números sobre os protestos do *Global Day* em inúmeros países: em Bruxelas 15.000; 8.000 em Glasgow, na Escócia; 2.000 pessoas em Paris; 100 mil pessoas na Austrália, só em Melbourne 40.000; na Holanda 10.000; Madrid e Nova Deli 5.000. Também aconteceram demonstrações em Dublin, Belfast, Irlanda do Norte, Berlim, regiões da Alemanha, Estocolmo e Suécia, Nepal, Bangladesh e África do Sul.

No entanto com o envolvimento ativo este ano de uma nova coalizão internacional de ONGs – como a Campanha Global para a Ação Climática, e a recém-formada organização ‘350’ – houve um grande número de ações menores (talvez 3.000?) em quase todos os países do mundo.⁸⁷

O manifesto em Copenhague foi seguido de repressão massiva. Mais de mil pessoas foram presas e mantidas em condições desumanas, algemadas por mais de 8 horas no meio das ruas.

Importante também na cobertura dos eventos pela rede *indymedia* é comunicado do *Black Bloc* que fala sobre sua participação no *Global Day*, além de expor o posicionamento desse tipo de ação sobre as lutas pelo clima. O texto foi publicado no dia 28 de dezembro no

⁸⁵ Tradução de: “We still need people to help out, with anything.” (<http://indymedia.dk/articles/1445>).

⁸⁶ Tradução de: “This included substantial numbers from nearby countries of North West Europe in many of which the ‘national’ demonstration had been timed for 5th December, a week earlier, so as to allow people to concentrate purely on building the big Copenhagen demo on the 12th.” (<http://www.globalclimatecampaign.org/index.php?cmd=Main.ShowPage&name=Archive&lang=en>).

⁸⁷ Tradução de: “Meanwhile with the active involvement this year of a new international coalition of NGOs - the ‘Global Campaign for Climate Action’, and the newly formed ‘350’ organization – there was a vast number of smaller actions (maybe 3.000?) in just about every country of the world.” (<http://www.globalclimatecampaign.org/index.php?cmd=Main.ShowPage&name=Archive&lang=en>).

indymedia UK, e estava em nome de “uma parte do *Black Bloc*.” (<http://www.indymedia.org.uk/en/2009/12/444019.html>).

No comunicado é dito que parece haver mesma lógica entre representantes do governo, ONGs que controlaram a marcha e até os ativistas ecológicos mais radicais. Todos estes apresentam mesmo discurso: nós estamos salvando o mundo. “Quem não ia querer lutar para isso? E mesmo se você não, você tem mesmo uma escolha?”⁸⁸. O texto também pergunta se as negociações da COP15 e mesmo os protestos, não são uma operação de pacificação. E finaliza com duras críticas às duas cenas que formaram o mapa da COP15: as ruas e as negociações legitimadas.

Do coração do Bella Center aos mais apaixonados dos ativistas, além de todas as diferenças de tonalidade, pode-se ouvir o [...] chamado para submeter-se. Sacrificar tudo o que faz a vida valer a pena em nome da própria vida. Encerrar o presente e salvar o futuro. Para controlar nossos desejos, e acima de tudo, para não perturbar o delicado equilíbrio. Ecologia pressupõe a mesma concepção de existência que caracteriza a polícia: o perigo está em toda parte, e, antes de tudo, em nós mesmos. Quando o sucesso desta conferência depende da participação da população em cada centro da cidade, onde você acha que devemos ir? E se a polícia, em todas as suas formas, é a essência da nova política global, o que você acha que deve fazer?⁸⁹

Não podemos dizer que este texto representa o posicionamento do *Black Bloc*, pois ele não é um movimento, e assim não é representável. O texto é importante, pois traz ponto de vista diferencial em relação aos discursos que estamos vendo sobre as questões climáticas. O discurso radical se alia a práticas radicais que pregam a violência, o que é negado por grupos como *Climate Justice Action*.

Após os Dias de Ação Global (os manifestos que começaram em Seattle, 1999) foi lançado, no Brasil, livro (LUDD, 2002) com textos de grupos que fizeram parte dessas ações por outra globalização, como o *Reclaim The Streets*⁹⁰ e sujeitos que participaram do *Black Bloc*. Na introdução do livro é feita apologia à tática do *Black Bloc* que é resposta às ações

⁸⁸ Tradução de: “Who would not want to fight for this? And even if you did not, do you even have a choice?” (<http://www.indymedia.org.uk/en/2009/12/444019.html>)

⁸⁹ Tradução de: “From the heart of the Bella Centre to the most passionate of activists, beyond all differences in tone, one can hear the [...] call to submit yourself. To sacrifice everything that makes life worth living in the name of life itself. To adjourn the present to save the future. To control our desires, and most of all, to not disturb the delicate equilibrium. Ecology presupposes the same conception of existence that characterizes the police: danger is everywhere, and first of all, in ourselves. When the success of this summit depends on the participation of the population in every city centre, where do you think we should go? And if police, in all its forms, is the new essence of global politics, what do you think we should do?” <http://www.indymedia.org.uk/en/2009/12/444019.html>

⁹⁰ Coletivo inglês que toma as ruas em carnavais contra o capitalismo e foi uma das singularidades mais importantes no primeiro ciclo de lutas contra o Império. Parece que não há mais interesse pelo *Reclaim The Streets* na luta contra o capitalismo através da ação direta nas reuniões dos líderes da ordem mundial, mas continua organizando suas festas. O último encontro do RTS foi em Londres em um squat.

dos representantes do Império. Estas últimas sim são violentas, como estamos vendo com a repressão em peso em Copenhagen, e as políticas que foram criadas para impedir a manifestação política. Infelizmente, encontramos apenas esse texto sobre o *Black Bloc* na rede *indymedia*, o que demonstra sua marginalização.

No dia 13 foi programada outra manifestação, *Hit The Production*. No mesmo dia é publicado no *Indymedia Dk* chamado para a manifestação e seu objetivo: atingir a produção capitalista e seu sistema de transportes. O alvo em Copenhagen era o seu porto. No site do *Hit The Production* (<http://http.noblogs.org/>), que infelizmente não traz detalhes sobre o tipo de resistência, é dito que o conglomerado naval da Dinamarca emite, significativamente, gases que afetam o meio ambiente; mas a demonstração tinha também objetivos mais amplos: “Temos de mostrar que a organização da produção em nossas sociedades é a causa das alterações climáticas e deve ser mudada. Apelamos às pessoas para tomarem medidas semelhantes em todo o mundo, interrompendo o sistema por um dia.”⁹¹. Em texto feito pelo *Cop 15 Reporting* (<http://indymedia.dk/articles/1601>), há detalhes sobre a manifestação: a hora em que os ativistas se direcionaram para o porto, às 12:40. Os dizeres dos cartazes: “é nosso planeta, não seu negócio”; as prisões em massa de 257 pessoas.

No mesmo texto, é exposta outra ação, também do dia 13, feita pela Via Campesina⁹², a *Farmers Action*. Esta foi pacífica, mas a polícia a impediu de chegar perto das imediações do local onde se realizava a conferência. Segundo texto da Via campesina no *Indymedia DK* (<http://indymedia.dk/articles/1329>), a agricultura sustentável tem o poder de diminuir o aquecimento global, por usar menos energia na produção. A produção local pode sustentar áreas próximas, não havendo a necessidade de transporte (considerando que os transportes usados são prejudiciais ao meio ambiente). Ou seja, critica a agricultura dominante, industrial, que é uma das causadoras do aquecimento global.

⁹¹ Tradução de: “We must show that the organisation of production in our societies is the root cause of climate change and must be changed. We call on people to take similar action all over the world, interrupting the system's 'business as usual' for a day.” (<http://indymedia.dk/events/1358>).

⁹² “A Via Campesina é um movimento internacional de camponeses, pequenos e médios produtores, mulheres rurais, povos indígenas, sem-terras, jovens rurais e trabalhadores agrícolas. Defendemos os valores e interesses fundamentais dos nossos membros. Nós somos um movimento autônomo, pluralista, multicultural, independente de qualquer filiação política, econômica ou não. As 148 organizações que formam a Via Campesina são de 69 países da Ásia, África, Europa e Américas.” Tradução de: “La Vía Campesina es un movimiento internacional de campesinos y campesinas, pequeños y medianos productores, mujeres rurales, indígenas, gente sin tierra, jóvenes rurales y trabajadores agrícolas. Defendemos los valores y los intereses básicos de nuestros miembros. Somos un movimiento autónomo, plural, multicultural, independiente, sin ninguna afiliación política, económica o de otro tipo. Las 148 organizaciones que forman la Vía Campesina vienen de 69 países de Asia, África, Europa y el continente Americano.” (http://viacampesina.org/sp/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=27&Itemid=44).

Dia 14 matéria (<https://publish.indymedia.dk/articles/1527>) faz chamado para outra manifestação: *No Borders, No Climate Refugees*. No texto é exposto que a guerra, as políticas econômicas, tanto quanto, as mudanças climáticas são as causas “da migração em massa, ainda mais das regiões pobres da terra, em uma escala que nunca vimos.”⁹³ Outro texto publicado em fevereiro de 2010, no *indymedia UK*, fala mais um pouco sobre a ação: “A manifestação teve como objetivo destacar a complexidade das questões que envolvem a migração e as alterações climáticas”⁹⁴, agir em solidariedade com os migrantes.

Como já vimos ao longo da dissertação, Negri e Hardt dão atenção às migrações. Segundo os autores, os migrantes fogem das guerras, da pobreza, e como estamos vendo, das mudanças climáticas que afetam os países pobres do sul. Também o deslocamento é imposto pela transferência de indústrias a certas regiões do globo. Este é o lado negativo da migração. Seu lado positivo é sua biopolítica, que diz respeito aos sonhos, desejos, buscas de vidas diferenciadas. Podemos dizer que as guerras, a criação da pobreza, o aquecimento global, impõem forma ao mundo, o biopoder; mas os migrantes dão forma ao mundo em seu movimento, trazendo sua riqueza.

No dia 15 é feito chamado para a ação *Day of Action on Agriculture* (<https://publish.indymedia.dk/events/1356>) assinado por inúmeras organizações como: “GAPS (Gardening And Permaculture Society Manchester) (UK), La Via Campesina (International), Nandu Arbeitsgruppe Klima (Germany), NOAH (Denmark), Reclaim the Fields (International)” (<https://publish.indymedia.dk/events/1356>). No chamado, são expostas mais teorias dos ativistas sobre a relação entre agricultura industrial e as mudanças climáticas. A monocultura – os desertos verdes criados no sul – tira camponeses de suas terras e devasta florestas; nas fazendas-fábricas da Europa os animais produzem metano. Diante disso é proposta a produção em pequena escala para consumo local, que, além de usar menos energia como vimos, mantém o carbono no solo e aumenta a biodiversidade.

Falamos anteriormente sobre comunidade descentralizada em Copenhague, o Christiania. No *indymedia UK* texto (<http://www.indymedia.org.uk/en/2009/12/443232.html>) convidava os ativistas que estavam em Copenhague a irem ao local, pois nele haveria centros nos quais eles poderiam se organizar. Uma base do *Activist Trauma Support* também havia sido montada lá. Ainda em 15 de dezembro é publicada matéria (<https://publish.indymedia.dk/articles/1772>) no *indymedia DK*, pelo *COP15 reporting*, sobre

⁹³ Tradução de: “Major cause of further mass migration from the poorest regions of the earth, on a scale we have never seen.” (<https://publish.indymedia.dk/articles/1527>).

forte repressão no Christiania. Em festa na comunidade, na qual participava a ativista-téorica Naomi Klein, a polícia invadiu o local e fez inúmeras detenções. Os ativistas confrontaram a polícia que “usou gás lacrimogênio, canhões d’água, cachorros e bombas” para os dispersar. As detenções giraram em torno de 200 e a base do *Activist Trauma Support* foi vandalizada pelos policiais.

No mesmo dia é publicada no *Indymedia DK* cobertura minuto-a-minuto (<https://publish.indymedia.dk/articles/1775>) da agressão policial em Christiania. O texto era assinado por “*La Haine*” (<http://www.lahaine.org/index.php>), portal de notícias em língua espanhola que trata das resistências globais, com especial atenção à Espanha e à América Latina. O *La Haine* fez cobertura rica dos acontecimentos em Copenhagen. Boa parte de seu material era traduções para o espanhol de notícias, mas isso demonstra a difusão do acontecimento, seu interesse global, e principalmente a expansão da rede que narra o acontecimento, o agenciamento com o *indymedia*, o jornalismo de multidão se materializando.

No texto do *La Haine* é dito que a imprensa corporativa informou que houve, de início, agressões por parte de ativistas, com a intenção de justificar o abuso de poder da polícia. Também expõe que a polícia entrou no Christiania de forma violenta, com unidade de cães, e começou a deter pessoas, revistar, etc. Fala da remoção dos presos – entre eles três repórteres dos *indymedia*. Por fim, a polícia ameaçou de prisão mesmo pessoas que estavam se divertindo nos bares da região, que foi assim sitiada.

A produção autônoma de informação, dos próprios relatos, se aliar aos fatos, a quem está nas ruas, ou mais, estando nas ruas ter a possibilidade de produzir sua própria verdade, tudo isso é importante, pois é resistência à mídia hegemônica. Esses canais de informação, desde baixo, tomam para si o papel da mídia corporativa que é representante do poder e distorce as lutas da multidão, as marginalizando. O jornalismo assim é mecanismo eficaz e necessário para a multidão. Como estamos vendo, relatos não faltaram, e a rede de textos se expande cada vez mais.

Estamos desenhando o mapa da colaboração, do fazer multidão pelas singularidades que lutaram na COP15 e, ao mesmo tempo, o mapa da mídia feita por ela. Assim nosso recorte, do jornalismo experimentado pela multidão, não se limita ao *indymedia*, aliás, não teria como se limitar a ele por seu próprio funcionamento. Também por isso, pela abertura da rede, encontramos algumas dificuldades: não podemos atribuir matérias a determinados

⁹⁴ Tradução de “The demonstration aimed to highlight the complexity of issues surrounding migration and climate change.” (<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/07/454798.html>).

coletivos, pois elas circulam pela rede; como também matérias circulam vindas de outros meios. O *indymedia* é importante, por seu porte, renome, por fazer convergir inúmeros fluxos. Como já vimos: ele é a espinha dorsal midiática dos movimentos por outra globalização, e, no Brasil, o maior site de resistência do país.

No dia 16 de dezembro aconteceu outra manifestação em massa expressiva, o *Reclaim Power!*. A manifestação foi organizada pelo *Climate Justice Action*, e o chamado foi feito no site do *Camp For Climate*, que faz parte do *Climate Justice*. O *Reclaim Power!* tinha como objetivo principal entrar no centro de convenções, onde eram realizadas as negociações sobre o clima pelos representantes do Império. No chamado era dito:

No dia 16 de dezembro, no início da fase ‘ministerial’ da conferência de duas semanas, nós, os movimentos por justiça global, assumiremos a conferência por um dia e a transformaremos em uma Cúpula dos Povos por Justiça Climática. Usando apenas a força de nossos corpos para alcançar nosso objetivo, nossa marcha Reclaim Power! vai se impor na área de conferência e entrar no prédio, interrompendo as sessões para falar sobre a nossa agenda, uma agenda de baixo, uma agenda de justiça climática, de soluções reais. Nossa ação é de desobediência civil: vamos superar todas as barreiras físicas que parem em nosso caminho - mas não vamos responder com violência aos possíveis ataques da polícia.⁹⁵

O texto faz relação com os Dias de Ação Global, principalmente Seattle, e diz que o slogan dos primeiros manifestos globais contra o Império “um outro mundo é possível” era a ordem do dia; esse novo mundo frente às mudanças climáticas é mais que necessário. Vemos novamente também a formação de rede de singularidades diferenciadas com demandas próprias, mas que atuam em comum por pisarem no mesmo solo, por viverem em mesmo planeta em crise, não apenas natural:

Nós somos os povos indígenas e agricultores, trabalhadores e ambientalistas, feministas e anticapitalistas. Agora, nossas diversas lutas por justiça social e ecológica estão encontrando terreno comum na luta pela justiça climática, e em nosso desejo de recuperar o poder sobre o nosso próprio futuro.⁹⁶

⁹⁵ Tradução de: “On the 16th of December, at the start of the high-level ‘ministerial’ phase of the two-week summit, we, the movements for global justice, will take over the conference for one day and transform it into a People’s Summit for Climate Justice. Using only the force of our bodies to achieve our goal, our Reclaim Power! march will push into the conference area and enter the building, disrupt the sessions and use the space to talk about our agenda, an agenda from below, an agenda of climate justice, of real solutions against their false ones. Our action is one of civil disobedience: we will overcome any physical barriers that stand in our way – but we will not respond with violence if the police try to escalate the situation.” (<http://climatecamp.org.uk/actions/copenhagen-2009>).

⁹⁶ Tradução de: “We are indigenous peoples and farmers, workers and environmentalists, feminists and anticapitalists. Now, our diverse struggles for social and ecological justice are finding common ground in the struggle for climate justice, and in our desire to reclaim power over our own future.” (<http://climatecamp.org.uk/actions/copenhagen-2009>).

A ação reuniu milhares de pessoas que tentaram se aproximar do Bella Center a partir de pontos diferentes. Ela foi formada por blocos: bloco verde, azul (com mais de mil pessoas), e um *bike bloc*. Não conseguindo entrar no centro de conferência, foi realizada assembleia do lado de fora do Bella Center. Também foi feita ação inusitada, grupo de ativistas tentou entrar no centro com um raft. Todos os blocos enfrentaram repressão pesada por parte da polícia. Os números das prisões giraram em torno de 200. Em texto do *indymedia dk* é exposto com detalhes a repressão policial:

O Reclaim Power! Day começou cedo para ativistas e policiais. As 6:50 seis vans policiais já estavam procurando pessoas que deixavam um local de acomodação. A polícia também procurava pessoas em outros pontos da cidade [como Tarnby station], e prenderam 3 pessoas em Norreport station, além de parar veículos e transportes públicos nas pontes de Copenhagen, próximo ao ponto de encontro para o início da ação.

[...]

O ponto de encontro do Bloco verde foi em uma estação, onde entre 50 e 100 pessoas reunidas foram cercadas pela polícia e algumas presas – a polícia usou cassetetes e spray de pimenta. Alguns ativistas ficaram livres e foram ao encontro dos outros blocos.

[...]

Por volta de 10:00 o Blue Bloc começou a marchar rumo ao Bella Center [...]. A marcha que reuniu entre 1000 a 3000 pessoas foi feita sob pesada presença policial[...] Meia hora depois eles formaram correntes em torno do bloco e resistiram com sucesso a tentativa da polícia de dividir o bloco, embora a polícia tenha conseguido prender algumas pessoas de fora do grupo principal. Ao mesmo tempo, grupos de 50-100 pessoas do Green Bloc abriram caminho para o Bella Centre, e estranhamente se refugiaram dentro de centro comercial onde foram presos em massa. Entre 30-60 detenções aconteceram do lado de fora. Cerca de 5 médicos foram presos enquanto ajudavam pessoas do Green Bloc

[...]

Enquanto isso, o Bike Bloc, que tinha sido objeto de um ataque no dia anterior, testemunhou 17 prisões. A partir de então foi cercado por viaturas policiais [...] O Blue Bloc atravessou o gramado do Bella Center, e quando passava a linha da polícia, oficiais colocaram seus capacetes e usaram cassetetes e spray de pimenta para mantê-lo fora. Por volta das 11:45, a polícia atacou o caminhão do Blue Bloc [...] e prendeu 2 ativistas do CJA. O Blue Bloc foi impedido de se juntar as pessoas de dentro da COP15.

Por volta do meio-dia, alguns ativistas conseguiram construir uma ponte inflável e entraram no Bella Centre, apenas para serem presos logo depois. Depois do meio-dia, dada a sua incapacidade de entrar na COP15 ou mesmo encontrar os delegados [...] o bloco azul fez uma Assembleia Popular do clima do lado de fora. [...] a mídia

disse que ocorreram mais de 200 detenções, mas isso não impediu que mais de 2.000 pessoas participassem da assembléia.⁹⁷

No dia 18 é publicada no *indymedia* dk matéria (<http://indymedia.dk/articles/1952>) que fala sobre os acontecimentos finais na cidade. “Esta tarde, cerca de 1.500 pessoas manifestaram-se em Copenhague pela Justiça Climática e em solidariedade com os presos, exigindo a sua libertação.”⁹⁸ O texto faz levantamento do número de pessoas presas, por volta de 1.800. Destas, 16 ainda estavam em custódia e outras encaravam processos. O número de médicos presos foi de 26. Também no texto é dito que aconteceram protestos em Londres na embaixada da Dinamarca.

No *Indymedia* de Londres foi publicado texto (<http://london.indymedia.org/articles/3322>) sobre os protestos. Mais ou menos 50 pessoas se reuniram em frente à embaixada contra a repressão policial em Copenhague. “No dia seguinte, na sexta-feira 18, uma petição para libertar todos os presos do clima em Copenhague também foi entregue na Embaixada da Dinamarca”.⁹⁹ No dia 19 foi publicado no *indymedia DK* texto que ainda permanece com destaque na página principal, que não é significativo em conteúdo, mas reforça as considerações presentes em boa parte das matérias. Diz que o encontro da ONU não trouxe nenhuma solução significativa (o que era esperado) e que nações dos pobres do globo protestaram frente ao “falso acordo” proposto na conferência.

⁹⁷ Tradução de: “The Reclaim Power! day started early both for activists and the police. By 6:50am six police vans were already searching people leaving the Voldeparken school accommodation. Police were also searching people at the Tarnby station, arresting three others at Norreport station, stopping and searching vehicles and public transport on the bridges of Copenhagen, near the meeting points for the start of the action. [...] The meeting point of the ill-fated Green bloc was Orestad Station, where the 50-100 people gathered there were surrounded by police and some were arrested, using baton charges and pepper spray. Some stayed free and made their way to join other blocs [...].By about 10am the Blue bloc started marching towards the Bella Centre [...] The march of 1000 to 3000 proceeded under heavy police presence [...]. Half an hour later they formed chains around the bloc and successfully resisted a police attempt to split the bloc, though the police did manage to arrest some people outside the main group. At the same time, groups of 50-100 from the Green bloc were on their way to Bella Centre, and strangely took refuge within the Fields shopping centre where they were arrested en masse. A further 30 - 60 arrests took place outside. About 5 medics were also arrested while helping Green bloc [...] Meanwhile the bike bloc, which had been the subject of a raid the day before, witnessed 17 arrests. From then on it was surrounded by police vans [...] The Blue bloc crossed onto the Bella Centre lawn, and when it went past the police line, officers put on their helmets and used batons and pepper spray to keep it out. At about 11:45am, the police charged towards the blue bloc truck [...] arresting a further 2 activists from CJA. The blue bloc was thus prevented from joining people from inside COP15. At about noon, a few cunning activists managed to build an inflatable bridge and got into the Bella Centre, only to be arrested shortly after. After noon, given their inability to get inside COP15 or even meet delegates from inside trying to get outside, the Blue bloc set up a people's climate assembly outside. By that time mainstream media reported more than 200 arrests, but this did not prevent more than 2.000 people taking part in the assembly.” (<http://indymedia.dk/articles/1894>).

⁹⁸ Tradução de: “This afternoon around 1.500 people demonstrated in Copenhagen for Climate Justice and in solidarity with those arrested, demanding their release.” (<http://indymedia.dk/articles/1952>).

⁹⁹ Tradução de: “The following day, on Friday 18th, a petition to release all climate prisoners in Copenhagen was also delivered at the Danish embassy.” (<http://london.indymedia.org/articles/3322>).

É citado o governo da Bolívia como um dos protestantes. Como já vimos, por isso a Bolívia fez sua própria conferência pelo clima.

Bem, essas talvez tenham sido as últimas manifestações em Copenhague (não temos instrumentos para afirmar), mas os relatos continuaram por um bom tempo nos coletivos do *indymedia*, como também aconteceram manifestações relacionadas às questões do clima.

7.2.4 Pós-COP15

No dia 20 de dezembro é publicada matéria (<http://www.indymedia.org.uk/en/2009/12/443388.html>) no *indymedia UK* com o título *COP15 Fails -- Capitalism is Ecocide*, que faz parecer sobre o duplo poder do Império visto na COP15: a falta de compromisso com as questões climáticas, assim a negação da multidão, e o poder policial que a reprimiu violentamente.

No dia primeiro de janeiro é publicada no site do *Climate Justice Action* (<http://www.climate-justice-action.org/news/2010/01/01/letter-from-our-friends-in-prison/>) e no *indymedia UK* (<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/01/444184.html>) carta de ativistas presos na Dinamarca. Nela é feito manifesto contra as políticas da COP15 produzidas pela rede do Império. “A principal preocupação dos poderosos foi o governo do fornecimento de energia para o crescimento sem fim.”¹⁰⁰. Esta política foi sustentada pelos países desenvolvidos, como os europeus e os EUA, e pelos em desenvolvimento, como China e Brasil (a primeira camada da rede do Império presente na COP15 exposta por Hardt). Os manifestantes nas ruas lutaram pela vida comum que é posta atrás do lucro e também pelo direito de protestar:

A mudança climática é uma expressão extrema e final da violência do paradigma de crescimento capitalista. Pessoas no mundo todo estão cada vez mais mostrando a vontade de tomar o poder e se rebelar contra essa violência. [...] Nós reivindicamos o nosso poder coletivo [...] para falar sobre as questões climáticas e energéticas.¹⁰¹

¹⁰⁰ Tradução de: “The primary concern of the powerful was the governance of the energy supply for neverending growth.” (<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/01/444184.html>).

¹⁰¹ Tradução de: “Climate change is an extreme and ultimate expression of the violence of the capitalistic growth paradigm. People globally are increasingly showing the willingness of taking the power to rebel against that violence [...] we reclaimed our collective power [...] to speak about the climate and energy issues.” (<http://www.climate-justice-action.org/news/2010/01/01/letter-from-our-friends-in-prison/>).

Nos dias 11 de agosto e 29 de setembro de 2010 são publicados no *indymedia DK* dois textos referentes a julgamentos de quatro ativistas; também um texto no *Indymedia UK* e outro no site do *Climate Justice Action* tratam do mesmo tema. Os dois primeiros textos são chamados para mobilizações em solidariedade dos ativistas (<http://indymedia.dk/articles/2662>, <http://indymedia.dk/events/2698>). Os dois outros textos foram publicados sobre o desfecho dos julgamentos: no primeiro, do *indymedia UK* (<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/09/457971.html>), é relatado que dois dos acusados foram soltos, e no segundo, postado no site do *Climate Justice Action* (<http://www.climate-justice-action.org/news/2010/11/25/climate-spokespersons-sentenced-guilty-a-giant-defeat-for-democracy/>), diz que os outros ativistas haviam sido sentenciados a quatro meses de condicional por instigarem a violência e vandalismo. Estes últimos eram porta-vozes do CJA.

Essas quatro matérias contam pequena história sobre a repressão contra a organização política da multidão. Não pode haver vozes contrárias às lógicas capitalistas, mesmo elas sendo visivelmente nocivas. Para isso (calar as vozes), foram criadas, na Dinamarca, leis especiais anti-protesto que deram poderes extras para a polícia e recursos econômicos. “Isso levou a milhares de prisões preventivas [...] vigilância das chamadas telefônicas e invasões de residências e acomodações, e desnecessárias e grotescas detenções”.¹⁰² O resultado final foi a prisão de 2.000 mil pessoas, 20 delas ficaram presas por mais de um mês, além do caso especial dos outros quatro já citados.

Quanto aos dois sentenciados eles serviram de bode expiatório. O Estado dinamarquês tentou assim “[...] fazer duas pessoas responsáveis por todo um movimento coletivo de protesto e de tomada de decisão.”¹⁰³ Isto com o objetivo de bloquear a insurgência diante das políticas dominantes, impedir que a multidão se organize politicamente. Também os textos dizem que foi feita campanha pelo Estado na mídia para criminalizar as ações contra a COP15. Ou seja, a mídia dominante reforça e legitima as políticas repressivas do Império. A mídia, ou nega os movimentos da multidão, não dando importância para o que querem ou às formas como se organizam, sua potência, ou dá atenção apenas a certos casos isolados como incêndio de carros, quebra de vitrines típicas dos *black blocs*; no entanto sabemos que estes têm poder mínimo comparado ao poder policial que vemos desde os primeiros movimentos por outra globalização.

¹⁰² Tradução de: “This led to thousands of preventive arrests [...] surveillance of telephone and raids of private homes and accommodations, and grotesque and unnecessary detentions.” (<http://indymedia.dk/articles/2662>).

¹⁰³ Tradução de: “[...] trying to make two individuals responsible for a whole movement's collective decision-making and collective protests.” (<http://indymedia.dk/events/2698>).

Aqui no Brasil, as políticas são parecidas contra movimentos como os dos sem-terra, sem-teto, indigenistas, mas também contra outros grupos de resistência. O poder policial, no Brasil, vai mais longe e torna ações como as de pacificação das favelas, em nome do povo contra traficantes, como forma de reprimir a potência que vem das favelas, pois esses, os pobres, são agentes biopolíticos.

No dia 19 de dezembro é publicada matéria (<http://indymedia.dk/articles/1976>) no *indymedia DK* pelo grupo *Climate Justice Action* sobre a libertação de seu porta-voz. Este na matéria fala do sucesso da COP15:

O sucesso é que o movimento global de justiça climática organizou ações espetaculares, grandes e inspiradoras, onde ativistas de todo o mundo se uniram e criaram um novo terreno comum para continuar com a luta por justiça global. Finalmente, o fracasso da COP destaca a importância da pressão dos movimentos sociais, a partir de baixo, e da desobediência civil em face da crise climática.¹⁰⁴

Poderia ser perguntado: se a multidão de grupos não teria peso nenhum frente às negociações, se todos já sabiam que sofreriam forte repressão, por qual motivo tanta energia foi desperdiçada? Podemos ensaiar resposta: como dizem Negri e Hardt, a resistência é um fim em si mesmo, novas formas de vida são criadas (como diz Lazzarato [2006]), e isso é o que Ortellado chamou de política pré-figurativa, a organização da multidão, suas redes anunciam um novo mundo.

Isso tentamos demonstrar nos relatos, a organização da multidão nas ações diretas e a organização da multidão para construir o seu registro noticioso no *indymedia*. Estes – registro e ação – não podem ser separados, foram feitos pelos mesmos sujeitos. Ao longo da análise, mapeamos essas singularidades nas ruas de Copenhagen, e descobrimos que cada uma delas tinha sua página na internet, e que o *indymedia* servia como território de convergência, um espaço de colaboração, de ação conjunta.

No *indymedia* foram feitos chamados para ação, inúmeras vezes falaram, às vezes sobre questões mais imediatas, como também todas essas vezes falaram sobre sua questão comum, o que as liga, seu desejo de outra realidade. A soberania apareceu apenas como algo negativo: a polícia, as políticas nocivas sobre o clima, a crise do capitalismo; mas o que os

¹⁰⁴ Tradução de: “The success is that of the global climate justice movement, which organised spectacular, large and inspiring actions, where activists from all over the world came together and created a new common ground on which to continue the fight for global justice. Finally, the failure of the COP highlights the importance of social movement, pressure from below, and civil disobedience in the face of the climate crisis.” (<http://indymedia.dk/articles/1976>).

relatos mostram de positivo é a face propositiva da multidão e sua criatividade, a invenção de territórios singulares.

Os movimentos após a COP15 continuaram agindo, principalmente na Europa, como mostram os sites do *indymedia*. O *Climate Justice Action* fez inúmeras ações, como também aconteceram *Climate Camps*. Supomos que esses movimentos pela justiça climática tendem a se manter enquanto durarem as políticas contra o comum da multidão, ou mais, enquanto durarem as políticas do sistema capitalista. A história continua na COP16 que está ocorrendo no exato momento, e pela necessidade de fechar a dissertação a desconsideraremos, mas é um caminho que a pesquisa poderia seguir.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias de Negri, Hardt, Deleuze, Guattari e Cocco mapeiam fluxos minoritários (a multidão, os devires, a potência da pobreza) a partir de projeto contra-hegemônico subjetivo, político, social, econômico, teórico. O objetivo da pesquisa foi o de dar continuidade a esse projeto, mapeando produções de resistência, não apenas nas mídias. Como no pós-moderno as fronteiras entre campos são esmaecidas, a produção de resistência que mapeamos nas mídias ultrapassa também campos definidos. Assim nossa proposta, o conceito de jornalismo da multidão, é também resistência social, política, econômica, subjetiva, teórica.

O conceito de multidão de Negri e Hardt nos possibilitou a pensar em um jornalismo dos muitos, para todos, aberto. Jornalismo de resistência que busca outras realidades. Os conceitos de Deleuze e Guattari, e de Cocco, entre outros, permitiram qualificar esse jornalismo como singular, experimentador de devires.

Vimos que os coletivos do *indymedia* só funcionam por serem abertos e assim formam bloco de resistência territorializado em sites. Quanto ao coletivo brasileiro, essa abertura é vista em sua conexão com inúmeros grupos, principalmente com a resistência formada pelos pobres, os excluídos, que lutam por outra vida. Essa luta é exposta nas matérias do CMI: luta pela terra, por moradia, direitos, inclusão, por outra mídia; luta contra o controle contínuo exercido sobre estes pelo Estado e pela mídia, visível em sua criminalização. Indo de encontro ao jornalismo dominante, parte do trabalho tentou apresentar a riqueza dos pobres; aqueles que no jornalismo têm atribuições negativas, que são uma “ameaça à segurança” (MAROCCO, 1997, p. 3).

Como vimos, no entanto, na cobertura da COP15 por coletivos europeus do *indymedia*, a multidão que enfrentou as políticas do Império também foi considerada como ameaça à segurança. E assim recebeu leis e repressão em peso. Também a multidão brasileira (atualizada no CMI-Brasil) e a multidão global (atualizada na cobertura da COP15) se conectam, pois sua produção de resistência é movida por desejos de liberdade, democracia, de outra realidade.

Talvez as lutas na COP15 tenham apresentado uma multidão muito mais aos moldes do trabalho de Negri e Hardt, pois o que estava em jogo era a condição da vida comum global. As resistências no Brasil, vistas no CMI, são muito mais locais, aliás, parecidas ao localismo das resistências que estão presentes nas páginas do coletivo de Londres ou no do Reino Unido. Porém essas lutas se unem na rede *indymedia* que assim faz multidão.

Relacionando os coletivos traçamos rede de resistência global. Esta faz parte do mapa de resistência ao Império, que não pode ser desvinculada da resistência à mídia que o legitima. Toda essa multidão que busca no *indymedia* visibilidade, canal de expressão, busca algo que a mídia dominante não faz e não quer fazer: ouvir as vozes de quem luta por outra realidade. Assim as resistências juntamente ao *indymedia*, ou melhor, o mapa comum entre ambos, busca romper com os valores da mídia hegemônica. Esse mapa nós nomeamos de jornalismo de multidão.

Demos pistas ao longo da dissertação de que sabemos, a partir da pesquisa, que esse mapa não se fecha na rede aberta do *indymedia*; mas que há toda uma multidão que produz textos que se assemelham ao texto jornalístico, possivelmente, como forma de lutar contra a mídia a partir de dentro, com as mesmas armas. Vimos isso em toda a análise dos coletivos. A multidão faz seu jornalismo. Com tempo, poderíamos ter ampliado o mapa, infelizmente a dissertação tem que ser fechada, mas sabemos que não se fecha aqui e que pode ser continuada.

O mapa que desenhamos, partindo do *indymedia* como espaço comum das resistências, foi parcial. Escolhemos alguns coletivos e um acontecimento. Dentro do recorte, alguns grupos de resistência tomaram forma. Talvez nomear esse recorte de jornalismo de multidão seja um pouco ambicioso de nossa parte, mas o tempo nos permitiu apenas isso para realizarmos nosso objetivo principal: fazer mapa da resistência, partindo da filosofia de resistência para produzirmos nossa aliança com a resistência.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **A filosofia muda o mundo ao manter-se como teoria**. Entrevista por Der Spiegel. 1969. Disponível em: http://antivalor.vilabol.uol.com.br/textos/frankfurt/adorno/adorno_30.html. Acesso em: 20 jul. 2009.
- ANDREOTTI, B. **Poder e resistências: movimentações da multidão - uma cartografia dos movimentos antiglobalização**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PUC-SP, São Paulo, 2009.
- ANTOUN, H. Nas teias da globalização. **Veredas**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 25, 1998.
- _____. “Jornalismo e Ativismo na Hiperfídia”. **Revista da FAMECOS**, Porto Alegre, n. 16, p. 135-147, 2001.
- _____. A multidão e o futuro da democracia na cibercultura. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 11., 2002, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/23859873/A-Multidao-e-o-Futuro-da-Democracia-na-Cibercultura-Multitude-and-the-Future-of-Democracy-in-the-Cyberculture>. Acesso em: 20 maio 2010.
- _____. As lutas da multidão e o futuro da democracia na cibercultura. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2004. CD-ROM.
- _____. Cooperação, colaboração e mercado na cibercultura. **E-Compós** (Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação), [S.l.], v. 7, p. 1-24, Dez. 2006.
- _____. A Web 2.0 e o futuro da sociedade Cibercultural. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO – NP TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO, 8., 2008a, Natal. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0874-1.pdf>. Acesso em 20 maio 2010.
- _____. De uma teia à outra: a explosão do comum e o surgimento da vigilância participativa. In: ANTOUN, H. (Org.). **Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008b. p. 11-28.

ANTOUN, H. **Biopolítica, resistência e mídia livre na comunicação em rede**. Proposta de mesa temática apresentada ao eixo temático “Vigilância, ciberativismo e poder”, do III Simpósio Nacional da ABCiber. 2009. Disponível em: http://www.abciber.com.br/simpósio2009/trabalhos/anais/pdf/mesas/3_vigilancia/eixo3_mesa2.pdf

ANTOUN, H.; MALINI, F. Ontologia da liberdade na rede as multi-mídias e os dilemas da narrativa coletiva dos acontecimentos. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 19., 2010, Rio de Janeiro, RJ.

ASSIS, Érico Gonçalves de. **Táticas lúdico-midiáticas no ativismo político contemporâneo**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, UNISINOS, São Leopoldo.

BENTES, I. **Apresenta: o contraditório discurso da TV sobre a periferia**, 2007. Disponível em: <<http://brasildefato.com.br/>>. Acesso em: 10 out. 2010

BERARDI, B. **Communism is back but we should call it the therapy of singularisation**. 2009. Disponível em < http://www.generation-online.org/p/fp_bifo6.htm > . Acesso em: out. 2010.

BERGER, C. O caso Aracruz: do fato ao acontecimento jornalístico (um outro, o mesmo). **Unirevista**, São Leopoldo, v. 1, n. 3, p. 1-11, 2006.

_____. **Entrevista**. Santa Maria: Seção Sindical dos Docentes da UFSM / ANDES, 2008. (EXTRA-CLASSE, 10).

BOWMAN, S; WILLIS, C. **Nosotros, el medio**. The Media Center, 2005. Disponível em: <http://www.hypergene.net/wemedia/download/we_media_espanol.pdf >. Acesso em. 10 jan. 2011.

BRAGA, J. **Sobre “mediatização” como processo interacional de referência**. 2007. Versão apresentada na disciplina de Mediatização: Sociedade e Sentido (2009/1).

BRAMBILLA, A. **Jornalismo open source: discussão e experimentação do OhmyNews International**. 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, UFRGS, Porto Alegre, 2006.

BUI, R. **Não há “depois da revolução”, o processo é contínuo, já começou...** Entrevista e tradução por Fábio Salvatti e Antonio Vargas. 2002. Disponível em: <<http://www.wumingfoundation.com/italiano/salvatti.html>>. Acesso em: 20 dez. 2010.

BURGER, M. **Centro de mídia independente**: ativismo político na Internet e ação direta nas ruas. 2004. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - UFRJ/ ECO, Rio de Janeiro, 2004.

CANETTI, E. **Massa e poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

COCCO, G. **Mundobraz**: o devir-mundo do Brasil e o devir-Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2009.

_____. **O fazer multidão diz respeito à própria constituição da esfera pública**. São Leopoldo: Instituto Humanitas UNISINOS, 2008. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=1185>. Acesso em: 1 maio 2010.

CONFERÊNCIA das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas de 2009. Wikipédia. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Confer%C3%Aancia_das_Na%C3%A7%C3%B5es_Unidas_sobre_as_Mudan%C3%A7as_Clim%C3%A1ticas_de_2009>. Acesso em: 23 dez. 2010.

CONFERENCIA Mundial de los Pueblos sobre el Cambio Climático y los Derechos de la Madre Tierra (CMPCC). Acuerdo de los pueblos. 2010. Disponível em: <<http://cmpcc.org/acuerdo-de-los-pueblos/>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

DELEUZE, G. Sobre as sociedades de controle. In: **CONVERSACÕES**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992a.

_____. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992b.

_____. O que é um dispositivo? In: DELEUZE, G. **O mistério de Ariana**. Lisboa: Veiga, 1996. p. 83-96. Disponível em: <<http://www.prppg.ufes.br/ppgpsi/files/textos/Deleuze%20-%20O%20que%20%C3%A9%20um%20dispositivo.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2010.

DELEUZE, G. **Foucault**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, G.; FOUCAULT, M. Os intelectuais e o poder. In: **ESTRATÉGIA**, poder-saber. Rio de Janeiro: Forense, 2006. p.37-47. (Ditos&escritos, 4).

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004. v. 1.

_____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999. v. 3.

_____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34. 2005a. v. 4.

_____. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34. 2005b. v. 5.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

GARCIA, D.; LOVINK, G. **O ABC da mídia táctica**. 2003. Disponível em: <http://www.midiaindependente.org/pt/green/2003/03/249849.shtml>. Acesso em: 20 jul. 2009.

GUATTARI, F. **Revolução Molecular**: pulsações políticas do desejo. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2006.

_____. **As três ecologias**. 16. ed. Campinas: Papirus, 2007.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 2005.

GUATTARI, F.; NEGRI A. O comunismo da imanência. In: PELBART, PP.; COSTA, R. (Org.). **Cadernos de subjetividade**: o reencantamento do concreto. São Paulo: Hucitec. 2003. p. 15-22.

HARDT, M. **Gilles Deleuze**: um aprendizado em filosofia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

HARDT, M. A sociedade mundial de controle. In: ALLIEZ, Eric (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

_____. A vida no Império. Entrevista com Michael Hardt. **ECO-PÓS**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 56-59, 2002.

_____. On the common in Copenhagen. 2009. Disponível em: <http://harvardpress.typepad.com/hup_publicity/2009/12/michael-hardt-on-the-common-in-copenhagen.html>. Acesso EM: out. 2010

HARDT, M; NEGRI, A. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2005

_____. **Império**. Rio de Janeiro: Record, 2006a

_____. O que é multidão? Questões para Michael Hardt e Antonio Negri. **Novos Estudos**, [s.l.], v. 75, p. 93-108. 2006b. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/nec/n75/a07n75.pdf>>. Acesso em: 1 JAN. 2010.

KASTRUP, V. Apresentação. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KILPP, S. **Pós-mídia e ecosofia** perspectivas de Guattari: aula aberta. São Leopoldo: UNISINOS, 2005. Disponível em: <[http://74.125.47.132/search?q=cache:IWYwMO5vkmIJ:aulaaberta.comdigital.info/wp-content/uploads/2007/09/felix_guattari.pdf+esta+nova+m%C3%ADdia+que+n%C3%B3s+estamos+estudando+no+nosso+curso+\(Internet\)+se+tornou+muito+mais+vis%C3%ADvel,+muito+mais+usada+do+que+o+autor+pode+dar+conta+dela+naquele+momento.&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&lr=lang_pt](http://74.125.47.132/search?q=cache:IWYwMO5vkmIJ:aulaaberta.comdigital.info/wp-content/uploads/2007/09/felix_guattari.pdf+esta+nova+m%C3%ADdia+que+n%C3%B3s+estamos+estudando+no+nosso+curso+(Internet)+se+tornou+muito+mais+vis%C3%ADvel,+muito+mais+usada+do+que+o+autor+pode+dar+conta+dela+naquele+momento.&cd=2&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br&lr=lang_pt)>. Acesso em: 20 maio 2010.

KLEIN, N. **Não começou em Seattle não vai acabar em Copenhagen**. [S.l.]: Centro de Mídia Independente, 2009. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2009/12/459742.shtml>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

KLEIN, N. **A new climate movement in Bolivia**. 2010. Disponível em: <<http://www.naomiklein.org/articles/2010/04/new-climate-movement-bolivia>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

LAGE, N. **Estrutura da notícia**. São Paulo: Ed. Ática, 1985.

LAZZARATO, M. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LE BON, G. **Psicologia das multidões**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LUDD, N. (Org.). **Urgência das ruas**. São Paulo: Conrad, 2002.

MALINI, F. **O comunismo das redes: sistema midiático p2p, cooperação em rede e novas políticas de comunicação na Internet**. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

_____. Modelos de colaboração nos meios sociais da internet: uma análise a partir dos portais de jornalismo participativo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 31., 2008, Natal, RN.

MAROCCO, B. A violência e exclusão na ficção jornalística. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 1-9, jul./dez. 1997.

_____. **Prostitutas, jogadores, pobres e vagabundos no discurso jornalístico**. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

_____. Noites de Bagdá: terror assombra “guerra urbana” de São Paulo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 30., 2007, Santos.

MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

MARTINS, B. **Cooperação e controle: um estudo de caso do website Slashdot.org**. Rio de Janeiro, 2006. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MAZETTI, H. **Ativismo de mídia: arte, política e tecnologias digitais**. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Rio de Janeiro, 2008.

MILENO, T. **Entrevista cedida por e-mail**. 2010

MOURA, C. **Jornalismo na era Slashdot**. Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, jan. 2002. Disponível em: <http://74.125.155.132/scholar?q=cache:p4dnTuP0RowJ:scholar.google.com/+jornalismo+opensearch&hl=ptBR&as_sdt=2000>. Acesso em: 3 jan. 2011.

NEGRI, A. Infinitude da comunicação/finitude do desejo. In: PARENTE, A. (Org.). **Imagem máquina: a era das tecnologias do virtual**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993. p. 173-176.

_____. **Cinco lições sobre Império**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PELBART, P. Da claustrofobia contemporânea. In: A VERTIGEM por um fio: políticas da subjetividade contemporânea. São Paulo: Fapesp; Iluminuras, 2000. p. 29-42

_____. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

ORTELLADO, P.; RYOKI, A. **Estamos vencendo: resistência global no Brasil**. São Paulo: Conrad, 2004.

PRIMO, A; TRÄSEL, Marcelo R. Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias. **Contracampo**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 37-56, 2006. Disponível em: <<http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/webjornal.pdf> > Acesso em: 11 maio 2010.

REBELO, J. Prolegómenos à narrativa mediática do acontecimento. **Trajectos, Revista de Comunicação, Cultura e Educação**, [S.l.], n. 8-9, p. 17-27, 2006.

TARDE, G. **A opinião e as massas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

TARGINO, M. Centro de Mídia Independente Brasil: jornalismo cidadão e democracia representativa. **Revista Comunicação e Inovação**, São Paulo, v. 9, p. 20-66, jan./jun. 2008.

_____. **Cidadania e jornalismo na contemporaneidade**. 2010. Disponível em: <<http://campus.usal.es/~comunicacion3punto0/comunicaciones/082.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

TOYA. **Especial 9 anos de CMI-Brasil**. [200-]. Disponível em: <<http://passapalavra.info/?p=16807>>. Acesso em: 10 maio 2010.

TRÄSEL, M. **A pluralização no webjornalismo participativo: uma análise das intervenções no Wikinews e no Kuro5hin**. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) -

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

VIRNO, P. **Gramática da multidão**. para uma análise das formas de vida contemporâneas. Trad. de Leonardo Retamoso Palma. Santa Maria, RS: [s.n.], 2003. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/19683449/GRAMATICA-DA-MULTIDAO>>. Acesso em: 12 maio 2010.

CMI-BRASIL – MATÉRIAS

[Dinamarca] Contra a cúpula COP15 em Copenhague em dezembro de 2009. [S.l.]: CMI-Brasil, 22 nov. 2009. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2009/11/457634.shtml>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

10 anos de CMI - Alerta para CENSURA!. [S.l.]: CMI-Brasil, 24 dez. 2010. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-October/1005-hq.html>>. Acesso em: 19. jan. 2010.

INDYMEDIA DK – MATÉRIAS

A Call to Climate Action. Indymedia DK. 16 set. 2008. Disponível em: <<https://publish.indymedia.dk/articles/384>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

La Via Campesina Joins Cop15 Mobilisation. Indymedia DK. 13 nov. 2009. Disponível em: <<http://indymedia.dk/articles/1329>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Another Police Raid on Climate Campaigners. Indymedia DK. 9 dez. 2009. Disponível em: <<http://indymedia.dk/articles/1450>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

#COP15 Indymedia Centre in Copenhagen. Indymedia DK. 9 dez. 2009. Disponível em: <<http://indymedia.dk/articles/1445>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Our Climate, Not Your Business Demo +Medic Arrests. Indymedia DK. 11 dez. 2009. Disponível em: <<http://indymedia.dk/articles/1500>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Migration not Militarization! 14th Dec. Indymedia DK. 12 dez. 2009. Disponível em: <<https://publish.indymedia.dk/articles/1527>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Hit the production! Indymedia DK. 13 dez. 2009. Disponível em: <<http://indymedia.dk/events/1358>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Hit the Production - No to business as usual. Indymedia DK. 13 de. 2009. Disponível em: <<http://indymedia.dk/articles/1601>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Resistance is Ripe! Agriculture Action Day. Indymedia DK. 15 dez. 2009. Disponível em: <<https://publish.indymedia.dk/events/1356>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Police Raid Christiania: More Mass Arrests. Indymedia DK. 15 dez. 2009. Disponível em: <<https://publish.indymedia.dk/articles/1772>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Spanish: 210 detenidos en Christiania. Indymedia DK. 15 dez. 2009. Disponível em: <<https://publish.indymedia.dk/articles/1775>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

If you're in, you're in, if you're out, you're out. Indymedia DK. 16 December 2009. Disponível em: <<http://indymedia.dk/articles/1893>> Acesso em: 23 dez. 2010.

Reclaim Power!'s long way to the Bella Centre. Indymedia DK. 16 dez. 2009. Disponível em: <<http://indymedia.dk/articles/1894>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Protests continue in Copenhagen. Indymedia DK. 18 dez. 2009. Disponível em: <<http://indymedia.dk/articles/1952>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

CJA Spokesperson Tadzio Released, Others Held. Indymedia DK. 19 dez. 2009. Disponível em: <<http://indymedia.dk/articles/1976>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

What now? Indymedia DK. 19 dez. 2009. Disponível em: <<http://indymedia.dk/articles/1969>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

LOOKING back at Cop15. Indymedia DK. 2 jan. 2009. Disponível em: <<http://indymedia.dk/articles/2027>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Call for Solidarity actions with the accused COP15. Indymedia DK. 11 ago. 2010. Disponível em: <<http://indymedia.dk/articles/2662>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Global day of solidarity with COP15 activists. Indymedia DK. 20 set. 2010. Disponível em: <<http://indymedia.dk/events/2698>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

INDYMEDIA.ORG – MATÉRIAS

Cop15 Climate Conference: System Change, Not Climate Change. Indymedia. 30 nov. 2009. Disponível em: <<http://www.indymedia.org/or/2009/11/931754.shtml>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

INDYMEDIA LONDON – MATÉRIAS

The Wave and COP Out Camp Out. Indymedia London. Disponível em: <http://london.indymedia.org/action_timelines/4>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Events in London this week. Indymedia London. 15 AGO. 2010. Disponível em: <<http://london.indymedia.org/articles/5415>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Save Peckham's Area 10. Indymedia London. 17 ago. 2010. Disponível em: <<http://london.indymedia.org/articles/5417>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Brixton Police Station, remember Sean Rigg. Indymedia London. 22 ago. 2010. Disponível em: <<http://london.indymedia.org/articles/5433>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Grow Heathrow! resisting the eviction.... Indymedia London. 27 ago. 2010. Disponível em: <<http://london.indymedia.org/articles/5450>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Their business and ours. Indymedia London. 31 ago. 2010. Disponível em: <<http://london.indymedia.org/articles/5456>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Mass picnic and a grilling. Indymedia London. 6 set. 2010. Disponível em: <<http://london.indymedia.org/articles/5485>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Nuclear conference demo calls for EDF boycott. Indymedia London. 17 set. 2010. Disponível em: <<http://london.indymedia.org/articles/5547>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Pro-palestine protest at BT-sponsored olympic ball. Indymedia London. 25 set. 2010.
<<http://london.indymedia.org/articles/5604>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Climate Camp take Trafalgar Square in Cop15 Action. Indymedia London. 5 dez. 2009.
Disponível em: <<https://london.indymedia.org.uk/articles/3268>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

COP15 Solidarity Protest London's Danish Embassy. Indymedia London. 18 dez. 2009.
<<http://london.indymedia.org/articles/3322>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

MATÉRIAS INDYMEDIA PORTUGAL

Dinamarca reforça o seu poder de polícia contra manifestantes “radicais”. Indymedia Portugal. 8 dez. 2009. Disponível em: <<http://pt.indymedia.org/conteudo/newswire/126>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Breves notícias da Dinamarca. Indymedia Portugal. 9 dez. 2009. Disponível em:
<<http://pt.indymedia.org/conteudo/newswire/140>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

INDYMEDIA UK – MATÉRIAS

Preparation meeting for COP15 international mobilization against climate change. Indymedia UK. 8 ago. 2008. Disponível em: <<http://www.indymedia.org.uk/en/2008/08/405925.html>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Climate Camp Cymru. Indymedia UK. 14 ago. 2010. Disponível em:
<<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/08/457047.html>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Climate Camp: Breaking the Bank. Indymedia UK. 20 ago. 2010. Disponível em:
<<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/08/457296.html>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Tasers in Nottingham and elsewhere. Indymedia UK. 25 ago. 2010. Disponível em:
<<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/08/457590.html>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Resistance to "Factory of Death" continues. Indymedia UK. 10 set. 2010. Disponível em: <<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/09/458456.html>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Confront the Tory Con in Birmingham. Indymedia UK. 20 set. 2010. Disponível em: <<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/09/458965.html>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

SchNEWS 740: No Borders Camp, Brussels. Indymedia UK. 23 set. 2010. Disponível em: <<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/09/460150.html>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

SchNEWS 743: Leicester Is More. Indymedia UK. 14 out. 2010. Disponível em: <<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/10/466033.html>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Crude Awakening Blockade. Indymedia UK. 19 out. 2010. Disponível em: <<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/10/466277.html>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

The COP15 Climate Summit 2009 - Global Climate Action Comming Up ... Indymedia UK. 5 dez. 2008. Disponível em: <<http://www.indymedia.org.uk/en/2008/12/414376.html>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

If you need help... in Copenhagen! Indymedia UK. 11 dez. 2000. Disponível em: <<http://www.indymedia.org.uk/en/2009/12/443232.html>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

COP15 Fails - Capitalism is Ecocide. Indymedia UK. 20 dez. 2009. <Disponível em: <http://www.indymedia.org.uk/en/2009/12/443388.html>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

GreenPeace/GreenPolice: A communique from the COP15 Black Bloc. Indymedia UK. 28 dez. 2009. Disponível em: <<http://www.indymedia.org.uk/en/2009/12/444019.html>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Statement From COP15 Prisoners- and how to support them. Indymedia UK. 2 jan. 2010. Disponível em: <<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/01/444184.html>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Climate Justice? Climate Refugee? Capitalism, Nationalism and Migration. Indymedia UK. 2 jul. 2010. Disponível em: <<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/07/454798.html>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Danish Court: Climate activists are innocent. Indymedia Uk. 2 set. 2010. Disponível em: <<http://www.indymedia.org.uk/en/2010/09/457971.html>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

LISTAS DE DISCUSSÃO – CMI-BRASIL

Lista editorial

Lista do coletivo editorial do CMI-Brasil. Disponível em:
<<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/>>. Acesso em: 10 maio 2010.

30 jul. 2009. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-July/0731-ye.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

13 ago. 2009. 12:40:39. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-August/0813-96.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

13. ago. 2009. 19:31:30. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-August/0814-90.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

14. ago. 2009. 05:04:36. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-August/0814-wu.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

14 ago.2009. 05:12:37. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-August/0814-dq.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

14 ago. 2009. 07:26:00. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-August/0814-at.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

14 ago. 2009. 08:11:26. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-August/0814-cm.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

14 ago. 2009. 10:43:46. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-August/0814-uq.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

14 ago. 2009. 14:01:01. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-August/0814-du.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

5 out. 2009. 11:03:43. 2009. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-October/1005-u5.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

5 out. 2009. 11:24:18. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-October/1005-hq.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

19 out. 2009. 05:06:51. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-October/1019-4v.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

19 out. 2009. 08:57:35. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-October/1019-9i.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

14 jan. 2010. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-January/0114-0c.html>>. Acesso em: 10 maio 2010.

2 mar. 2010. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-March/0303-sx.html>>. Acesso em: 10 maio 2010.

29 mar. 2010. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-March/0329-jl.html>>. Acesso em: 10 maio 2010.

31 mar. 2010. 13:45:53 Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-March/0331-ag.html>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

31 mar. 2010. 18:58:05. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-March/0401-bo.html>>. Acesso em: 11 dez. 2010.

1 abril 2010. 07:59:00. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-April/0401-wj.html>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

1 abril 2010. 12:07:53. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-April/0401-93.html>> . Acesso em: 23 dez. 2010.

12 abril 2010. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-April/0412-xm.html>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

15 de abril 2010. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-April/0415-j4.html>> . Acesso em: 23 dez. 2010.

23 abril 2010. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-April/0423-2u.html>>. Acesso em: 10 maio 2010.

28 abril de 2010. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2010-April/0429-aj.html>>. Acesso em: 10 maio 2010.

24 de maio de 2010. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-editorial/2009-May/0525-1b.html>>. Acesso em: 10 maio 2010.

Lista do coletivo técnico

Lista do coletivo técnico do CMI. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-tech/>>. Acesso em: 10 maio 2010.

16 fev. 2010. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-tech/2010-February/0216-rq.html>>. Acesso em: 10 maio 2010.

Lista CMI-Brasil Processo

12 jan. 2009. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-processo/2009-January/0112-88.html>>. Acesso em: 10 maio 2010.

Lista Processo

Lista do grupo-de-trabalho Processo. Disponível em: <<http://lists.indymedia.org/pipermail/cmi-brasil-processo/>>. Acesso em: 10 jan. 2011.

DOCUMENTAÇÃO – CMI-BRASIL

Artigos Escondidos. CMI-Brasil. Disponível em: <<http://prod.midiaindependente.org/pt/blue/opentrash/archive.shtml>>. Acesso em: 10 maio 2010.

Birosca – Projeto Servidor Das Mulheres. Disponível em: <<http://docs.birosca.org/wiki/projeto>>. Acesso em: 10 maio 2010.

Centro de Mídia Independente – Introdução. Cmi-Brasil. Disponível em: <<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilOqueEh>>. Acesso em: 10 maio 2010.

CmiBrasil-CmiMulheres. CMI-Brasil. Disponível em:
<<http://docs.indymedia.org/view/Local/CmiBrasilCmiMulheres>>. Acesso em: 10 maio 2010.

Como participar de listas de discussão. CMI-Brasil. Disponível em:
<<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilListasDiscussao>>. Acesso em: 10 maio 2010.

Espaço dedicado a quem deseja publicar notícias na publicação aberta. CMI-Brasil.
Disponível em:
<<http://prod.midiaindependente.org/indymediabr/servlet/OpenMir?language=pt&do=opensession&sessiontype=article&colorscheme=blue> >. Acesso em: 10 maio 2010.

Listas de discussão - Lista editorial. CMI-Brasil. Disponível em:
<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilListas#Lista_editorial>. Acesso em: 10 maio 2010.

Manual de redação. CMI-Brasil. Disponível em:
<<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilManualRedacao>>. Acesso em: 10 maio 2010.

Manual do Coletivo Editorial. Como publicar um editorial. CMI-Brasil. Disponível em:
<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/static/editorial.shtml#Como_publicar_um_Editorial >. Acesso em: 23 dez. 2010.

Montagem de telecentros. CMI-Brasil. Disponível em:
<<https://docs.indymedia.org/Sysadmin/MontagemTelecentros>>. Acesso em: 10 maio 2010.

Novos Coletivos da Rede CMI Brasil. CMI-Brasil. Disponível em:
<<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilNovosColetivos>>>. Acesso em: 10 maio 2010.

Organização da Rede CMI Brasil- Política Editorial do CMI Brasil. CMI-Brasil. Disponível em: < https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilRede#Pol_tica_Editorial_do_CMI_Brasil>. Acesso em: 10 maio 2010.

Política Editorial do CMI Brasil. CMI-Brasil. Disponível em:
<<http://prod.midiaindependente.org/pt/blue/static/policy.shtml> >. Acesso em: 10 maio 2010.

Processos da Rede CMI-Brasil. CMI-Brasil. Disponível em:
<<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilProcessosRede>>. Acesso em: 10 maio 2010.

Produção de conteúdo Multimídia. CMI-Brasil. Disponível em:
<<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilMultiMidia>>. Acesso em: 10 maio 2010.

Proposta para Rede Brasil: Linguagem Inclusiva. CMI-Brasil. Disponível em:
<<https://docs.indymedia.org/view/Local/CmiBrasilLinguagemInclusiva>>. Acesso em: 10 maio 2010.

Por que somos contra a propriedade intelectual? CMI-Brasil. Disponível em:
<<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilCopyLeft>> . Acesso em: 10 maio 2010.

Publicação aberta. CMI-Brasil. Disponível em:
<<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilPublicacaoAberta>>. Acesso em: 10 maio 2010.

Publicação Aberta é o mesmo que Software livre. CM-Brasil. Disponível em:
<<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilPublicacaoAbertaeSoftwareLivre>>. Acesso em: 10 maio 2010.

Situação Atual dos Coletivos da rede CMI Brasil. CMI-Brasil. Disponível em:
<<http://docs.indymedia.org/view/Local/CmiBrasilSituacaoDosColetivos>>. Acesso em: 10 maio 2010.

Sobre conflito e consenso Para construir uma base de trabalho em grupo. CMI-Brasil.
disponível em: <<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilConflitoConsenso>> . Acesso em: 10 maio 2010.

Transmissão de Áudio pela Internet e Web Rádios. CMI-Brasil. Disponível em:
<<https://docs.indymedia.org/Sysadmin/WebRadiosPt>> . Acesso em: 10 maio 2010.

Transmissão de Vídeo pela Internet e Web TVs. CMI-Brasil. Disponível em:
<<https://docs.indymedia.org/Sysadmin/WebTVPt>>. Acesso em: 10 maio 2010.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAÇÃO – NOVO SITE DO CMI-BRASIL

Arquitetura do Site Novo. Disponível em:
<<http://ticket.marieta.indymedia.org/wiki/ImplementacaoNovoSite>> . Acesso em: 10 maio 2010.

Funcionalidades que queremos para o Novo Site. Disponível em:
<<http://ticket.marieta.indymedia.org/wiki/FuncionalidadesNovoSite>>. Acesso em: 10 maio 2010.

Novo Site para a Rede CMI Brasil. Disponível em:
<<http://ticket.midiaindependente.org/wiki/NovoSite>> . Acesso em: 10 maio 2010.

Página dos Coletivos Locais. Disponível em:
<<http://ticket.midiaindependente.org/wiki/NSPaginaColetivos>> . Acesso em: 10 maio 2010.

REFERÊNCIAS INDYMEDIA LONDON - DOCUMENTOS

How to:: Write a Feature for Imc London. Indymedia London. Disponível em:
<<http://london.indymedia.org/pages/how-to-write-a-feature-for-imc-london>> . Acesso em: 23 dez. 2010.

REFERÊNCIAS INDYMEDIA - DOCUMENTAÇÃO

ImcWomyn. Disponível em: <<https://docs.indymedia.org/Global/ImcWomynPt>>. Acesso em: 10 mai. 2010.

Indymedia's Frequently Asked Questions. Disponível em:
<<http://docs.indymedia.org/view/Global/FrequentlyAskedQuestionEn>>>. Acesso em: 10 mai. 2010.

Princípios de União da Rede CMI global. Disponível em:
<<https://docs.indymedia.org/Local/CmiBrasilPrincipiosDeUniaoGlobal>>. Acesso em: 10 mai. 2010.

DOCUMENTAÇÃO – INDYMEDIA UK

IMC UK About us. Indymedia UK. Disponível em:
<http://www.indymedia.org.uk/en/static/about_us.html>. Acesso em: 23 dez. 2010.

IMC UK Features 'How To'. Disponível em:
<<https://docs.indymedia.org/Local/UkFeaturesHowTo>> . Acesso em: 23 dez. 2010.

WEBSITES NACIONAIS

CMI-Brasil: <http://prod.midiaindependente.org/pt/blue/>

Passa Palavra: <http://passapalavra.info/>

MST: <http://www.mst.org.br/taxonomy/term/330>

WEB SITES DE GRUPOS DE RESISTÊNCIA ESTRANGEIROS

About CAN. Climate Action Network: Disponível em:
<<http://www.climatenetwork.org/about/about-can>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

About – Organisations. Climate Justice Action. Disponível em: <<http://www.climate-justice-action.org/about/organizations/>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

About Us. Camp for Climate Action. Disponível em:
<<http://www.climatecamp.org.uk/about>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Camp For Climate Action. COP OUT CAMP OUT. Disponível em:
<<http://climatecamp.org.uk/actions/copenhagen-2009/cop15-out>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Climate spokespersons sentenced guilty: a giant defeat for democracy. Climate Justice Action. 25 nov. 2010. Disponível em: <<http://www.climate-justice-action.org/news/2010/11/25/climate-spokespersons-sentenced-guilty-a-giant-defeat-for-democracy/>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Hit the production: <http://htp.noblogs.org/>

La Haine: <http://www.lahaine.org/index.php>

Letter from climate prisoners in Denmark. Climate Justice Action. 1 jan. 2010. Disponível em: <<http://www.climate-justice-action.org/news/2010/01/01/letter-from-our-friends-in-prison/>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

N30 Climate Day Of Action. Climate Justice Action. 17 set. 2009. Disponível em: <<http://www.climate-justice-action.org/news/2009/09/17/n30-climate-day-of-action/>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

¿Quién somos? Via Campesina. Disponível em: <http://viacampesina.org/sp/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=27&Itemid=44>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Socialismo Libertário: <http://libsoc.dk/>

Stop Climate Chaos. We are. Disponível em: <<http://www.stopclimatechaos.org/about>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

Reclaim Power Pushing For Climate Justice. Camp for Climate Action. Disponível em: <<http://climatecamp.org.uk/actions/copenhagen-2009>>. Acesso em: 23 dez. 2010.

The Global Climate Campaign. The Global Day of Action. Disponível em: <<http://www.globalclimatecampaign.org/index.php?cmd=Main.ShowPage&name=Archive&lang=en>>. Acesso em: 23 dez. 2010.